

NELIA REGINA DOS SANTOS DE PAULO

**MOVIMENTOS DE EDUCAÇÃO POPULAR: um estudo sobre os
Pré-Vestibulares para Negros e Carentes do Estado do Rio de
Janeiro**

Dissertação apresentada ao Instituto
Universitário de Pesquisas do Rio de
Janeiro como requisito parcial para
a obtenção do grau de Mestre em
Sociologia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Carlos Alfredo Hasenbalg (Orientador)

Prof. Luiz Antonio Machado da Silva

Prof. João Feres Junior

Rio de Janeiro
2005

Á minha mãe.
Ao Fábio e ao Marcus, meus
filhos.
Ao João Jorge, companheiro
incansável e presença constante.

Aos alunos, aos professores e aos coordenadores dos Núcleos do PVNC que atenderam às minhas solicitações e se dispuseram a contribuir, narrando as suas histórias, o que propiciou a organização dos dados para este estudo. Cada informação, a mim fornecida, foi uma contribuição inestimável, por serem as fontes primeiras, enunciadas pelos que participavam do projeto, falando de si, de suas experiências, de seus esforços, dos seus sonhos, de suas expectativas, do seu trabalho. A vocês enorme gratidão. Aos amigos que fiz ao longo dessa jornada, gente valente que acredita no que faz, eterno carinho. Aos há muito tempo amigos, que sempre estiveram ao meu lado, sugerindo, ajudando, criticando, colaborando, revisando, e principalmente não me deixando desanimar, muito obrigada. Ao meu Orientador agradeço o apoio, a solidariedade e a confiança, pois me mostrou de maneira sábia que, somente a aplicação, a determinação, a humildade e a disciplina podem conduzir à realização de um trabalho produtivo. Ao Prof. Machado e ao Prof. João, obrigada pelas apreciações oportunas, valiosas e estimulantes. Aos meus irmãos, a gratidão pelo apoio.

“O dia 14 de maio foi festivo para grande parte dos escravos que saíram das senzalas. Durante a euforia predominante, supuseram que haviam conquistado a liberdade e que os caminhos da cidadania estavam abertos para eles” (MOURA).

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa cujo objetivo foi estudar os Cursos Pré-Vestibulares para Negros e Carentes, os PVNC, no Estado do Rio de Janeiro, entre os anos 2001/2002. Caracterizando-se como Movimento Social, o PVNC promove a capacitação de jovens e adultos para prestarem exame vestibular. Cada Núcleo do PVNC se constitui, segundo os sujeitos, num espaço coletivo de construção da identidade de afrodescendentes e pobres, em busca de ascensão social, por intermédio da educação superior. O projeto, desenvolvido por meio de trabalho voluntário, ao incentivar os jovens estudantes a ingressar na universidade pretende que eles se tornem novas lideranças, capacitadas para lutar contra o racismo e a exclusão social. Os Núcleos, localizados em locais dotados de recursos escassos, ao expandirem-se numericamente, ganharam espaço nos meios de comunicação e no interior das universidades. A visibilidade do PVNC está provocando novas discussões sobre relações étnico/raciais no Brasil, principalmente no que diz respeito às políticas afirmativas.

Palavras-chave: Relações Étnicas. Movimentos Sociais. Ações Afirmativas. Educação Popular.

SUMÁRIO

Introdução - De que forma as contradições podem resultar em reivindicações: o surgimento de manifestações concretas produzidas por grupos organizados.....	01
Capítulo 1 - Racismo e Educação no Brasil: a crônica de um problema crônico.....	10
Capítulo 2 - O Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC): a história de um Movimento Social de Educação Popular.....	25
Capítulo 3 - Identidade Étnica: o significado da disciplina Cultura e Cidadania.....	48
Capítulo 4 - A Carta de Princípios: o projeto político-pedagógico do PVNC.....	63
Capítulo 5 - Os alunos do PVNC: a caminhada em direção ao projeto de futuro.....	78
Capítulo 6 - Coordenadores do PVNC: compromisso, participação, voluntariado.....	95
Capítulo 7 - Professores do PVNC: da doação à militância.....	108
Considerações Finais - A Universidade não é mais a mesma.....	126
Referências Bibliográficas.....	136
Apêndices.....	141
Anexos.....	154

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Frequência de interrupções nos estudos dos estudantes do PVNC.....	19
Tabela 2 - Motivos pelos quais estudantes do PVNC atribuíram ter sofrido algum tipo de discriminação.....	22
Tabela 3 - Distribuição dos trabalhadores-estudantes do PVNC de acordo com a duração da sua jornada de trabalho.....	29
Tabela 4 - Distribuição dos trabalhadores-estudantes do PVNC de acordo com o seu salário mensal.....	30
Tabela 5 - As conseqüências de estudar para o exame vestibular e trabalhar ao mesmo tempo, segundo os próprios estudantes.....	31
Tabela 6 - Comparação da jornada de trabalho dos trabalhadores-estudantes afrodescendentes do PVNC, ocupados, por gênero.....	32
Tabela 7 - Comparação dos salários dos afrodescendentes do PVNC, ocupados, por gênero.....	33
Tabela 8 - Condições dos estudantes do PVNC em relação à sua manutenção durante o período de preparação para os exames vestibulares.....	34
Tabela 9 - Tipo de Escola de origem dos estudantes do PVNC.....	35
Tabela 10 - Tipo de Curso de 2º Grau freqüentado pelos estudantes do PVNC.....	35
Tabela 11 - Distribuição dos estudantes do PVNC, por curso de 2º Grau Profissionalizante cursado.....	36
Tabela 12 - Objetivos que os alunos do PVNC desejam alcançar após completar o curso superior.....	42
Tabela 13 - Opinião dos Professores e Coordenadores do PVNC sobre os temas das aulas de Cultura e Cidadania.....	51
Tabela 14 - Disciplinas da grade curricular do PVNC, por grau de importância de acordo com as indicações dos estudantes.....	52
Tabela 15 - A disciplina Cultura e Cidadania modificou-me porque.....	53
Tabela 16 - O que a Carta de Princípios representa para os Professores Voluntários do PVNC.....	69
Tabela 17 - Em que aspectos você considera inovadora a sua prática no PVNC.....	70

Tabela 18 - O que representa para os Coordenadores Voluntários do PVNC a Carta de Princípios.....	71
Tabela 19 - Tabela 19 - Quantas vezes você já tentou o vestibular?.....	81
Tabela 20 - Relação grau de instrução de pai e mãe dos estudantes do PVNC, por descendência.....	81
Tabela 21 - Cursos citados como 1ª opção pelos candidatos do PVNC ao exame vestibular.....	83
Tabela 22 - Razão da escolha do curso universitário pelos estudantes do PVNC.....	84
Tabela 23 - O que representa para os estudantes do PVNC ser universitário(a).....	86
Tabela 24 - Situação dos Coordenadores Voluntários do PVNC de acordo com a renda familiar declarada.....	96
Tabela 25 - Situação dos Coordenadores Voluntários do PVNC de acordo com a renda familiar mensal, por descendência.....	97
Tabela 26 - Situação dos Coordenadores Voluntários do PVNC de acordo com o local de moradia, por descendência.....	97
Tabela 27 - Situação dos Coordenadores Voluntários do PVNC por formação acadêmica e descendência.....	98
Tabela 28 - Cursos de Graduação freqüentados pelos Coordenadores Voluntários do PVNC por descendência.....	99
Tabela 29 - Opinião dos Coordenadores Voluntários do PVNC sobre o que os alunos irão conseguir ao concluírem o Curso Superior.....	100
Tabela 30 - O que os Coordenadores Voluntários consideram como prática inovadora do PVNC.....	101
Tabela 31 - Situação dos Professores Voluntários do PVNC, de acordo com sua formação acadêmica, por gênero e descendência.....	110
Tabela 32 - Situação dos Professores Voluntários do PVNC, por descendência.....	110
Tabela 33 - Situação dos Professores Voluntários do PVNC de acordo com o local de residência, por renda mensal familiar e descendência.....	111
Tabela 34 - Situação dos Professores Voluntários do PVNC, por descendência e disciplina lecionada.....	111
Tabela 35 - Expectativa dos Professores Voluntários do PVNC sobre o que os alunos conseguirão ao concluir o Curso Superior.....	112

Tabela 36 - Tipo de discriminação sofrida pelos estudantes de acordo com a opinião dos Professores Voluntários do PVNC.....	113
Tabela 37 - A percepção dos Professores Voluntários sobre os alunos dos Núcleos do PVNC	114
Tabela 38 - Professores Voluntários do PVNC entrevistados, por disciplina lecionada.....	115
Tabela 39 - Total de Professores Voluntários do PVNC que participaram da pesquisa, por disciplina.....	125

INTRODUÇÃO

DE QUE FORMA AS CONTRADIÇÕES PODEM RESULTAR EM REIVINDICAÇÕES: o surgimento de manifestações concretas produzidas por grupos organizados

“Preconceitos contra a cor, da parte de uns; contra a origem escrava, da parte de outros. Sob a pressão desses preconceitos desenvolvem-se em muito mestiço evidente complexo de inferioridade que mesmo no Brasil, país tão favorável ao mulato, se observa em manifestações diversas. Uma delas, o enfático arrivismo dos mulatos, quando em situação superior de cultura, de poder ou de riqueza” (FREIRE).

A partir de fragmentos de uma entrevista radiofônica, o Movimento Pré-Vestibular para Negros e Carentes surgiu como objeto de estudo. Na entrevista mencionada, dados esparsos foram colhidos e serviram para aguçar a curiosidade da ouvinte. O entrevistado, Frei Davi dos Santos, líder de um trabalho comunitário, falava sobre o atendimento a grupos de jovens e adultos que haviam completado o 2º Grau e desejavam ingressar na universidade. Frei Davi explicava ao repórter sobre os Cursos Pré-Vestibulares para Negros e Carentes criados por ele e seus colaboradores, em comunidades pobres, para atender a estes jovens. A entrevista radiofônica já demonstrava os efeitos desse trabalho de Educação Popular. Sob os ecos da entrevista, foram levantadas algumas hipóteses sobre o que estaria acarretando uma maior procura de alunos negros e com notórias dificuldades financeiras às universidades e como o ingresso desses alunos, de alguma maneira, estaria modificando as relações raciais/sociais no interior dessas Instituições. A denominação do curso Pré-Vestibular,

apresentado na entrevista, mais instigava a investigação. O que seriam exatamente os cursos Pré-Vestibulares para Negros e Carentes? Os núcleos, assim são chamados os locais onde funcionam tais cursos pré-vestibulares, existiam, na época, em pequeno número, localizados em pontos afastados e funcionando em condições que, inicialmente, dificultavam a coleta de informações mais detalhadas e precisas sobre a experiência posta em prática por diversos grupos comunitários.

Essa entrevista foi o primeiro sinal da existência de Pré-Vestibulares, em vários pontos da periferia e das favelas no entorno da cidade do Rio de Janeiro, que se propunham a levar os jovens e adultos das populações mais desprovidas e despreparadas à universidade.

Após algum esforço, conseguiu-se estabelecer contato com um Núcleo do PVNC. Dentre as informações conseguidas, a mais importante foi a de que o PVNC constitui-se num grupo organizado, possui uma Carta de Princípios, que funciona como seu projeto político-pedagógico, se concebe como um Movimento Social de Educação Popular e se atribui ser uma proposta de Ação Afirmativa.

Ao longo dos estudos, pôde-se observar que o número de Núcleos, em 10 anos, cresceu rapidamente em locais necessitados de escolas capazes de conduzir os jovens e adultos dessas localidades à universidade. Segundo depoimentos, foi por intermédio do trabalho comunitário, que vieram a ser atendidos os interesses e as necessidades de grande número de negros e carentes desejosos de uma escola adequada aos seus objetivos.

Como funciona o PVNC? Podemos denominá-lo de Movimento Social? Em sendo um Movimento Social, o seu foco central seria o resgate da cidadania dos brasileiros negros e carentes? Como isto se daria?

A orientação do PVNC parte de uma Carta de Princípios. Esta Carta elaborada pelo conjunto de seus participantes pioneiros é utilizada em todos os núcleos do PVNC e também em outros Pré-Vestibulares Comunitários. Está sendo usada como referência neste trabalho, a segunda versão da Carta, datada de 18 de abril de 1999. Alguns membros da Assembléia do PVNC esclareceram, em seus depoimentos, que a Carta de Princípios está em fase de reformulação, principalmente, para atender à necessidade de dinamizar o trabalho do Movimento Social.

Há uma ênfase especial sobre uma disciplina obrigatória na proposta pedagógica dos Prés, denominada Cultura e Cidadania, que de acordo com os conteúdos que fazem parte da disciplina, estabelece diretrizes quanto a discussões sobre relações raciais, consciência étnica e cidadania.

Nos primeiros contatos com os membros do PVNC, percebeu-se, pela simplicidade e clareza na exposição de objetivos dos informantes, que são pessoas comuns, que se uniram e se mobilizaram no sentido de alcançar uma melhor e mais adequada educação para si e para os seus, nos moldes da educação comunitária (BRANDÃO, 1980; DOIMO, 1984; LANDIM, 1998, 2000; SADER, 1988 e outros), ao mesmo tempo em que colocava em questão uma falha do sistema educacional brasileiro que, em sua estrutura formal, não facilitaria a trajetória

de estudantes afrodescendentes, em direção à universidade, impossibilitando, assim, a redução dos desníveis socioeconômicos na sociedade brasileira (TEIXEIRA, 2003).

Os relatos deixaram claro que o PVNC se propõe habilitar os estudantes ao ingresso nas universidades públicas, prioritariamente, em carreiras escolhidas pelos próprios alunos, como decorrência do trabalho gestado dentro do Movimento Social, sem qualquer ajuda externa, apostando na sua auto-suficiência, como forma alternativa de educação. Mas ficou também explícito que o movimento social ao incentivar estudantes afrodescendentes para que sigam carreiras de nível superior, preferencialmente em Universidades Públicas, tem a intenção, segundo seus dirigentes, de formar lideranças políticas entre as minorias étnicas. Daí o PVNC unir sua proposta educacional, à militância política e à luta anti-racismo o que justifica a escolha pelo coletivo de sua denominação: Pré-Vestibular para Negros e Carentes.

Diante do exposto, considerou-se importante estudar os sujeitos/atores deste Movimento, assim como examinar a literatura atual sobre Movimentos Sociais dessa natureza (DOIMO, 1984,1995; GHON, 1999a, 1999b, 2000; SCHERER-WARREN, 1983, 1996; VALE, 1996 e outros) e sobre Racismo (AZEVEDO, 1990; d `ADESKY, 2001; HASENBALG, 1997, 1998, 1999; LEHER, 2001; MOURA, 1988, 1989; MUNANGA, 1999; ROSEMBERG, 2003 e outros).

Percebeu-se uma ligação da Igreja Católica com o PVNC que vai até, aproximadamente, 1997 e dela resultou a ligação com a PUC-Rio que libera bolsas de estudo integrais para alunos oriundos do PVNC, convênio que perdura até hoje e que vem se ampliando para outras instituições particulares, desde 1998, por meio de outro movimento de

Educação Comunitária: a ONG Educafro, originada a partir da experiência do PVNC. A concessão dessas bolsas de estudo e seus efeitos na PUC-Rio provocou a produção de trabalhos investigativos nos meios acadêmicos, cuja atenção voltou-se para o PVNC e para os efeitos da inclusão de seus alunos na Universidade (CANDAU, 1999, 2000 e 2002; GRIN, 2001; RANDALL, 2003 e outros).

Mudanças têm ocorrido nas universidades públicas, onde os pesquisadores buscam explicações para o fenômeno Pré-Vestibulares Populares cujos alunos, preparados por estes cursinhos, estão chegando às suas salas de aulas. Este estudo sobre o PVNC pretende chamar a atenção para algumas características desse Movimento Social que está vinculado a uma proposta de Educação Popular que pretende ir além da promoção dos estudantes nos exames vestibulares, demonstrando a intenção de ampliar as discussões sobre Racismo e Ações Afirmativas no Brasil, segundo o que foi firmado em sua Carta de Princípios.

Ao longo deste trabalho, espera-se saber um pouco sobre o Projeto PVNC que propõe a inclusão social de afrodescendentes cujas histórias de vida e trajetória escolar os aproxima mais da pobreza do que das posições de prestígio na sociedade brasileira e entender qual a sua percepção sobre o que o PVNC representa para eles.

Após frequentar, durante aproximadamente um ano e com certa regularidade, alguns Núcleos do PVNC, em pontos distintos do Estado do Rio de Janeiro: Cidade de Deus, Jacarepaguá, Jacarezinho, Duque de Caxias, Nilópolis, Petrópolis, São João de Meriti, Tijuca, Xerém, resolveu-se contar, diferentemente do que já havia sido dito e estudado sobre o Projeto, a sua dinâmica interna, a partir das falas dos próprios sujeitos do PVNC e registrar

qual o significado do PVNC para eles. O objetivo foi investigar, num universo de Pré-Vestibulares Comunitários, o PVNC como ação afirmativa para a inclusão social de afrodescendentes. Foram utilizados, como referenciais teóricos, os conceitos de Racismo e Anti-racismo, os conceitos de Movimentos Sociais e o conceito de Ação Afirmativa.

O trabalho de pesquisa ocorreu durante os anos de 2001 e 2002. Foram estabelecidos, neste período contatos frequentes com os militantes do PVNC, algumas aulas de Cultura e Cidadania foram observadas, além das aulas de outras disciplinas. Horas de conversas informais foram estabelecidas com os componentes da Assembléia dos PVNC, além da participação em algumas das reuniões promovidas durante esse período. Os momentos de aproximação com os sujeitos do Movimento Social ocorreram sempre em espaços que pertenciam ao PVNC e em situações promovidas pelo Movimento. No momento considerado apropriado foram aplicados aproximadamente 150 questionários. Os questionários foram distribuídos nos Núcleos da Cidade de Deus, Nilópolis, Tijuca e Xerém, dos quais 120 foram respondidos por 76 alunos, 24 professores e 20 coordenadores de quatro diferentes Núcleos. A devolução desses questionários auxiliou a traçar um perfil dos membros atuantes dos PVNC considerados e propiciou um entendimento maior de suas realidades e quais as suas expectativas quanto ao seu futuro. Os resultados do tratamento do questionário permitiram caracterizar os participantes do Movimento PVNC. Além dos questionários respondidos, foram feitas, aproximadamente, 20 horas de entrevistas nos Núcleos da Cidade de Deus, Tijuca e Xerém com 21 respondentes, envolvendo 9 alunos, 7 professores e 5 coordenadores. Embora o universo pesquisado não possa ser considerado como significativo para generalizações, foi a população com a qual se pôde contar para esse trabalho. As entrevistas ocorreram sempre nos próprios núcleos do PVNC. No período entre 2001 e 2004, foram armazenados alguns documentos elaborados pelo PVNC que serviram de ajuda para uma

maior compreensão das propostas do Projeto, além de outros documentos relativos a movimentos sociais e ao emprego de ações afirmativas.

O capítulo I foi dedicado à revisão do tema Racismo e Educação no Brasil e Políticas Afirmativas. As Políticas Afirmativas ainda são objeto de estranhamento da população brasileira, negra ou não. Pretendeu-se destacar que, historicamente, o ingresso dos negros na escola sempre foi um problema para a população negra e como o racismo sempre presente, ora de forma velada, ora ostensivamente, interfere na trajetória de vida dessa população.

No capítulo II, considerou-se pertinente recorrer aos conceitos de Movimento Social, particularmente, os Movimentos Sociais dos anos 90, numa tentativa de visualizar o PVNC como tal, em sua forma de atuação, de organização e estruturação. Teve-se a intenção de entender até que ponto os Cursos Pré-Vestibulares Populares se tornaram importantes para o atendimento das demandas das populações pobres de periferia. Nascido no interior das comunidades de baixa renda, assumindo a representação de uma minoria étnica, baseado no voluntarismo que emerge dessas comunidades, o PVNC mobiliza os participantes desse projeto. Esses protagonistas permanecem engajados nas propostas do movimento de educação popular, mesmo após alguns deles já estarem freqüentando a universidade ou já terem concluído o curso superior.

No capítulo III recorreu-se aos depoimentos dos diferentes sujeitos do PVNC para constatar como a disciplina denominada Cultura e Cidadania, que é adotada nos núcleos, por meio dos conteúdos sugeridos e trabalhados coletivamente, consegue induzir os representantes desse grupo minoritário, de modo geral portadores de baixa-estima, ao resgate

de sua cidadania e de busca de uma identidade étnico/racial que, construída durante sua estada no PVNC, poderá modificar a sua vida futura, por meio do ingresso na universidade.

No capítulo IV, a tarefa foi conhecer a Carta de Princípios do PVNC considerada como projeto político-pedagógico do Movimento. Esse documento, produzido pelo coletivo do Movimento com a intenção de normatizar o funcionamento do projeto, foi examinado sob o ponto de vista dos sujeitos que fizeram parte da pesquisa.

Os capítulos V, VI e VII apresentam quem são os alunos, coordenadores e professores do PVNC, respectivamente. Buscou-se, por meio de suas falas, de suas respostas a algumas indagações, apreender suas expectativas, suas dificuldades e suas esperanças para alcançar o que foi denominada sua “utopia racial” (GRIN, 2001), por meio do ingresso na universidade.

Nas Considerações Finais, o som das falas e os depoimentos colhidos entre os participantes do Movimento serviram de pano de fundo para a análise do noticiário mais recente da imprensa; para a leitura e análise de documentos que têm sido, ultimamente, expedidos pelas Universidades; para a constatação da incidência de alguns temas que têm sido colocados nas pautas de discussão das Assembléias do PVNC; para a elaboração de reflexões sobre o que vem acontecendo nas Universidades a partir do ingresso dos alunos do PVNC; para a repercussão de eventos que têm sido produzidos na Universidade e que têm contado com a presença do PVNC.

Este estudo confirmou, de um lado, um fato singular: a intenção do PVNC em se caracterizar como Movimento Social e como por meio de suas ações adquiriu visibilidade não

só na sociedade brasileira como no exterior. Por outro lado, confirmou que o ingresso dos estudantes do PVNC está acarretando mudanças no interior das universidades que, a partir desse novo quadro da realidade brasileira, não é mais a mesma. Grupos de jovens e adultos, que compõem o PVNC estão apropriando-se dos saberes necessários ao seu ingresso na universidade, tornando-se universitários e criando, para a universidade e para o governo, situações de fato. Tais situações estão gerando a inclusão de novos tópicos de discussão nas agendas das universidades, dos governos e da sociedade civil.

Concluiu-se que o Movimento Social, mesmo com uma estrutura organizacional tão simples, conseguiu por meio de sua proposta político-pedagógica, atualizar as discussões sobre as relações étnicas e educacionais no Brasil. Teses e dissertações elaboradas durante o período que cobre este estudo (GRIN, 2001; NASCIMENTO, 1999; OLIVEIRA, 2001) demonstraram a preocupação em compreender e explicar o PVNC no bojo das tantas iniciativas populares com vistas ao ingresso de minorias na universidade. A verdadeira discussão, ao se tomar o PVNC como objeto, é indagar como os recentes movimentos sociais de ação afirmativa estão provocando novas formas de interação social na sociedade brasileira contemporânea.

CAPÍTULO 1

RACISMO E EDUCAÇÃO NO BRASIL: a crônica de um problema crônico

“Certas pessoas vêem as diferenças de cor da pele de tipo de cabelo entre as raças e acreditam que elas representam profundas diferenças biológicas. Na apenas isso, mas admitem também que essas diferenças são responsáveis por todo tipo de comportamento em pessoas de raças diferentes” (AZEVEDO).

O racismo contra o negro interfere de inúmeras formas na trajetória de vida das populações negras brasileiras. Não há aqui uma disposição de usar um tom de denúncia, mas, sim, fazer uma reflexão sobre quais as implicações da denominação Pré-Vestibulares para Negros e Carentes, num projeto que se destina a preparar estudantes para os exames de ingresso na universidade. É propósito, também, abordar a discussão sobre herança cultural dos brasileiros que, embora sejam, freqüentemente, protagonistas de situações racistas em suas relações sociais, consideram-se não-racistas e pertencentes a uma sociedade ideal, uma “democracia racial”. As críticas sobre a denominação do Pré-Vestibular para Negros e Carentes¹, vista como uma manifestação de racismo ao contrário, foram umas das muitas reações à escolha do tema para este trabalho. Essa reação demonstra que o racismo está presente nas relações sociais entre brancos e não-brancos, no Brasil, em pleno século XXI.

¹ Utilizar-se-á, ao longo desse trabalho, a sigla PVNC ao citar o Movimento Social Pré-Vestibulares para Negros e Carentes.

O que poderá auxiliar na explicação dos efeitos das manifestações de racismo contra os afrodescendentes? Quais as perspectivas de futuro dos afrodescendentes quando relacionadas à sua condição de pobreza? No Brasil o racismo dificulta aos não-brancos, principalmente, os negros e pardos assumirem sua identidade social/racial e, ao mesmo tempo, competirem na aquisição de postos na sociedade de classes, industrializada e globalizada, em igualdade de condições. Para alguns brasileiros, o racismo pode ser tratado como uma herança escravista que, ao longo do tempo, acabará por ser suprimido das relações sociais. É uma questão de tempo. Em contrapartida, no Brasil, o racismo é utilizado como um instrumento de perpetuação dos lugares sociais; dessa forma, suprimi-lo, deixa de ser apenas uma questão de tempo, porque ele é entendido como um instrumento simbólico de promoção das hierarquias sociais. Portanto, erradicá-lo não significa apenas dar visibilidade às suas manifestações. Poderia ser eficiente, nas lutas anti-racistas, uma proposta de equidade (d'ADESKY, 2001) no tratamento das minorias. O tratamento equitativo das minorias étnicas se efetivaria por meio de estudos aprofundados das desigualdades produzidas socialmente. Esses estudos poderiam servir para ampliar o conhecimento objetivo das populações discriminadas e garantir as demandas de participação dos grupos minoritários, igualmente, na utilização dos bens materiais e simbólicos da sociedade. Acrescente-se que, quando se estuda, conjuntamente, a pobreza e a afrodescendência no Brasil, encontram-se argumentos que definem o grau de educação escolar como um dos fatores que podem aliviar o estado de penúria das pessoas, mas não, necessariamente, disponibiliza a elas todos os bens produzidos pela sociedade, nem as “branqueia”. Ao examinar os depoimentos dos sujeitos do PVNC, pôde-se tomar conhecimento das realidades trazidas por eles, as quais desafiam o entendimento de que uma provável eliminação da estreita relação entre cor e pobreza, a partir do ingresso na

universidade, não modifica, milagrosamente, a história de vida dessas pessoas e dos que estão à sua volta (TEIXEIRA, 2003).

O PVNC, de acordo com os conteúdos da disciplina Cultura e Cidadania, aponta a discreta presença de negros e pardos no topo da hierarquia social e política do país e, ao mesmo tempo, enfatiza o quanto essa ausência é significativa.

A Carta de Princípios faz alusão aos conceitos de “exclusão social” e “inclusão social”. Tais conceitos usados na descrição da educação escolar praticada no Brasil identificam-na como excludente. Para os sujeitos do PVNC que participaram da elaboração da Carta, a educação escolar se realiza sob o signo da exclusão, porque os valores veiculados pela escola, muitas vezes, não são compatíveis com os valores trazidos da convivência familiar dos estudantes, sejam eles da Escola Fundamental ou da Universidade. O significado do termo “inclusão social”, dentro da proposta do Movimento Social seria, então, o ingresso dos estudantes na universidade e sua participação como militantes nas lutas anti-racismo.

As categorias de análise de pertencimento étnico, ou seja, negros, pardos, mestiços, afrodescendentes, afro-brasileiros, não-brancos e outras servem para provocar a discussão sobre o porquê classificar e hierarquizar, socialmente, aqueles que são desiguais, mesmo quando alguns deles ascendem social e intelectualmente. Os professores responsáveis pelas aulas de Cultura e Cidadania nos PVNC desafiam os estudantes a perceber qual a sua visão de mundo, levando-os a identificarem-se como membros ativos, social e politicamente da sociedade a que pertencem. Nos núcleos, durante as aulas é trazida para a sala de aula essa temática, já que o projeto visa também combater o racismo e a exclusão racial/social.

Os professores da disciplina Cultura e Cidadania refletem com os seus alunos o porquê dos negros, em sua maioria, não se manterem na escola até às últimas séries do ensino fundamental, assim como não se cogita de sua presença nas salas de aula de uma universidade. Poucas são as indagações sobre a sua ausência ou sobre o reduzido contingente de negros nos cursos superiores, principalmente, naqueles de maior prestígio e reconhecimento social (TEIXEIRA, 2003). É uma questão intrincada, numa sociedade urbano-industrial, estruturada em classes sociais, constatar que a maioria dos negros não está, verdadeiramente, integrada a este sistema e não lhes é necessária a educação escolar integral, pois, dificilmente, assumirão funções importantes ou posições que exijam tomadas de decisão. Será que deve prevalecer no Brasil, a crença de que os negros nas relações étnico/raciais estão fadados a ocupar as posições subalternas? Qual o papel da escola na permanência dessa situação desigual?

A ausência numérica, principalmente dos negros, no sistema educacional brasileiro, nos níveis superiores, é a prova de uma diferenciação educacional para uma parcela importante da população brasileira. No percurso dos estudantes negros e pobres da educação fundamental à universidade, percebe-se a desigualdade de oportunidades. Verifica-se um reduzido acesso dos negros e pardos dos setores populares urbanos e rurais ao sistema educacional, como resultado de um afunilamento na educação fundamental e média (para meninos e meninas) tornando cada vez mais difícil superar a barreira do nível ao qual pretendem ascender. Quais as causas dessa desigualdade? Para Hasenbalg (1999, p. 31):

[...] a presença desproporcional de pretos e pardos na base da hierarquia social deve-se, em parte, à sua maior concentração numérica nas regiões menos desenvolvidas do Brasil. Além dessa desvantagem locacional, os efeitos de práticas racistas fazem-se sentir em todas as fases do ciclo de vida dos não-brancos. É nas etapas desse ciclo, que precedem o ingresso no mercado de trabalho, que pretos e pardos têm limitadas suas oportunidades educacionais. À menor dotação de

educação, recurso cada vez mais importante na competição por lugares na estrutura ocupacional, acrescenta-se os resultados da discriminação racial no próprio mercado de trabalho, fechando-se o círculo vicioso que confina pretos e pardos em posições sociais subordinadas.

Pressupondo-se que a escola é o espaço onde as ações pedagógicas terminam por contribuir para a perpetuação da discriminação, a causa pode ser a omissão quanto ao que ocorre no dia-a-dia da sala de aula e a indiferença dos educadores que veiculam conteúdos didáticos, muitas vezes permeados por discursos discriminatórios (ROSEMBERG, 1998). Muitas vezes, os docentes não percebem que a pura transmissão de conteúdos, sem a devida visão crítica do significado destes conteúdos, traz para os educandos uma visão monocultural² da realidade. Para o racismo no Brasil ser discutido, no âmbito da educação, dois aspectos devem ser enfatizados: o acesso à escolarização e as propostas anti-racistas na educação brasileira.

O acesso à escola como problema crônico da educação dos afrodescendentes no Brasil, para ser entendido, necessita da resposta a uma pergunta: quando os escravos libertos ou os descendentes de escravos foram aceitos na escola? Acredita-se que no final da escravidão, em 1888 e com a instalação da República, em 1889. Primeiro, o acesso se dá pelas escolas profissionalizantes e, posteriormente, os negros ingressam nas escolas primárias públicas. Entretanto, a permanência nos bancos escolares para a população negra, vai ser a parte mais difícil da sua escolarização em função da necessidade de ingressar prematuramente no mundo do trabalho. Num sistema que seleciona quem pode progredir nos diferentes níveis escolares, deve-se reconhecer que nos anos 90, as chances de escolarização se ampliaram, assim como as desigualdades sociais deslocaram-se para os

² A discussão sobre a escola e a diversidade cultural aparece nos estudos multiculturalistas. Ver dentre outros Candau, 1999, 2000, 2002; Gomes, 2003.

níveis mais elevados de ensino (SILVA, 2000). O PVNC surge, com uma demanda de ensino superior para os menos privilegiados, no momento em que as últimas séries do ensino básico e o ensino médio sofrem uma expansão acentuada tendo absorvido um quantitativo maior das populações de periferia. Entretanto, não se pode afirmar que, por esse motivo, as desigualdades tenham se diluído. O acesso aos níveis mais altos de ensino ainda não está democratizado. A escola padece de um problema crônico: a alta seletividade. Os movimentos de educação popular, o PVNC com suas ações, estão tentando minimizar as desigualdades na escolarização da população brasileira.

Quanto às propostas anti-racistas são as ações afirmativas que vão começar a ser implantadas no Brasil. A que mais suscitou discussões e debates foi o sistema de cotas empregado na universidade como uma das formas de combate à discriminação racial. Embora, segundo Hasenbalg (1998), a desigualdade racial seja inicialmente gerada na escola e as crianças negras recebam menos educação que as crianças brancas, mesmo quando fazendo parte do mesmo estrato ou classe social, cada vez que se propõe superar essa desigualdade, na prática, os brancos consideram injusta a utilização das cotas como forma de compensar o ingresso desigual dos não-brancos na escola. Tais iniciativas talvez produzam a quebra do silêncio e o estremecimento das relações raciais harmônicas da sociedade da “democracia racial” no que diz respeito ao racismo relativamente silencioso que permeia as relações sociais no Brasil. Não pode ser negada a importância do sistema de cotas, mas as ações afirmativas não devem ser reduzidas apenas às cotas, o assunto ações afirmativas em suas diversas modalidades vem nos últimos anos ganhando destaque nos debates políticos e nas discussões sobre relações étnico/raciais.

O emprego de ações afirmativas mobiliza alguns educadores cuja atenção se volta para o contexto discriminatório em que a escola se transformou. Hasenbalg (1997), ao se reportar às desigualdades sociais/raciais, aborda a questão da repetência, do fracasso e do atraso escolar que atingem, de forma muito forte, crianças negras e pardas e que, conjugadas à entrada precoce no mercado de trabalho, tornam ainda mais grave o quadro da educação do negro no Brasil. Outro ponto assinalado por Hasenbalg (1997) diz respeito ao que se passa dentro da escola com relação não só aos conteúdos dos livros didáticos, o conteúdo curricular, mas, principalmente, ao sistema de representação social dos alunos negros e pobres do ponto de vista dos professores, cuja formação não leva em consideração a diversidade étnico-cultural da população brasileira e que, portanto, não está contemplada nas propostas curriculares. A partir daí, formam-se os estereótipos que dizem respeito à capacidade dos estudantes negros de assimilarem os conteúdos, reforçados pelos critérios oficiais da avaliação escolar. Os estudantes negros e pardos são os mais representados nas estatísticas sobre abandono da escola e repetência escolar. Ao considerar a entrada tardia do negro na escola, Hasenbalg (1997) diz que não se destrói esse gargalo no sistema educacional brasileiro. Esse fenômeno perpetua os principais mecanismos de transmissão intergeracional das desigualdades raciais. A escola da maneira como funciona continua contribuindo para a manutenção da baixa estima desse tipo de alunado. Observou-se ser essa a discussão sobre racismo que o PVNC, ao criar cursos preparatórios para a universidade, tenta gerar nas aulas de Cultura e Cidadania. Uma aluna após uma aula da disciplina declara sobre a desigualdade de ponto de partida na educação do negro e do pobre:

[...] eu sou negra da favela, eu tenho que competir para ir para aquela Faculdade, com currículo [...] as meninas falaram: mas você não tem que competir [...], mas eu tenho que competir porque os direitos são iguais, “ele” não tem culpa de ser rico e eu não tenho culpa de ser favelada. Mas eu acho que tenho que ter um governo que

me ajude, me prepare para disputar. Porque todos nós, ricos e pobres, somos cidadãos, o “cara” não tem culpa porque nasceu na Barra e eu na favela, eu não tenho culpa se eu quero [...].eu tenho o direito de disputar com ele, mas eu não tenho culpa dessa situação toda [...]

Esta declaração mostra a percepção desta aluna de que as suas condições de partida para chegar à universidade estão entremeadas de obstáculos que ela aponta, mas sobre os quais ela sabe não ter domínio.

Num estudo sobre raça e classe no Brasil, Hasenbalg (1999) faz uma análise sobre a participação dos ex-escravos e negros livres, no ambiente urbano e industrial, no período pós-abolição da escravatura. Usando como fonte tabulações especiais da Pesquisa Nacional por amostra de domicílios (PNAD) de 1988 o autor, constata a distribuição desigual dos grupos raciais no conjunto de grandes estratos ocupacionais. Os negros estão desproporcionalmente representados entre os trabalhadores da agropecuária e nos estratos manuais urbanos. Já, nos setores não-manuais, negros e pardos estão sub-representados no topo da hierarquia ocupacional. Hasenbalg aponta que é no conjunto das ocupações do estrato manual alto que os brasileiros não-brancos sofrem o maior grau de exclusão, pois é nesse estrato que *“o prestígio social e renda elevada são as recompensas que cabem a essas posições no plano simbólico e material”* (1999, p. 27). De acordo com os dados coletados pelo autor, apenas 3 em cada 100 pessoas pretas e pardas ocupadas têm acesso às posições de maior prestígio social. Para o autor, é a educação que vai intermediar a mobilidade ocupacional dessas pessoas. Essas constatações reafirmam que o acesso de negros a postos importantes nas elites brasileiras está longe de se concretizar, sequer em médio prazo, a não ser que algum tipo de movimentação na sociedade venha a encurtar a distância social entre os brancos e os não-brancos brasileiros. Iniciativas dos Movimentos de Educação Popular e Políticas de Ações Afirmativas, postas em prática, comprometem-se a promover a diminuição da distância social, mas, certamente, ainda encontram opiniões

contrárias. Na seção de Cartas dos Leitores do Jornal “O Globo” de 23/02/03, assim se expressa um leitor se reportando ao surgimento de *um novo Quilombo*:

Daqui a alguns anos a UERJ será um novo quilombo, somente com negros e pardos. Não haverá nem a mistura de raças, pois o que concluí é que haverá um desestímulo dos não-negros a prestar vestibular em condições tão desiguais. O casal que se formam entre os universitários será somente de negros, os filhos serão negros e assim vai. O que não se percebe é que o nível dos alunos oriundos de escolas públicas não é o mesmo dos de escolas particulares, logo, o ensino da universidade teria que se adequar (baixar?) ao nível deles. Vejo aí total falta de estímulo para os brancos. E mais: não estão sendo enganados negros e pardos, que sairiam com um canudo embaixo do braço, mas com capacidade diferente?

Pelo teor da carta deste leitor, pode-se perceber que, o fato de os escravos negros serem vistos como elementos servis, faz com que as relações sociais, ainda hoje, somente possam ser estabelecidas a partir da condição de inferioridade do negro. Há que se levar em conta, também, a percepção de que, mesmo quando se ampliam as oportunidades educacionais, os que mais se beneficiam destas oportunidades não são os negros e pardos. A forma como a escolaridade é adquirida nem sempre se traduz em ganhos sócio-culturais. Daí, os movimentos de Educação Popular, ao se apresentarem como alternativos, evidenciam que a condição da suposta inferioridade intelectual dos negros está enraizada no imaginário das instituições formais de ensino. A capacidade de resistência dos afrodescendentes acaba sendo comprovada por meio das propostas que dão oportunidades de uma educação diferente da oferecida pela escola formal. Os idealizadores do PVNC consideraram a inserção no seu projeto da discussão sobre racismo importante para a aceitação da diversidade étnica na sociedade brasileira. Mas por que discutir sobre racismo e anti-racismo, num curso pré-vestibular? É necessário trazer esse assunto para o cotidiano dos núcleos? Nas conversas com os sujeitos do PVNC observou-se que algumas indagações são feitas dentro do Pré-Vestibular, quanto às práticas da escola formal que podem auxiliar no seu posicionamento quanto às situações de discriminação racial.

Como a escola lida com as questões relacionadas ao racismo, à superação do racismo, à discriminação racial? Como a escola considera a existência da identidade dos sujeitos que nela estão se inter-relacionando? Estas questões envolvem o sistema de representação dos professores com relação aos alunos negros e pobres (HASENBALG, 1997). Tais professores são oriundos das antigas escolas normais estaduais, cuja formação os levou a um conhecimento pautado numa educação modelo, destinada a uma determinada classe social, numa escola modelo, para alunos modelos. Quando esses professores foram levados a uma prática pedagógica com crianças negras e pobres, a realidade para eles gerou uma perspectiva negativa quanto ao desempenho desses alunos e, como profecias que se auto-realizam (Ibid, 1997), tornou-se óbvio para os professores que, para esse tipo de aluno, nenhuma prática pedagógica funcionaria. O desconhecimento dos alunos inviabilizava qualquer iniciativa de trabalhar com eles da forma consagrada pelos padrões estabelecidos pela educação formal. Então, o que funcionava para estes alunos era a pedagogia do fracasso, resultando no inevitável abandono da escola face às práticas discriminatórias no interior dela. Os estudantes são protagonistas de manifestações de racismo, embora para muitos o racismo seja invisível, o que pode estar retratando o processo de alienação provocado pelas teorias do *branqueamento*.

Os organizadores do projeto PVNC perceberam que o sistema educacional mantém, por meio das propostas curriculares em vigor um tratamento padronizado entre os estudantes, ignorando a diversidade cultural³ entre eles, mesmo quando sugerem uma prática de inclusão social nas escolas. O descaso que muitos brasileiros sofrem na escola gera, pela forma como a educação escolar é praticada, o abandono prematuro ou a interrupção dos estudos. Entre os

³ Para Candau (2002) o projeto do PVNC traz uma proposta multiculturalista.

pesquisados dos PVNC, 35,5% já interromperam os estudos algumas vezes, o que significa atrasos na sua escolaridade. A tabela 1 mostra a frequência com que os estudantes do PVNC pararam e retornaram aos estudos durante sua vida escolar.

Tabela 1 - Frequência de interrupções nos estudos dos alunos do PVNC

Interrupções nos estudos	Nº de alunos	%
1 vez	18	66,7%
2 vezes	5	18,5%
3 vezes ou mais	4	14,8%
	27	100,0%

Estas interrupções na trajetória ocorrem, normalmente, na época do ingresso no 2º Grau (SPOSITO, 1989). Para alguns jovens esse fato coincide com a inserção no mercado de trabalho, o que os faz optar, em virtude de suas condições socioeconômicas, entre o estudo e o trabalho. Situações como essas vão fazer com que surjam, na década de 90, iniciativas de educação comunitária que poderiam ser classificadas como formas de resistência. Comunidades pobres do Estado do Rio de Janeiro encontram formas de atender aos seus iguais nas suas necessidades de cuidados educacionais, desde a criação de creches comunitárias até projetos como o PVNC para atender a necessidade de educação dos jovens e adultos que anseiam pela mobilidade social ascendente. A escola formal reproduz um sistema institucionalizado de classificação social cujas hierarquias com seus recortes correspondem aos diferentes estratos sociais e admite que as especialidades e disciplinas refletem também as divisões sociais (ITANI, 1998). As ações comunitárias, os trabalhos voluntários das populações carentes superpõem-se ao trabalho da escola formal, criando maneiras próprias de fazer educação. As comunidades mal atendidas pelo poder público, embora tenham escolas, negam e rejeitam as práticas dessas escolas que acabam dificultando a permanência em

condições de igualdade dos afrodescendentes e dos pobres, numa progressão de escolaridade que siga do ensino básico à universidade. Os trabalhos comunitários, de acordo com as suas condições, promovem um esforço para prover de educação aqueles que durante sua vida escolar sofreram, ou podem vir a sofrer descontinuidades no seu processo de aquisição de conhecimentos. Embora exista uma predisposição de tornar a educação brasileira inclusiva, isso não parece ser suficiente para modificar os resultados das suas práticas escolares. A escola, não se assume como um espaço onde existem preconceito e discriminação, funciona compartilhando estereótipos com relação ao negro, sem que ninguém se veja como portador de atitudes racistas, prevalecendo a omissão (BARCELOS, 1992).

O PVNC reúne os afrodescendentes que compõem um grupo, historicamente, inferiorizado e os convoca para um trabalho participativo por mais e melhor educação, pois acreditam que a liberação da posição de subalternidade poderá efetivar-se pelo seu ingresso num curso superior. Os estudantes do PVNC, que estão entrando gradativamente na universidade neste início de século, estão sendo preparados, assim afirmam os estudantes dos cursinhos, para assumir, de forma mais consciente, as discussões sobre racismo, sobre exclusão, sobre desigualdade dentro das universidades. Percebeu-se, nesse trabalho que o projeto do PVNC quer afirmar o lugar dos negros na sociedade, para que possam assumir melhores postos profissionais dos quais são apartados, e ampliar a importância da sua participação política. Esta é, no PVNC, uma tarefa bastante complexa, pois aparece como extensão da proposta principal do movimento que é a de preparar os estudantes para entrar na universidade. Para o cumprimento dessa tarefa parece ainda serem necessários muitos esforços. Uma aluna fala sobre sua posição anti-racista:

Então a gente tem que tomar essa consciência de que nós somos diferentes sim, né? É que a gente tem que mudar essa posição: ser negro, né, mesmo, e assumir isso [...] que somos diferentes, mas, nós temos que ficar junto com eles (brancos) já que nós somos, pelo menos, a metade da população [...]

Os 76 estudantes foram indagados sobre se já haviam sofrido algum tipo de discriminação, 38,1% responderam afirmativamente, 57,8% responderam que não e 3,9% não responderam. Constatou-se que, no grupo de 58 afrodescendentes, 52% não souberam responder à pergunta. Por que será que mais de metade dos sujeitos não perceberam os efeitos da discriminação racial?

A tabela 2 apresenta a frequência de respostas de 29 estudantes à questão: *se você sofreu algum tipo de discriminação relate*. Essa pergunta buscava saber como os estudantes que se sentiram discriminados percebiam o motivo da discriminação. Dos respondentes, 9 atribuíram a discriminação à sua aparência pessoal.

Tabela 2 – Motivos pelos quais estudantes do PVNC atribuíram ter sofrido algum tipo de discriminação

Motivos atribuídos pelos estudantes	respostas
Pela aparência	9
Por ser nordestino	3
Por falta de instrução	2
Por ser mulher	1
Por estudar e trabalhar simultaneamente	1
Por estudar no PVNC	1
Pela idade	1
Por morar longe	1
Por preconceito racial	1
Declararam não saber relatar	8
Total	29

Um dos resultados das relações não resolvidas, entre o discriminador e o discriminado, recentemente, foram os grandes protestos contra a implantação da política de cotas em 2003, no exame vestibular da Universidade do Rio de Janeiro, a UERJ, que foram amplamente divulgados pelos meios de comunicação.

Barcelos (1992) relaciona algumas pesquisas em educação que mostram ser possível intervir nos procedimentos que tornam a escola geradora da seletividade social. Pesquisas sobre os efeitos da ausência de uma denominada “cultura afro-brasileira” do currículo escolar; sobre a origem socioeconômica dos afrodescendentes, de por que os negros frequentam escolas de baixo padrão de rendimento; sobre o ambiente escolar em dimensões como racismo no livro didático (FARIA, 2000; NOSELLA, 1981; SILVA, 2001) e práticas discriminatórias no processo pedagógico.

O PVNC preocupado em produzir ações que reduzam as desvantagens na educação dos afrodescendentes no documento, “O PVNC e as Políticas de Ação Afirmativa” produzido pelo seu coletivo e apresentado em Assembléia Geral em setembro de 2002, usa o termo *ação afirmativa* para caracterizar o projeto do Pré-Vestibular. O PVNC se propõe a ser um projeto de ação afirmativa embora, no Brasil, esse conceito ainda seja passível de discussões.

Hasenbalg (1997), ao se referir ao termo *ação afirmativa* no Seminário sobre Multiculturalismo e Racismo, aponta, dentre outros comentários, para a dificuldade de implementação de políticas afirmativas no Brasil. Reportando-se às relações raciais no

Brasil, relações de caráter muito peculiar, Hasenbalg argumenta que as experiências de ações afirmativas levadas a efeito em outros países se deram em contextos em que as divisões entre raças e etnias estão definidas objetivamente. O que não parece ser o caso do Brasil.

O PVNC se propôs a desenvolver um projeto que assegurasse a aplicação das ações afirmativas, no qual os sujeitos envolvidos adquirissem uma identidade étnico-cultural, promovessem a formação de uma comunidade significativa de sujeitos que se autodefinissem como afrodescendentes e que fossem social e politicamente reconhecidos como tal. Nesse caso, a diferença transformar-se-ia em fonte de compensação e reparação.

Mas, qual o significado das ações afirmativas para um curso pré-vestibular preparatório para estudantes negros e carentes que desejam ir para a universidade? Sobre ações afirmativas Gomes (2003, p.27) diz o seguinte:

As ações afirmativas podem ser definidas como um conjunto de políticas públicas e privadas de caráter compulsório, facultativo ou voluntário, concebidas com vistas ao combate à discriminação racial, de gênero, por deficiência física e de origem nacional, bem como para corrigir ou mitigar os efeitos presentes da discriminação praticada no passado, tendo por objetivo a concretização do ideal de efetiva igualdade de acesso a bens fundamentais como a educação e o emprego.

Para o PVNC serão as ações afirmativas, assim definidas por Gomes (2003) que auxiliarão na produção de uma representatividade expressiva dos grupos afrodescendentes e pobres, cuja meta seria eliminar as práticas discriminatórias e incentivar os jovens a buscar a concretização de seus projetos de futuro, principalmente, no que diz respeito à educação.

Os Núcleos utilizam-se dos meios de que dispõem, o voluntariado, para lidar com as condições desfavoráveis para a ascensão social dos afrodescendentes, no Brasil. Apresenta sua proposta de Educação Popular como ação concreta para a promoção da mobilidade social ascendente dos estudantes do PVNC. Para os sujeitos do PVNC, as políticas de ação afirmativa serão sempre bem-vindas, pois, direcionadas para a extinção das desigualdades.

As políticas de ação afirmativa devem incluir um leque, um “cardápio” de ações em diferentes áreas de atuação, envolvendo o mercado de trabalho (setor público, setor privado e o terceiro setor); as compras e contratos governamentais; e a educação (ensino fundamental, médio e ensino superior) (HERINGER, 2002, p. 9).

Finalmente, acreditando ser a educação de negros e carentes um problema crônico na educação brasileira, seria importante refletir sobre como reverter esse quadro. Aos educadores, caberia uma reflexão sobre o que fazem nas escolas; aos legisladores, caberia indagar o que fica faltando para tornar a educação, na prática, verdadeiramente inclusiva; aos que necessitam de educação, perguntar se esta educação serve e, se não, o que se deve fazer para torná-la adequada às suas necessidades. Serão os movimentos de educação popular os únicos instrumentos de inclusão educacional?

CAPÍTULO 2

O PRÉ-VESTIBULAR PARA NEGROS E CARENTES (PVNC): a história de um Movimento de Educação Popular

“[...] ser jovem, ser negra, estar no mercado de trabalho, serve ‘pra’ eles como uma forma deles se verem nesta condição. E o conteúdo que eu passo pra eles [...] dessa forma eles pensam assim: se ela conseguiu [...] Inclusive a felicidade muito grande de estar na UERJ e encontrar um ex-aluno do Pré-Vestibular cursando Engenharia Química. Achei muito legal, fiquei muito emocionada [...]” (trecho da entrevista com uma professora de Química do PVNC, graduada e licenciada em Engenharia Química pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002).

O objetivo deste capítulo foi narrar um pouco da história do PVNC como Movimento Social de Educação Popular. Abordou-se aqui como um segmento da população do Rio de Janeiro, composto de jovens negros e pobres, resolveu enfrentar o desafio de prestar exames vestibulares para ingressar na Universidade. Esses jovens fazem parte do Pré-Vestibular para Negros e Carentes que, nesses últimos dez anos, vem mobilizando ativistas voluntários, anti-racistas, a tornarem possível o ingresso de pobres e negros nas instituições de Educação Superior.

O movimento de Pré-Vestibulares Étnicos nasceu na Bahia com o nome de Pré-Vestibular para Negros, a partir de reflexões das entidades negras, como *“instrumento de conscientização, articulação e apoio à juventude negra da periferia de Salvador”*, afirmam os sujeitos que participaram do início do PVNC. É a experiência da Cooperativa Stevie Biko, fundada em 1992 com o objetivo de colaborar para a entrada de jovens negros

nas Universidades. O PVNC, no Rio de Janeiro, é oriundo dessas primeiras experiências desse tipo de proposta de Educação Popular.

A história do PVNC, na versão aqui narrada, está registrada em sua Carta de Princípios, datada de 1999, versão que é confirmada pelos sujeitos integrantes do Projeto e que circulava por todos os Núcleos visitados, à época da pesquisa. O PVNC surgiu no Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense, em 1993, em função do descontentamento de alguns educadores com as dificuldades de estudantes ao acesso às Escolas de Educação Superior, principalmente dos estudantes de grupos populares e discriminados. Foi seu idealizador o Frei Davi Raimundo dos Santos juntamente com seus colaboradores e fundadores do PVNC os professores Alexandre do Nascimento, Antonio Dourado e Luciano Santana Dias. O PVNC ao ser fundado, além de se dispor a ser um curso preparatório para os exames para a universidade, também visava a articulação de setores excluídos da sociedade para uma luta mais ampla pela democratização da educação e contra a discriminação racial. Seus fundadores trazem para o Rio de Janeiro as idéias germinadas no Projeto de Salvador. Um outro fator preponderante, para o seu surgimento, foi as reflexões dos católicos, em São Paulo, entre 1989 e 1992. Nesse período, e como resultado concreto dessas reflexões, a PUC – SP por intermédio do Cardeal Arcebispo Dom Evaristo Arns, concedeu 200 bolsas de estudos para estudantes participantes de Movimentos Negros. A partir daí, os pré-vestibulares comunitários vêm crescendo de modo acelerado em vários pontos do país e demonstram ser uma iniciativa pioneira em seus propósitos. Segundo dados da Secretaria Geral do PVNC, no ano de 1999, no Estado do Rio de Janeiro, estavam funcionando 124 pré-vestibulares comunitários em diferentes municípios e na Baixada Fluminense. A experiência da Bahia, as bolsas de estudo da PUC, concedidas aos estudantes negros e pobres contribuíram para a consolidação do PVNC no Rio de Janeiro.

O grupo que iniciou a organização do curso na Baixada Fluminense estabeleceu contatos com professores e com escolas para solicitar a cessão de salas para a realização das aulas, realizou trabalho de divulgação e reuniões com os primeiros alunos interessados na proposta. O curso recebeu o nome de Pré-Vestibular para Negros e Carentes e teve sua aula inaugural em 05 de junho de 1993. A proposta inicial do PVNC, segundo seus pioneiros, baseou-se em duas constatações: *“a péssima qualidade de ensino de 2º grau na Baixada Fluminense e o baixo percentual de estudantes negros nas universidades, menos de 2% dos*

estudantes, em 1993”, este dado consta da Carta de Princípios do Movimento. O primeiro Núcleo teve cerca de duzentas inscrições; dos inscritos, cem alunos começaram a estudar distribuídos em duas turmas. Verificou-se, na época, um considerável percentual de evasão dos alunos do grupo inicial, enquanto outros alunos se inscreveram durante o período de realização do curso, até os exames vestibulares. Esse curso encerrou, naquele ano, suas atividades, em novembro, com cerca de cinquenta alunos. Desses alunos, oriundos da 1ª turma do Pré, foram aprovados nos respectivos exames vestibulares: 1 aluna para a Universidade Federal Fluminense – UFF (Niterói) ; 1 aluno para a Universidade Federal Fluminense – UFF (Baixada) ; 1 aluna para a Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ e 4 alunos para a PUC – Rio. Ainda em 1993, a Coordenação do curso conseguiu isenções de taxa de vestibular para os candidatos à UERJ e à UFRJ e novas bolsas de estudo para os estudantes aprovados para a PUC – Rio.

A partir de 1994, com o sucesso e repercussão do trabalho realizado em 1993, outros grupos, entidades populares, entidades do Movimento Negro, Igreja e Educadores organizaram novos Núcleos de Pré-vestibulares Comunitários.

O ano de 1994 foi fundamental para o PVNC, ano de crescimento, de adesão de novos grupos, de novos núcleos, de muitas articulações, debates e deliberações coletivas: a Assembléia Geral, as Equipes de Reflexão Racial e Pedagógica, o Jornal Azânia e as aulas de Cultura e Cidadania.

De acordo com o coletivo do PVNC, esse projeto “*é um movimento de educação popular, laico e apartidário, que atua no campo da educação por meio da capacitação para o vestibular, de estudantes economicamente desfavorecidos, em geral e negros(as) em particular*”. Ou seja, o projeto, no entender de seus fundadores se propõe a se dedicar aos excluídos da universidade. A categoria *exclusão social* foi predominante no universo de análise sobre movimentos populares nos anos 90 (GOHN, 2000). A categoria passou a ter a mesma centralidade que as categorias *exército de reserva* ou *marginalidade estrutural*. Os estudos dos anos 90 deram total atenção aos excluídos e aos processos produtores desta exclusão, assim como tais estudos prenderam-se às formas de resistência construídas pelos excluídos. Uma dessas formas de resistência foi a criação do PVNC.

O PVNC é fruto do desejo de parte da sociedade civil por educação superior. Representa uma forma de educação popular que esteve presente, em várias manifestações de grupos organizados que agiam fora do sistema formal escolar. Foram as organizações não-formais de educação importantes agentes de educação popular no Brasil por volta dos anos 80. A educação popular como resposta a essa demanda foi organizada, em quase sua maioria, associando-se a instituições como igrejas, partidos políticos, sindicatos, associações de moradores e outros. Participaram também desses movimentos grupos de assessoria de pessoal das universidades ou de organizações não governamentais, as Ongs. Além disso, foram também agentes de demandas por educação, os movimentos anti-racismo que dirigiram suas campanhas por educação contra a discriminação racial (GOHN, 1999b).

A população, que buscou o PVNC, vive em locais onde a violência, a falta de atenção das autoridades, a miséria, a falta de infra-estrutura prevalecem no seu cotidiano. Alguns estão no mercado de trabalho e cursaram o primeiro e o segundo grau em Escolas Públicas. Precisam de ajuda para se sustentar e/ou sustentam suas famílias e, em sua maioria, são afrodescendentes.

Os dados coletados nesta pesquisa revelaram que 46,1% dos estudantes que freqüentavam o PVNC trabalhavam. Os 53,9% restantes estavam fora do mercado de trabalho, buscando uma ocupação, suprimindo as suas necessidades, mais prementes, por meio de pequenos serviços prestados a terceiros. Desses 35 trabalhadores-estudantes 40%, trabalhavam mais de 8 horas diárias, 34,3% trabalhavam 8 horas diárias e 25,7% trabalhavam menos de 8 horas diárias.

Tabela 3 - Distribuição dos trabalhadores-estudantes do PVNC de acordo com a duração da sua jornada de trabalho

Duração da jornada	Quantidade de trabalhadores	%
Trabalham mais de 8 horas diárias	14	40%
Trabalham 8 horas diárias	12	34,3%
Trabalham menos de 8 horas diárias	9	25,7%
Total	35	100,0%

Para os trabalhadores-estudantes que tinham uma jornada de mais de 8 horas, considerou-se importante apontar um provável prejuízo em relação ao tempo disponível para o estudo e o lazer, além do evidente desgaste físico que a sua extensa jornada de trabalho impunha, 37,1% destes trabalhadores-estudantes percebiam um salário mínimo (à época da pesquisa o valor do salário mínimo girava em torno de R\$ 200,00). Encontrou-se entre os estudantes ocupados 1 trabalhador voluntário que recebia uma ajuda de custo. Não foi encontrado nenhum trabalhador-estudante que percebesse mensalmente mais de R\$ 1 000, 00. A concentração de salários ficou entre R\$ 400,00 e R\$ 1 000,00 distribuídos entre 17 trabalhadores-estudantes. A distribuição aparece na tabela 4.

Tabela 4 - Distribuição dos trabalhadores-estudantes do PVNC de acordo com o seu salário mensal

Salário mensal	Quantidade de trabalhadores
Menos de 1 salário mínimo	4
1 salário mínimo	13
2 a 5 salários mínimos	17
Mais de 5 salários mínimos	–
Ajuda de custo por trabalho voluntário	1
Total	35

Entretanto, quando perguntados sobre o fato de terem de trabalhar e estudar ao mesmo tempo 23 trabalhadores-estudantes, cerca de 30,26%, responderam que essa era a garantia de continuidade para seus estudos. Pelo que se pôde apreender, os trabalhadores-estudantes alegavam que vencer as precárias condições sócio-econômicas era fundamental para que pudessem alcançar sua meta. Esta intenção estava sempre presente nos relatos e perpassava as conversas estabelecidas nos intervalos entre os períodos de aulas nos PVNC. Na tabela 5 foram registradas as opiniões dos trabalhadores-estudantes quanto à simultaneidade entre trabalho e estudo.

Tabela 5 – As conseqüências de estudar para o exame vestibular e trabalhar ao mesmo tempo, segundo os próprios estudantes

Estudar e trabalhar ao mesmo tempo é	Total de respostas	%
Poder garantir a continuação dos estudos	23	30,26%
Ter dificuldades para estudar a matéria	14	18,42%
Sofrer muito cansaço físico e mental	13	17,10%

Possível se outras pessoas (família, amigos) ajudarem	13	17,10%
Não ter tempo para a família	3	3,98%
Ter constantes problemas no trabalho	1	1,31%
Cansativo, mas gratificante	1	1,31%
Ter força de vontade	1	1,31%
Por necessidade	1	1,31%
Sem resposta	6	7,90%
Total	76	100,0%

O fato dos trabalhadores-estudantes terem problemas no trabalho por estudarem, não apareceu como um dado relevante o que significa que o desejo de ingressar na universidade faz com que os demais problemas sejam, de alguma forma, superados ou adiados como eles mesmos relatam. Sobre como conciliar trabalho e estudo uma aluna explicou:

[...] então consegui um jeito porque eu trabalho em ônibus, eu sou cobradora de transportes coletivos [...] depois de um ano inteiro batalhando, eu consegui um horário para folgar aos sábados e domingos [...] Mas também eu tenho que dobrar durante a semana pra poder folgar sábado e domingo [...] eu pego às 6,30 h da manhã e largo às 8,30 h ou 9,00 h da noite. [...] então, como eles dizem, eu tenho que dobrar para pagar o sábado que eu não trabalho, para eu não ficar devendo horas de trabalho [...] por um lado foi bom, porque eu posso ir para o Pré assistir às aulas, por outro, durante a semana, nem pensar em pegar no caderno, “tô” sentindo uma dificuldade muito grande.

Furlani (1998) se refere ao trabalhador-estudante, de modo geral, afirmando que nem todas as escolas regulares levam em consideração as condições do desempenho do aluno que trabalha e estuda. Geralmente, elas funcionam desprezando todos os compromissos que estes alunos têm que assumir como trabalhadores. Ao mesmo tempo, a Empresa empregadora, em geral, ignora os deveres que o trabalhador que estuda é obrigado a cumprir. O trabalhador-estudante sofre as contradições que envolvem o mundo do trabalho, numa sociedade capitalista. Em seus depoimentos, alguns trabalhadores-estudantes dos PVNC confirmam que podem passar por situações difíceis, mas declaram querer ultrapassar os problemas que elas acarretam e chegar à universidade.

Ao categorizar a população de estudantes pesquisados em dois grupos: afrodescendentes e não-afrodescendentes foram obtidos resultados interessantes que podem

gerar posteriores discussões, pois os estudantes do PVNC têm peculiaridades que devem ser consideradas quando se procura acompanhar o desenrolar da história do Pré-Vestibular.

Dos 76 alunos alvos da pesquisa, 76,3% se declararam afrodescendentes, enquanto, 21% se declararam não-afrodescendentes, 2,7% não responderam ao quesito. Ao tomar-se o total do grupo afrodescendente, 43,1% estavam ocupados. Ao analisar esse dado por gênero, obteve-se que 72% do total dos afrodescendentes ocupados eram do sexo feminino e 28% eram do sexo masculino. Na tabela 6 fez-se a comparação da jornada de trabalho dos trabalhadores-estudantes, por gênero.

Tabela 6 - Comparação da jornada de trabalho dos trabalhadores-estudantes afrodescendentes do PVNC, ocupados, por gênero

Jornada de trabalho	Homens	Mulheres
Mais de 8 horas	71,5%	27,8%
8 horas	-	44,4%
Menos de 8 horas	28,5%	27,8%
Total	100,0%	100,0%

Dentre os afrodescendentes ocupados, quando indagados quanto a sua carga horária de trabalho verificou-se que 27,8% das mulheres-trabalhadoras trabalhavam menos de oito horas diárias; 44,4% trabalhavam 8 horas e 27,8% trabalhavam mais de 8 horas diárias. Quanto ao rendimento das mulheres ocupadas, 44,5% recebem um salário mínimo; 33,3% recebem entre dois e 5 salários mínimos e, 22,2% recebem menos de 1 salário mínimo.

No grupo de homens ocupados, a sua carga horária de trabalho ficou assim distribuída: 71% trabalhavam mais de 8 horas diárias e percebiam entre 2 e 5 salários mínimos, enquanto, 28,5% dos homens ocupados trabalhavam menos de 8 horas diárias e ganhavam menos de 1 salário mínimo. Na tabela 7 fez-se a comparação dos salários por gênero.

Tabela 7 - Comparação dos salários dos afrodescendentes do PVNC, ocupados, por gênero

Salário	Homens	Mulheres
De 2 a 5 salários mínimos	71,5%	33,3%
1 salário mínimo	-	44,4%
Menos de 1 salário mínimo	28,5%	22,3%
Total	100,0%	100,0%

Os sujeitos do PVNC afrodescendentes do sexo masculino percebiam mais do que os do sexo feminino, embora, numericamente estivessem em desvantagem. As mulheres compunham um número maior de trabalhadoras, mas recebiam menos e trabalhavam quase que na mesma proporção que os homens. Esse fenômeno está confirmado em dados recentes do IBGE (2004), que mostram a acentuação das desigualdades quando se trata de mulheres negras. O homem branco recebe, em média, o dobro dos negros e duas vezes e meia o que ganham as mulheres negras. Em declaração ao jornal “O Globo” de 5 de junho de 2004, Maria Lúcia Vieira, economista do IBGE afirma que a diferença por cor é mais forte do que por gênero.

Comparando o grupo afrodescendente com o grupo não-afrodescendente obtiveram-se os seguintes resultados: 32,8% dos afrodescendentes estavam ocupados e 14,4% deles recebiam entre 2 e 5 salários mínimos, enquanto, 9,2% dos não-afrodescendentes estavam ocupados e 6,5% percebiam entre 2 e 5 salários mínimos. Nos dois grupos étnicos, estudados nenhum deles apresentou qualquer trabalhador-estudante que ganhasse mais de 5 salários mínimos. Observou-se que o PVNC é de grande relevância para aqueles trabalhadores-estudantes, cuja renda é muito baixa, pois eles colaboram com uma contribuição simbólica para o funcionamento do Núcleo e podem preparar-se para os exames vestibulares, fato que só é possível, porque a contribuição dada não compromete o seu pequeno salário. Além disso, por meio das ações do projeto, muitos estudantes têm garantida a isenção da taxa de inscrição cobrada pelas universidades, para que o candidato possa prestar as provas.

Dos estudantes pesquisados, 55,3% dependiam da ajuda de sua família ou de outras pessoas para se manterem, o que compromete não só a sua permanência no PVNC, como pode atingir o período em que este estudante ingressará na universidade. Na tabela 8 encontram-se as condições dos estudantes do PVNC em relação à sua manutenção durante o período de preparação para os exames vestibulares. Foram oferecidas aos estudantes opções para que fosse assinalada uma delas. A tabela registra a frequência das respostas.

Tabela 8 - Condições dos estudantes do PVNC em relação à sua manutenção durante o período de preparação para os exames vestibulares

Condições do estudante	Nº de respostas	%
Depende da ajuda da família ou de outras pessoas para se sustentar	42	55,3%
Ajuda nas despesas da casa	21	27,6%
É responsável pelo próprio sustento	7	9,2%
É responsável pelas despesas da casa	6	7,9%
Total	76	100,0%

Este é mais um ponto de estrangulamento no período de escolaridade dos estudantes do PVNC, ou seja, a sua manutenção nos cursos universitários. Se estes universitários, oriundos do PVNC, são pessoas que não trabalham, o desemprego agrava enormemente as suas possibilidades de se manterem no curso. Se forem pessoas ocupadas, trabalham muito, ganham pouco e ainda têm de dividir os seus ganhos com a família, o que significa ter que administrar muito bem a sua vida financeira. A mudança na vida desses estudantes se inicia com o ingresso no PVNC, no qual o trabalho em conjunto e as soluções coletivas minimizam alguns dos seus problemas, segundo depoimentos dos próprios estudantes.

Dos 76 pesquisados, 92,1% cursaram o Primeiro Grau na Escola Pública e 85,5% também o Segundo Grau. Esse resultado leva a concluir que Ações Afirmativas que beneficiem estudantes das Escolas Públicas irão, certamente, atingir aos estudantes do PVNC. A tabela 9 mostra a origem escolar dos estudantes.

Tabela 9 - Tipo de Escola de origem dos estudantes do PVNC

Tipo de Escola de origem	1º Grau		2º Grau	
	Nº de alunos	%	Nº de alunos	%
Pública	70	92,1%	65	85,5%
Particular	6	7,9%	11	14,5%
Total	76	100,0%	76	100,0%

A maior parte deles freqüentou o Segundo Grau regular. A tabela 10 mostra o tipo de curso de 2º Grau que os estudantes do PVNC freqüentaram.

Tabela 10 - Tipo de Curso de 2º Grau freqüentado pelos estudantes do PVNC

Seu Curso foi	Nº de estudantes	%
Regular	52	68,4%
Profissionalizante	22	29,0%
Outro	1	1,3%
Não respondeu	1	1,3%
Total	76	100,0%

A maior incidência de Curso Profissionalizante foi para o Curso de Formação de Professores. A tabela 11 mostra que cursos freqüentaram os 22 estudantes que optaram por uma profissionalização.

Tabela 11 - Distribuição dos estudantes do PVNC, por curso de 2º Grau profissionalizante cursado

Curso	Total de alunos
Formação de professores	8
Técnico de Contabilidade	6
Técnico de Administração	4
Auxiliar de Enfermagem	1
Supletivo	1
Não especificaram o curso freqüentado	2
Total	22

Segundo depoimentos dos alunos, esses cursos profissionalizantes, não os habilitaram para um bom desempenho nas disciplinas que são avaliadas nos exames vestibulares. Alguns dos conteúdos avaliados no concurso vestibular nem foram apresentados a eles, que só vão ter o primeiro contato com tais conteúdos no PVNC. Alguns desses estudantes, em decorrência do que foi dito acima, cursam o Pré-Vestibular várias vezes para conseguir se preparar para os cursos que desejam, ou escolhem um curso superior que exija menos conhecimentos específicos embora, em muitos casos, o curso escolhido talvez não seja o curso desejado por eles. A resposta de uma aluna sobre se as suas condições de vida influenciariam nas suas escolhas:

[...] mesmo que tivéssemos a aspiração pra fazer Medicina seria muito mais, infinitamente mais difícil. Primeiro, Medicina é em horário integral, você vai ter que trabalhar. Como você vai manter uma universidade assim? Você tem que ter alguém por trás [...] um mecenas, um patrocinador. Não dá! Você tem que optar por uma carreira que seja no curso noturno ou se for no período diurno, você vai trabalhar à noite. Tem que ser num determinado período. Então esquece Medicina e Engenharia que não é pra você! Então, você vai ficar com as outras carreiras, pode

ser Letras, pode ser Direito, que tem curso noturno [...] tem fatores que são menos importantes, mas que também influenciam que é a relação candidato/vaga, a pontuação, muitas vezes você quer entrar e não se importa com a carreira; mas muitas vezes você cai pro lado da vocação, porque não adianta você querer fazer uma coisa que você sabe que não vai gostar. Você vai fazer aquilo só por obrigação ou pelo salário. Então você não vai ser feliz nunca.

Se “*toda ação coletiva com caráter reivindicatório ou de protesto é movimento social, independente do alcance ou do significado político ou cultural da luta*” (SCHERER-WARREN, 1996), pode-se entender porque o PVNC se pretende como um movimento social de caráter reivindicativo, cujo projeto conta com o trabalho voluntário para atingir os seus objetivos. No presente estudo considerou-se que existe uma diferenciação entre o que seja um movimento social para as pessoas comuns, numa dada sociedade, e para os cientistas sociais (GOHN, 2000). Para as pessoas comuns, o movimento social é um todo homogêneo, elas atentam para o conteúdo da demanda em si, no caso dos sujeitos do projeto do PVNC é a garantia de uma vaga na universidade. Para os cientistas sociais, há necessidade de visão clara de todas as dimensões do movimento tais como crenças, valores, a dinâmica interna, suas diferenças internas, as práticas sócio-políticas desenvolvidas (GOHN, 2000). Para a autora, o movimento social refere-se às ações dos homens na história. Os movimentos sociais são uma das formas possíveis de mudança e transformações sociais. No PVNC, a Carta de Princípios propõe diretrizes para fazer dos sujeitos do projeto, aqueles que irão promover as transformações sociais.

Em conversa com uma coordenadora sobre a proposta comunitária do PVNC, ela declarou:

O PVNC difere muito de outros Pré-Vestibulares porque as pessoas que estão aqui têm um interesse maior. Têm um propósito em comum e encontram pessoas que têm o mesmo objetivo [...] A maioria de nós ouve de outras pessoas que nós não vamos conseguir, que nós não vamos passar nos exames, porque a nossa escola (pública) teve greves [...] Aquelas historinhas todas [...] e aqui todo mundo está cansado de ouvir isso. A gente vai, e se junta para poder falar que a gente vai conseguir sim. Uma coisa marcante ficou para mim. Foi numa das aulas de Cultura e Cidadania, quando eu ainda era aluna aqui. Veio uma palestrante, psicopedagoga que nos disse: vocês são pobres que deram errado. E isso eu tenho até hoje. A gente é o pobre que deu errado porque queremos lutar pelos nossos direitos, estudar[...]

O projeto de educação do PVNC tem a intenção de auxiliar os estudantes a assumir uma identidade étnica, uma clara noção de cidadania e a importância da valorização da sua

cultura. O PVNC busca o “empoderamento” dos sujeitos que a ele estão ligados. Alexandre Nascimento um dos fundadores do PVNC no Rio de Janeiro declara:

[...] com o PVNC a organização de pré-vestibulares populares assumiu uma composição de movimento de massa. Um movimento de massa que foge da lógica da representação, ou seja, que não quer ser representado na política, quer fazer política, produzindo subjetividades e ações a partir de outros referenciais, como a experiência histórica do quilombo. A prática do PVNC não é de representação, mas de potencialização e empoderamento dos setores populares. (junho / 2003)

Um participante do Pré-Vestibular Apoio Mútuo, um Pré-Vestibular Popular Comunitário, afirma:

Nós acreditamos que é possível fazer do movimento social Pré-Vestibular Popular ou Comunitário um movimento social que tenha a pretensão de desenvolver ações de transformação, impulsionar a mobilização coletiva e gerar debates públicos, em torno das demandas da população pobre e oprimida do nosso país, o que é, na verdade, pensar criticamente e agir transformadoramente sobre a sociedade brasileira e sua realidade. Mas aí é onde queremos chegar e até lá é preciso percorrer um longo caminho. (PRÉ-VESTIBULAR APOIO MÚTUO, 2002).

Uma referência para o entendimento de como funciona o PVNC é a sua organização. O PVNC, desde sua criação, está organizado em Núcleos. Em cada Núcleo funciona um Curso Pré-Vestibular. A reunião de todos os Núcleos constitui o projeto. Cada Núcleo possui uma coordenação composta por professores, alunos e pessoas da localidade onde o Núcleo está implantado. Essa coordenação, baseada no voluntariado, possui obrigações distribuídas entre os diferentes sujeitos que integram o Núcleo, tornando-os responsáveis pelo seu funcionamento. Funcionam em espaços cedidos em escolas municipais ou estaduais, igrejas, centros comunitários dentre outros. Surgem da iniciativa de residentes de uma dada comunidade. Em conversa com uma coordenadora de um Núcleo ouviu-se o seguinte relato:

O nosso Núcleo surgiu em 1997, julho de 97. Muitas pessoas daqui da comunidade já haviam terminado o segundo grau há muito tempo e estavam querendo tentar o vestibular, mas sem condições financeiras de bancar o pré-vestibular pago. Eu terminei o segundo grau em 1985, fiquei muito tempo sem estudar. Em 97 quando começou o Pré-Vestibular a gente estudava direto, a gente estudava de segunda a segunda. A nossa primeira turma fez um “intensivão”, a gente já havia perdido seis meses”. Eram aulas nos finais de semana direto, mas a gente estudava dia de semana também. Até então nós não éramos filiados ao PVNC. Aqui na comunidade a gente fazia parte de um grupo teatral comunitário, o Grupo Teatral Raízes da Liberdade, que fazia um trabalho com as crianças e adolescentes, para levar lazer às crianças cujos pais trabalhavam fora. Nós tivemos esse trabalho durante muito tempo aqui dentro, no Centro Social e Urbano. Nós fazíamos intercâmbio com

outras comunidades. Assim nós íamos levando nossa vida, até que chegou um momento que não dava para viver só de artes ... então a gente montou o nosso Pré-Vestibular, pedimos assentamento e fomos aceitos.

Esse relato mostra que, na verdade, cada Núcleo tem a sua própria história e as histórias dos diversos Núcleos é a história do PVNC.

A convocação de alunos para freqüentar os Núcleos do PVNC, geralmente, é feita por meio de divulgação boca-a-boca ou são afixadas faixas anunciando a abertura de vagas para estudantes que tenham concluído ou estejam concluindo o segundo grau, preferencialmente, em escola pública e estejam interessados em cursar o pré-vestibular. Os candidatos às vagas se dirigem à coordenação para preencher um formulário de inscrição. São ofertadas, aproximadamente, 50 vagas correspondendo à formação de uma turma em cada Núcleo. Alguns Núcleos, devido a uma grande procura inicial chegam a formar duas turmas com aproximadamente 50 alunos cada. Quando aceitos no curso, os alunos devem contribuir com uma taxa mensal correspondente a um valor que oscila entre 5% e 10% do salário mínimo vigente na época. A quantia arrecadada é utilizada para a manutenção das despesas do Núcleo com material de uso constante como giz, apagador, papel para cópias xerox ou para ajudar no transporte daqueles professores que necessitarem.

A coordenação é responsável pela seleção dos alunos que irão freqüentar o Núcleo. Essa seleção obedece a critérios que estão definidos na Carta de Princípios. O provável candidato recebe um texto explicativo sobre o projeto. Após a leitura, se o candidato concordar com as propostas ali contidas, preenche um formulário com o pedido de inscrição. O formulário preenchido pelo candidato além de coletar informações pessoais sobre ele, solicita informações sobre sua percepção sobre problemas sociais e raciais. A última etapa da seleção é uma entrevista individual do candidato com a coordenação.

Após aceitos, os candidatos passam a freqüentar os Núcleos que funcionam, em sua maior parte, nos fins de semana, normalmente, o dia inteiro de sábado com um intervalo para almoço e, no domingo pela manhã até a hora do almoço. Alguns Núcleos funcionam à noite, das 19 às 22 horas e aos sábados pela manhã. As aulas são ministradas por professores

voluntários que se revezam na sala de aula com a interveniência dos coordenadores que combinam, previamente, com os professores, dias e horários. Os coordenadores têm o compromisso de manter constante comunicação com os professores. Essa tarefa é preferencialmente executada por aqueles coordenadores que possuem telefone. Os Núcleos, em sua maioria, não têm telefones em suas instalações. Quando falta algum professor, é comum, um aluno mais seguro dos conteúdos estudados, assumir a aula e ajudar os colegas em suas dúvidas. Os estudantes quando sentem necessidade de reforço nas matérias, formam grupos de estudo. Às vezes solicitam a ajuda dos professores. Os grupos de estudo acontecem, normalmente, aos sábados e/ou aos domingos, na parte da tarde. Os professores, além das aulas, elaboram material complementar que é repassado para os estudantes pelos coordenadores, os responsáveis pela reprodução desses materiais.

Pelo que se pode observar a seleção para ingresso no PVNC ao contrário do que seria usual, não é um processo meramente burocrático. Pelos requisitos exigidos, a seleção aponta para um tipo específico de aluno para integrar o projeto do PVNC. Por meio da seleção levada a efeito nos núcleos, os estudantes aceitos para cursar o Pré-Vestibular devem apresentar um perfil de sujeitos com um certo potencial de mudança, dispostos a participarem como agentes na transformação do seu cotidiano e em busca de sua cidadania plena. Esses *novos atores sociais* (SADER, 1988), surgidos dos movimentos sociais dos anos 90, querem, por eles mesmos, ser os artesões de suas novas vidas. Para exemplificar as intenções desses *novos atores sociais*, ao ser perguntado “*Por que você deseja ingressar na Universidade?*” Um aluno respondeu:

Ascensão profissional, né, quer dizer, melhorar de vida[...] Mas não é só o aspecto profissional. A gente de classe baixa passa muita injustiça, muita submissão, você fica bem à margem mesmo! Você[...] praticamente lhe negam e lhe tiram todos os direitos. E o que eu gostaria de fazer na Universidade é justamente Direito. Porque eu acho que eu tenho brigado muito na minha vida comum com este aspecto jurídico, sempre estou envolvido nesta questão de justiça, estou correndo atrás para alguém ou ajudando alguém. E eu vi que posso fazer mais por mim e pelos outros.

Uma aluna, para quem foi formulada a mesma pergunta, respondeu:

Bom[...]há algum tempo a Universidade para mim era uma coisa inatingível, né. Eu achava que a Universidade, a Faculdade[...] enfim o Curso Superior não seria para uma menina como eu, de classe baixa, né, negra[...] não tinha esses objetivos. Eu faria só o segundo grau para conseguir o suficiente para eu sobreviver. Só que depois de um tempo eu passei a perceber o seguinte: que estava faltando alguma

coisa mesmo, né. Tava vendo as pessoas ascenderem, os negros se movimentarem, né, querendo conquistar alguma coisa, e eu tava parada, prá trás, e tinha outras dificuldades também, financeiras, um montão de coisas, mas eu achei. Aí, quando eu descobri o PVNC, eu descobri que essas coisas não são barreiras mais, né. Descobri que é só estudar, batalhar que a gente consegue atingir. Eu tenho essa fome de conhecimento. Eu quero conhecer as coisas, eu acho que o Curso Superior é ideal para isso.

As falas dos sujeitos do PVNC demonstram que eles desejam, com suas ações, poder transformar o sentido do saber a seu favor e executar o seu projeto de vida, agregando um novo significado para a informação, para o conhecimento e para a cultura, buscando a sua inclusão social. Eles querem assegurar a sua oportunidade de estudar. Esses sujeitos que ultrapassaram barreiras e conseguiram cursar o 2º Grau, ao inscreverem-se no PVNC, constroem uma trilha de retorno ao sistema formal de educação, só que não mais como um aluno isolado e provavelmente fadado ao fracasso, mas como um sujeito coletivo (SPOSITO, 1984). E como esse processo se dá? Pelos movimentos comunitários, particularmente, aqueles como o PVNC, que tomaram força a partir da adesão dos sujeitos que se dispuseram a lutar por seu ingresso na Universidade, utilizando-se de ações solidárias.

Foi perguntado aos alunos, incluindo aqueles que interromperam os estudos em algum momento e depois voltaram a estudar, qual o objetivo deles em cursar o nível superior. Segundo suas respostas, 38,6% desejavam mudar a sua vida pessoal e 28,4% desejavam poder ajudar outras pessoas dando continuidade a algum tipo de trabalho comunitário. A participação no projeto popular parece, neste caso, influir nos planos de futuro dos alunos. A tabela 12 discrimina os objetivos que levam os alunos do PVNC a desejar ingressar na universidade. Como esta pergunta oferecia aos respondentes opções fechadas, colocou-se, neste quesito, a possibilidade de outras respostas que também foram consideradas.

Tabela 12 - Objetivos que os alunos do PVNC desejam alcançar após completar o curso superior

Objetivos	Número de alunos	%
Mudar a sua vida pessoal	28	36,86%
Poder ajudar outras pessoas	21	27,64%
Melhorias no trabalho atual	7	9,22%
Ser valorizado socialmente	5	6,58%

Ter melhorias no trabalho atual; poder ajudar outras pessoas; mudar a sua vida pessoal; ser valorizado socialmente	5	6,58%
Ter mais chances no mercado de trabalho	2	2,64%
Ser uma pessoa melhor	1	1,31%
Ser bom profissional	1	1,31%
Adquirir independência	1	1,31%
Ter adquirido algo que é gratificante	1	1,31%
Realização pessoal	1	1,31%
Realização profissional	1	1,31%
Ter melhorias no trabalho atual; poder ajudar outras pessoas, mudar a sua vida pessoal	1	1,31%
Realizar um sonho	1	1,31%
Total	76	100,0%

O PVNC seria então o resultado da mobilização de grupos compostos por indivíduos que isolados, sentiam-se incapazes de provocar mudanças substantivas nas suas vidas e na vida de sua comunidade que, ao se unirem, perceberam possibilidades de atingir os objetivos que traçaram para si. O PVNC estruturado pelas ações do seu coletivo fez com que o projeto adquirisse consistência e que os sujeitos envolvidos, não só desejassem, mas, buscassem aproximar-se cada vez mais da conquista da sua “*utopia*” (SCHERER-WARREN, 1996).

O PVNC se faz presente em diversas manifestações da sociedade civil, como forma de reforçar a proposta de engajamento no seu projeto de cidadania. Se o ingresso na universidade é o marco estabelecido pelos sujeitos estes se colocam em busca de reforço que lhes permita superar os limites da realidade existente em direção ao que eles denominam “*uma vida melhor*”. Os Pré-Comunitários, como os pré-vestibulares populares se denominam, não se consideram apenas cursinhos pré-vestibulares com a função de promover o ingresso de seus alunos na Universidade. O Pré-Vestibular Comunitário Apoio Mútuo declara: “*O Pré-Vestibular[...] é um coletivo composto por professores e estudantes, sendo uma organização de caráter educacional para ação política*”. (Carta de Princípios, 2001).

Na literatura sobre movimentos sociais, a proposta de o povo construir sua própria história emerge da atuação de intelectuais militantes de esquerda e com um peso decisivo dos setores progressistas da Igreja Católica. No início do projeto do PVNC, era efetiva a presença da Religião Católica, em função de um dos seus fundadores, Frei Davi Raimundo dos Santos, pertencer à Igreja Católica. Essa proximidade com o catolicismo foi visível durante algum tempo, à semelhança de tantos outros movimentos de educação popular.

Durante a pesquisa, quando feita a indagação aos entrevistados sobre a vinculação do PVNC com a Igreja houve unanimidade na negação da participação das Pastorais Católicas, de integrantes das Igrejas Protestantes, de seguidores de Cultos Afro-Brasileiros ou de outras seitas e crenças nas ações do projeto. Pelas declarações dos sujeitos não existe, na atual estrutura do PVNC, nenhum vínculo com a Igreja Católica ou com outras Igrejas ou Seitas. A vinculação entre o Projeto Social e a Igreja Católica, existente quando da fundação do PVNC, se rompeu com a saída do Frei Davi do Projeto do PVNC. Nestes dez anos de funcionamento, o crescimento do projeto produziu, no seu interior, disputas no comando do Movimento até que em 1998 a ruptura das lideranças do projeto provocou o afastamento do Frei Davi Raimundo do Santos. Lopes (s/d) num artigo relata a causa do afastamento do seu principal fundador:

Quando, influenciados pela experiência do pré-vestibular Stevie Biko da Bahia, a primeira equipe de coordenadores do PVNC aliou o trabalho voluntário à discussão racial. Mal imaginava que estava inaugurando uma das iniciativas educacionais mais bem sucedidas dos últimos anos. Em pouco mais de um ano já havia dezenas de pré e a necessidade de organização se tornou evidente. Um Conselho começou a ser esboçado e, com um espaço desse tipo, as disputas políticas começaram a acontecer. A questão do financiamento externo talvez tenha sido o embate mais importante do pré, não só pelo número e pela intensidade de envolvimento das pessoas, mas, principalmente, pela composição dos grupos de conflito: o primeiro, o dos defensores do financiamento era formado por alguns dos fundadores do projeto (inclusive o Frei Davi) e o segundo grupo, contrário ao financiamento por achar que o PVNC seria dominado, era formado majoritariamente pelos alunos. Um curioso conflito entre a base e a direção com a inacreditável derrota destes últimos.

Frei Davi, favorável ao ingresso de recursos financeiros externos para dar força à proposta de educação popular, abandonou o PVNC ao se ver derrotado por suas idéias, criou a EDUCAFRO, uma ONG sediada no Rio de Janeiro, também na Baixada Fluminense, em Duque de Caxias. É grande a sua expansão, principalmente no Estado de São Paulo. Não será estudada aqui a ONG EDUCAFRO pelo fato de que seus rumos seguem em direção diversa dos rumos do PVNC, projeto do qual foi oriundo.

O PVNC estabelece-se, a partir daí, como uma proposta de educação popular comunitária e, principalmente, auto-sustentável fazendo da recusa categórica de qualquer auxílio externo, o marco de sua autonomia quanto aos seus propósitos e suas posições políticas isentas de cooptação. A negação do institucional confere ao PVNC um poder que se baseia no apoio mútuo do coletivo, que legitima as suas tomadas de decisão. Após a separação

de um dos seus mais importantes líderes, a organização do projeto centra-se em duas reivindicações imediatas: a aquisição, por parte dos sujeitos, de uma identidade social positiva e o seu ingresso na Universidade Pública, o que tornaria esses sujeitos cidadãos ativos e mais atuantes na sociedade brasileira. Os sujeitos conduzem o PVNC como um projeto coletivo, que propõe suas ações baseadas na conjugação dos seus projetos pessoais.

Na investigação feita, não foi possível estabelecer uma relação entre os Movimentos Negros Tradicionais e o PVNC. Uma Coordenadora relatou que no seu Núcleo houve a preocupação de se fazer um levantamento sobre quem seria militante de algum movimento negro. Obtiveram como resposta uma participação insignificante dos sujeitos daquele Núcleo na militância de Movimentos Negros Tradicionais.

Embora seja também um dos objetivos do PVNC lutar contra a exclusão social, representada pela discriminação racial contra os negros e pobres, a sua relação com outros Movimentos Negros não ocorre de forma sistemática. Este ponto, certamente, pode ser aprofundado em estudos posteriores. Segundo depoimento de um sujeito do PVNC, o Pré não se conecta com os Movimentos Negros Tradicionais, porque a proposta do PVNC é, em primeira instância, voltada tanto para a educação popular como também uma forma de combate ao racismo, enquanto os movimentos negros propõem uma prática, predominantemente política, nas relações étnico/sociais. Uma Coordenadora entrevistada declara sobre uma possível articulação com os Movimentos Negros Tradicionais:

[...] nenhuma articulação[...] Se não me engano, foi no ano retrasado, porque a gente tem todo ano a nossa aula inaugural, a gente sempre abre as inscrições em janeiro, as aulas começam no final de fevereiro[...] a gente convida inúmeras pessoas. Já tive gente do IPCN, já vieram algumas pessoas aqui, mas[...] como amigos, não representando a entidade. Vieram aqui e tudo para assistir como é que era a nossa aula inaugural.

Com uma década de existência, o PVNC tem sido um desafio, apresentando-se como paradigma de resistência, além de produzir com suas ações, os mais acalorados debates sobre ações afirmativas. A relação dos negros e pobres com a educação formal, quando olhada sob o ponto de vista do conhecimento oficial (APPLE, 1997), revela uma inadaptabilidade destes alunos aos saberes escolares comprovada pelos seus altos índices de fracasso. Combater essa

visão enviesada do desempenho das populações minoritárias levou os fundadores do PVNC a questionar a incidência do fracasso escolar desse grupo e reunir argumentos para provar que a representação social dos negros e pobres baseada no fracasso é a que melhor serve à nossa sociedade competitiva onde existe um alto nível de desigualdade nas relações sociais.

As respostas dos questionários aplicados aos sujeitos de 4(quatro) Núcleos do PVNC: Cidade de Deus, Nilópolis, Tijuca e Xerém e, as respostas às entrevistas de 28 sujeitos dos Núcleos da Cidade de Deus, Tijuca e Xerém ajudaram a entender como os estereótipos sobre a sua capacidade intelectual atingem a sua trajetória escolar. Essa visão equivocada os leva a abandonar escola ou a interrupções intermitentes na sua escolarização. A escolaridade, “acidentada” dessas populações, reforça a percepção negativa deles mesmos com relação ao seu próprio desempenho acadêmico. Essa representação negativa, presente nas relações sociais, parece estar sendo enfatizada, no momento atual, quando as discussões sobre os sistemas de cotas adotados no Estado do Rio de Janeiro, uma ação afirmativa de largo alcance, têm provocado reações indignadas da sociedade. Um claro exemplo do estranhamento da sociedade brasileira, com relação às disputas raciais, pode ser constatada por meio da consulta às Cartas dos Leitores de um jornal diário carioca, do qual transcrevemos intervenções de leitores sobre o tema racismo e ações afirmativas :

[...] Está na hora de acabarmos com essa bobagem enorme de que o Brasil é um país racista, que discrimina os negros e coisas do gênero⁴. Em nenhum país do mundo as diferentes minorias vivem tão harmoniosamente como aqui... o fato de os negros não terem a mesma renda de brancos e pessoas de outras etnias decorre da estrutura social e não da cor da pele do cidadão, e portanto programas de privilégios baseados em cor de pele — reserva de vagas e outros — e não em condição social só acabariam por criar um ódio racial onde hoje não existe. (Niterói, RJ, 12/12/03) ;

[...] Não se pode negar a desigualdade social e suas conseqüências diversas para os mais pobres, porém um olhar mais atento naquilo que tange ao racismo, especialmente aquele que se direciona aos negros, nos leva a revisitar a História e dela colher os inúmeros discursos de desqualificação que nos foram construindo como sujeitos que renegam suas origens africanas, folclorizando e banalizando suas culturas ancestrais e milenares. (Rio, 12/12/03).

⁴ Grifo meu.

No espaço que se produz entre estas duas linhas opinativas que se cruzam, historicamente, vamos encontrar o Pré-Vestibular para Negros e Carentes. As posições diferenciadas anti-racismo estão sendo postas em cheque, bem como as ações afirmativas que vão informar as políticas públicas. A recorrente desconstrução das propostas de mudanças, nas relações raciais/sociais, acaba por ser permanente foco de discussão na disciplina implantada no PVNC denominada Cultura e Cidadania, da qual falar-se-á mais adiante.

As 20 horas de entrevistas corroboram as experiências escolares desses sujeitos, alguns portadores de uma representação negativa de si mesmos, reforçada pelos currículos, pelos conteúdos, pelo sistema de avaliação, pela cultura elitista da/na escola. O movimento Social PVNC, ao marcar a sua atuação nas comunidades de periferia, se propõe a desmistificar as representações sociais que desprivilegiam os elementos culturais dos afrodescendentes e apresenta formas alternativas de apropriação dos saberes necessários ao ingresso de negros e carentes nos cursos superiores como uma maneira de representá-los neste setor da sociedade, até então, vedado a eles. De maneira discreta e silenciosa o PVNC vem construindo a sua história e tentando se construir como Movimento Social e ajudando a construir as histórias dos sujeitos que dele participam.

CAPÍTULO 3

IDENTIDADE ÉTNICA: o significado da disciplina Cultura e Cidadania

“Os alunos brancos e ricos vão falar que você tirou uma vaga da namorada deles” (Frei Davi dos Santos in Jornal O Globo, domingo, 17 de novembro de 2002).

Neste capítulo, importou buscar na prática do PVNC o significado da disciplina Cultura e Cidadania. Procurou-se saber como a aquisição da identidade étnica pelos sujeitos do PVNC estava vinculada aos conteúdos propostos por essa disciplina que faz parte da grade curricular do PVNC.

Em todos os Núcleos, a disciplina Cultura e Cidadania destacava-se na dinâmica pedagógica dos Prés. Os debates estabelecidos durante as aulas dessa disciplina eram apontados como muito importante para o posicionamento de alunos e professores ante as suas realidades, segundo depoimentos dos estudantes do Projeto, a disciplina Cultura e Cidadania era fundamental para sua preparação porque diferentemente do que acontece nos Pré-vestibulares que se dedicam especificamente ao adestramento dos estudantes para prestarem os exames para as Universidades e Escolas Superiores, os PVNC agregam à parte propedêutica a discussão política sobre identidade individual e coletiva dos seus membros.

A Carta de Princípios do PVNC (1999) determina que:

[...] o trabalho pedagógico do PVNC não deve ser uma mera extensão do automatismo da educação. A coordenação, alunos e professores devem fazer do PVNC um espaço alternativo para se discutir e aprofundar as grandes questões que angustiam a sociedade, priorizando a questão das relações étnicas. Para isto foi criada a matéria Cultura e Cidadania.

E ainda, para enfatizar a importância da disciplina Cultura e Cidadania a Carta afirma:

O objetivo da matéria Cultura e Cidadania é realizar um amplo debate social-histórico, no sentido de potencializar as ações político-culturais dos educandos e educadores do PVNC, a partir de valores humanitários e socialistas (solidariedade, igualdade e respeito aos seres humanos) e na perspectiva de desenvolver um trabalho de conscientização e formação de militância para as lutas populares por democracia e justiça social.

Cabe aqui destacar que o projeto se propõe a viabilizar o seu posicionamento sobre *as relações étnicas* e, ao mesmo tempo, enfatizar a *formação de militância para as lutas populares*. Para realizar esta tarefa a Carta requer que os sujeitos se apoiem nas atividades desenvolvidas nas aulas de Cultura e Cidadania.

A observação mostrou que o que ocorria nas aulas de Cultura e Cidadania eram debates sobre os mais diversos problemas que, de alguma maneira, atingiam aos sujeitos do PVNC. As conclusões dos debates, afirmavam os que deles participavam, auxiliavam na formação da sua identidade étnico-social. Para essa disciplina é destinada uma carga horária semelhante à das outras disciplinas que integram os exames pré-vestibulares. Seguindo a Carta de Princípios, os temas que são propostos em Cultura e Cidadania são fruto de um planejamento participativo. Durante o período de aulas, convites são feitos a pessoas especializadas em relações étnicas. Entretanto, esta não era a única estratégia utilizada pelos Coordenadores dos Núcleos. A participação de profissionais de diferentes áreas que vinham trazer suas experiências, a apresentação de pessoas que, de alguma forma, tinham ligação com a proposta do PVNC, demonstrava que o importante, nesses momentos destinados ao debate, era ajudar na construção da identidade do grupo, na valorização de si mesmos e dos seus iguais, bem como, provocar reflexões sobre as formas de desigualdade social.

Indagou-se aos professores das diferentes disciplinas sobre sua participação nas aulas de Cultura e Cidadania, 66,7% responderam que participavam das aulas, 29,2% não participavam enquanto que 4,1% não responderam à pergunta.

Foi perguntado a professores e coordenadores qual a sua opinião sobre os temas abordados nas aulas de Cultura e Cidadania. A tabela 13 apresenta as opiniões desses sujeitos. Como esta pergunta apresentava as opções de resposta foi computado o número de vezes que cada opção foi assinalada.

Tabela 13 - Opinião dos Professores e Coordenadores do PVNC sobre os temas das aulas de Cultura e Cidadania

Opiniões	Nº de indicações
Ajudam na formação de opinião sobre assuntos atuais e polêmicos	22
Conferem ao PVNC características de Movimento Social	15
Trazem à luz informações sobre multiplicidade de culturas e diversidade étnica	10
Provocam posicionamentos políticos contra o racismo	3
Aprofundam a discussão sobre relações étnicas	2
Privilegiam o ato de ouvir e aceitar o que não pode ser mudado	1
Despertam o senso crítico	1
As aulas identificam o PVNC como ação afirmativa	1
Não opinaram	3
Total	58

No montante das indicações de professores e coordenadores, a opção sobre a temática das aulas “*trazem à luz informações sobre multiplicidade de culturas e diversidade étnica*” obteve 10 indicações num total geral de 58 indicações; a opção sobre os temas que “*provocam posicionamentos políticos contra o racismo*” obteve 3 indicações e a opção “*aprofundam a discussão sobre relações étnicas*” obteve 2 indicações. Este resultado demonstrou que embora a disciplina tenha como objetivo “*priorizar as questões étnicas*”, esta não foi a percepção de professores e coordenadores sobre os debates promovidos em seus Núcleos.

Como o contato com os professores do projeto mostrou-se difícil, em função dos seus horários e da sua disponibilidade, algumas lacunas foram deixadas por preencher com relação às suas opiniões sobre a disciplina Cultura e Cidadania. Mas prosseguiu-se nos esforços de dar continuidade à busca do significado da disciplina Cultura e Cidadania. Os alunos opinaram que a disciplina mais importante do PVNC era Cultura e Cidadania com 23,8% de indicações. A tabela 14 apresenta a opinião dos alunos sobre as disciplinas do Pré por ordem de importância.

Tabela 14 - Disciplinas da grade curricular do PVNC, por grau de importância, de acordo com as indicações dos estudantes

Disciplina	Nº de indicações	%
Cultura e Cidadania	26	23,8%
Matemática	15	13,7%
Português	15	13,7%
Física	14	12,8%
Química	9	8,3%
História	6	5,6%
Redação	5	4,6%
Geografia	5	4,6%
Biologia	5	4,6%
Todas	8	7,4%
Sem resposta	1	0,9%
Total	109	100%

A Cultura e Cidadania obteve uma quantidade de indicações que a destacou como a mais importante disciplina do Pré, porém não chegou a polarizar as opiniões dos alunos com relação às demais disciplinas. Logo abaixo da primeira indicação, foram apontadas as disciplinas Matemática e Português, em segundo lugar, com 15 indicações cada uma, seguida

de perto por Física com 14 indicações. Aliás, Matemática e Português são, segundo opinião de diversos estudantes, as maiores causadoras do seu fracasso escolar. Os estudantes apresentam grandes dificuldades nestas disciplinas. Ao mesmo tempo, quando indagados sobre Cultura e Cidadania, na sua maneira de encarar a realidade, obteve-se um nível alto de influência da disciplina na modificação de seu modo de pensar e agir.

Perguntados, 78,9% dos alunos, afirmaram que a disciplina modificou sua maneira de agir e pensar, 17,1% responderam negativamente e 4% não responderam. Na tabela 15 estão registrados os motivos pelos quais a disciplina Cultura e Cidadania modificou o modo de 57 estudantes do PVNC lidarem com a realidade. Na avaliação dos estudantes, a disciplina significou a abertura de suas mentes para novos projetos de vida.

Tabela 15 - A disciplina Cultura e Cidadania modificou-me porque

Justificativa	Nº de indicações
Conheci melhor meus direitos de cidadão	14
Adquiri nova forma de ver a sociedade	8
Ampliou minha forma de ver a vida	6
Fez-me adquirir visão crítica	5
Ajudou no meu crescimento	5
Fez-me perceber a importância das coisas ao redor	2
Solidificou minha maneira de pensar	1
Relata a realidade	1
Estabeleceu-me como pessoa na sociedade	1
Auxiliou no meu dia-a-dia	1
Fez-me valorizar a questão social	1
Fez-me entender meu papel social	1
Influenciou-me de modo positivo	1
Deixou-me mais forte para o exame vestibular	1
Hoje penso de forma coletiva	1

Para mudar o mundo é só preciso boa vontade	1
Deu-me socialização	1
Tornou-me um ser ativo	1
Não sei responder	1
Sem resposta	4
Total	57

As respostas dos alunos apontam para uma direção que deveria ser (re)pensada dentro do próprio projeto: até onde a disciplina Cultura e Cidadania está sendo amadurecida como prática e, verdadeiramente, está cumprindo sua função no processo de inclusão a que o PVNC se propõe? O PVNC tem conseguido realizar o amplo debate social-histórico visando à conscientização e a formação de militância? As respostas dos estudantes sobre o que pensam sobre os conteúdos da Cultura e Cidadania não priorizam nem as questões das relações étnicas nem as questões sobre as lutas populares por democracia e justiça social. Os estudantes se revelaram maciçamente voltados para soluções individuais na resolução de suas demandas por ascensão social, embora engajados no PVNC, um projeto coletivo que valoriza a participação. Num total de 57 indicações, 25% estão direcionadas para o exercício da cidadania. Houve apenas 1 indicação sobre o “*pensar de forma coletiva*”.

Ao assistir a algumas aulas de Cultura e Cidadania, pode-se perceber a participação dos alunos nas discussões e a preocupação em estabelecer uma reflexão conseqüente sobre os temas propostos, sobre as suas perspectivas para o futuro, sobre o quanto o seu ingresso na universidade poderia mudar suas vidas, ou seja, o conteúdo da disciplina pareceu reforçar nos estudantes o desejo de atingir seu objetivo de mobilidade social e fortalecer neles uma representação social positiva de si mesmos.

Prosseguindo na investigação, resolveu-se indagar sobre o conteúdo da disciplina Cultura e Cidadania. Uma aluna ao ser perguntada sobre o que significava para ela o conteúdo da disciplina Cultura e Cidadania, uma aluna declarou: “[...], por exemplo, quando a gente tem aula de Cultura e Cidadania você pára e pensa em coisas que você nunca pensou antes, tá entendendo?” Outra aluna respondeu:

[...] ah, essa aula é muito importante! Eu acho que ela é o aglutinador da matéria toda. Mostra o lado bom e o lado ruim das coisas. O que a gente está sofrendo e porque a gente está sofrendo[...] o tema que a gente abordou que foi mais interessante foi a violência [...] a exposição da violência na mídia[...]

Foi perguntado a uma aluna: “*um dos assuntos que eu escuto circulando nos PVNC é sobre a importância das aulas de Cultura e Cidadania. Como têm sido essas aulas? Que tema você lembra ter discutido na aula que tenha sido mais marcante, não o mais importante, mas marcante para você?*” Em resposta, a aluna declarou:

Olha, a gente discute racismo[...] você aprende a olhar por um outro lado, o direito da mulher[...] entendeu? Um[...] que eu gostei muito foi aquele do “médicos sem fronteiras”. Inclusive ontem apareceu na TV, o palestrante que deu a aula pra gente aqui[...] quem fez a palestra para a gente aqui[...]. Ele apareceu ontem no “Jornal Hoje”. Eu fiquei toda “metida”[...] mãe olha lá, mãe! Ele foi lá no Pré[...] entendeu? A gente parou para analisar o mundo de uma outra forma[...] entendeu? Tipo assim[...] os caras foram para o Afeganistão. Antes de ocorrer esse negócio da guerra, ele já estava contando o que era lá, aquele inferno que as mulheres vivem... Tanto que eu já sabia, antes de ter acontecido aquilo tudo, então, para mim marcou muito esse relato dos “médicos sem fronteiras”. Eu gostei muito. Eu “viajei” junto com o cara[...]

Observou-se que os professores da disciplina Cultura e Cidadania ao planejar, em conjunto, os temas para debate, estimulavam alguns estudantes à reflexão e provocavam questionamentos quanto à sua condição em seu próprio meio social. Alunos entrevistados revelaram gostar das aulas de Cultura e Cidadania. Observou-se que os estudantes se percebiam adquirindo a habilidade de pensar criticamente. Inicialmente, entretanto, percebeu-se que se sentiam, um pouco confusos, com as diferentes leituras que podiam fazer para o entendimento de sua condição de membros ativos da sociedade. Mas uma constatação pode ser feita: os alunos identificavam a disciplina Cultura e Cidadania com o próprio PVNC. A disciplina passou a significar para os sujeitos do Projeto um recurso para incentivá-los adquirir auto-estima, até então deteriorada pelo preconceito e pela alienação. “A disciplina

Cultura e Cidadania foi criada para produzir o espaço do cidadão que vai conviver em igualdade de condições com os demais cidadãos”, declararam os que participaram da elaboração da Carta de Princípios do PVNC. Essa posição dos sujeitos do PVNC foi interpretada a partir do que diz Pereira (2002, p. 69):

O negro está procurando, por vias político-ideológicas explicitadas, construir uma identidade positiva do grupo, com forte inspiração em uma classe média emergente, à busca da conquista de espaços sociais que até então lhes têm sido vedados, isto é, o negro quer ir além dos espaços que historicamente, a sociedade brasileira lhe tem reservado.

O esforço dos sujeitos, então, se direciona para que as ações desenvolvidas pelo PVNC tenham um conteúdo político-reivindicatório. A motivação do projeto se assentada no descontentamento dos educadores sobre a educação tem a finalidade de promover a inclusão dos estudantes dos grupos populares ao término do processo. Fica a indagação de como constatar se houve uma mudança concreta na identidade social desses sujeitos.

Ana Célia da Silva (2001), no seu livro *Desconstruindo a Discriminação do Negro no Livro Didático*, afirma que currículos, programas, materiais e rituais pedagógicos desprivilegiam a diversidade étnico-racial reforçando os valores dominantes de origem européia. Aliás, essa discussão sobre os conteúdos dos livros didáticos não pode ser descartada, pois reflete a representação que a sociedade tem dos negros e dos pobres, de forma transparente, nas cartilhas, livros intermediários e textos de leitura. Essa constatação tem como corolário a ocultação dos valores e cultura dos grupos minoritários. Isto resulta na rejeição dos seus próprios valores, inviabilizando, para esses grupos, a possibilidade de reflexão e reelaboração da sua identidade, em face de sua não identificação com o processo pedagógico. Ana Célia (2001, p.17), corroborando a presença do efeito nefasto que os estereótipos causam, afirma:

Os estereótipos, ou seja, os clichês, as imagens cristalizadas ou idealizadas de indivíduos ou grupos de indivíduos, cumprem o papel social de produzir os preconceitos, as opiniões e os conceitos baseados em dados não comprováveis da realidade do outro, colocando o outro sob rejeição ou suspeita. Por outro lado, a vítima do preconceito pode vir a internalizá-lo, auto-rejeitando-se e rejeitando àquele que se lhe assemelha.

Uma aluna do PVNC declara sobre preconceito e representação social do negro e, especificamente, da mulher negra:

[...] meu namorado [...] ele convive comigo, mas ele, de uma certa forma, tá andando com uma mulher negra? Tá, mas ele tem preconceito porque ele não me encara como uma mulher negra. De repente, se eu fosse mais escura, entendeu, ele não ia querer, me querer, vamos botar assim[...] Tá entendendo? Então o preconceito é uma coisa, assim[...] que vem lá de trás.

Um aluno entrevistado comentou sobre a internalização do preconceito e sobre o papel da educação como fator de ascensão social. Sua opinião leva à reflexão sobre até que ponto o acesso à educação torna as pessoas iguais. Perguntado sobre se, de alguma maneira, a condição pessoal e familiar influencia na vocação disse:

[...] o meio de que você veio, a família de que você é oriundo[...] Eu acho que interfere sim, porque dá para ver claramente quem é de um nível, quem é de outro sempre vai para aquelas carreiras, né[...] Tem carreira tal que é só basicamente para quem tem posses[...] o que é, Medicina [...].

Se a representação social do negro é sempre de baixo prestígio, a discussão sobre a discriminação racial na educação pode indicar que somente a intervenção direta de propostas anti-racistas e ações afirmativas, como o Projeto do PVNC, podem acabar com o silêncio sobre o racismo cotidiano a que negros, pardos e pobres são submetidos e se submetem. Parece ser o significado da disciplina Cultura e Cidadania auxiliar os estudantes a encarar os efeitos do racismo com atitudes de autovalorização.

Um instigante trabalho, escrito por Nilma Lino (2003) sobre o corpo negro e a identidade étnica, mostra como a observação de comportamentos usuais, no trato com o próprio corpo, pode demonstrar como o processo de aquisição da identidade étnica requer uma acurada reflexão por parte daqueles que desejam assumir sua identidade e a identidade do seu grupo de afiliação. Os depoimentos dos alunos do PVNC revelam que os veículos que promovem a discriminação são fortes o suficiente para deixá-los inseguros quanto às suas escolhas e que os conteúdos trabalhados em Cultura e Cidadania acabam sendo os principais

acionadores do processo de aquisição de auto-estima, embora eles não indiquem que as aulas tenham ajudado a adquirir uma identidade étnico-racial, muitos estudantes adquirem a percepção da discriminação que sofrem com relação à sua etnia.

Se no Brasil negritude é igual à pobreza e subserviência, “*os conteúdos de Cultura e Cidadania entram nessa discussão e os professores tentam desfazer essa relação. O que se seleciona para as aulas de Cultura e Cidadania centra-se na valorização do negro como um dos construtores da sociedade brasileira e a importância da cultura africana na cultura brasileira*” afirmam os sujeitos. Entretanto, talvez seja necessário que os debates da disciplina sejam planejados de forma diferente ou que sejam pensadas novas estratégias para que o idealizado dentro do projeto se transforme em realidade nos debates dos Núcleos.

A proposta contida na Carta de Princípios para ser desenvolvida nas aulas de Cultura e Cidadania enfatiza a valorização dos afrodescendentes e procura demonstrar que a pobreza do cidadão brasileiro pode ser erradicada, sem que, para isto, seja preciso exterminar os negros e pardos ou branquear a negritude. Um aluno não-afrodescendente do PVNC quando perguntado sobre preconceito racial no Brasil respondeu:

[...] É difícil falar sobre essa questão de racismo e preconceito, e no nosso Brasil vai ser sempre difícil... Discuto, sempre discuti... Em todo lugar a gente discute sobre isso: que há preconceito em todos os lugares que você vai... tem preconceito seja racial, ou seja, lá qual for, sempre há preconceito na sociedade brasileira... com certeza! [...] Acho que geralmente os pobres[...] o pobre é o negro. E aí sempre recai em cima dele, do pobre e do negro[...]

A Carta de Princípios coloca a disciplina Cultura e Cidadania dentro da proposta do PVNC para que funcione de modo a legitimar o projeto como Ação Afirmativa. Talvez não se consiga determinar, com precisão, quando a discussão sobre ações afirmativas se tornou freqüente; entretanto, a criação dos PVNC, pode servir como um marco, nos anos 90, de uma das mais eloqüentes discussões anti-racistas ocorridas no Brasil pós-abolição dos escravos negros: a criação de um curso pré-vestibular popular com uma denominação, para alguns provocativa, para outros depreciativa, para alguns outros racista, mas em última instância,

uma forma deliberadamente escolhida pelo Coletivo para marcar a sua luta anti-racista. Essa escolha está registrada nos documentos do PVNC. Ao analisar os efeitos da implementação das ações afirmativas para o povo negro no Brasil, Silva (2002) esclarece que o debate sobre as ações afirmativas tomou proporções globais após a III Conferência Mundial contra o Racismo, ocorrida em Durban, África do Sul, em agosto e setembro de 2001. Segundo Silva (2002 p. 108):

[...] para que um programa de ações afirmativas seja efetivo, oferecer oportunidades é apenas um dos primeiros passos. É fundamental garantir, aos protagonistas em questão, as condições materiais e simbólicas para que as dificuldades ou desníveis possam ser superados e as escolhas possam ser feitas de maneira lúcida e conseqüente, a médio e longo prazo.

Por este motivo, as ações afirmativas não devem, segundo Gomes (2002), ficar limitadas à esfera pública. O envolvimento de empresas, governos estaduais e municipais, Universidades Públicas e Privadas, organizações governamentais, Ongs, Movimentos Populares entre outros é fundamental para colaborar na erradicação da discriminação e da exclusão. No entender dos sujeitos, a tarefa do Pré-Vestibular tende a esgotar-se a partir do momento em que a sociedade brasileira perceba, na prática, o quão irracional é a desigualdade étnico-racial imposta aos negros e pardos, dentre outras minorias. De acordo com a opinião dos sujeitos, espera-se que a desigualdade étnico-racial se dilua nas relações sociais por meio das ações afirmativas encetadas pelos movimentos populares. As ações desses movimentos buscam induzir os legisladores à promulgação de mais e mais abrangentes políticas afirmativas.

Na sociedade da “democracia racial”, diz Silvério (2002, p. 100):

[...] a novidade [...] é o aumento do número de jovens negros que se encontram nos muitos cursinhos para negros e carentes espalhados pelo Brasil, que resolveram, mesmo em condições sabidamente adversas, tentar uma vaga em alguma instituição de ensino superior. Nesse movimento social crescente, diferentemente de benefícios particularistas, o que essa juventude espera é apenas que lhes sejam asseguradas condições mínimas de continuidade de seus estudos, para disputar em igualdade de condições as escassas oportunidades de uma sociedade que tem se orientado por conceder privilégios aos de cima.

No Brasil foi promulgada a Lei 10639 de 09/01/2003 que altera a Lei 9394 de 20/11/1996 que estabelece Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir, no currículo oficial da Rede de Ensino, a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira, é uma Política de Ação Afirmativa que necessita fazer parte de intensas discussões dentro e fora dos Núcleos do PVNC.

Finalizando a discussão sobre o significado da disciplina Cultura e Cidadania o sentido de cidadania para os sujeitos do PVNC parece ter que se vincular ao significado atribuído aos conteúdos desenvolvidos nos debates de Cultura e Cidadania sobre questões como: Racismo; Discriminação; Preconceito; Gênero; Cultura; Ideologia; Cidadania; Democracia; Políticas Públicas; Violência; Direitos Constitucionais, Cíveis e Trabalhistas; Movimentos Sociais; Conjuntura Política e Econômica; Neoliberalismo; Globalização ou outros temas sugeridos nos Núcleos do PVNC. *“Esses debates devem fazer surgir, em cada sujeito, o sentido de cidadania e o sentimento de autovalorização”*, dizem os sujeitos integrantes do projeto.

A discussão sobre cidadania não aparece por acaso nas práticas do PVNC. Por interferir na vida desses sujeitos as ações desenvolvidas nos Núcleos os leva a acreditar que podem modificar suas histórias pessoais por meio do que o projeto lhes acena: a cidadania, o ingresso no espaço mítico da academia, até então privilégio de alguns ou então que novos paradigmas se coloquem para que essas minorias possam direcionar suas aspirações para o seu amanhã.

Por último, a declaração de uma professora de Química e Matemática pode resumir o sentido da Cultura e Cidadania no PVNC:

Eu achei que no pré-vestibular, aquele tempo semanal de Cultura e Cidadania é o que dava um suporte em relação à Carta de Princípios. Claro que o professor, o tempo todo, tem que estar incentivando. Só que a gente não tem muito tempo, como é que eu posso dizer? A necessidade de passar a matéria é tão grande, por[...] por isso é que eles são vetados de entrar na universidade pública, porque eles não têm conteúdo, então a gente tem que realmente nivelar, que dar o conteúdo pra eles. O que a gente pode fazer, é dentro do horário de aula, tentar passar mensagens positivas, dar força, dar orientação, dar exemplo. Não pode ser professor alienado totalmente. É o professor que saiba o tempo todo porque eles estão ali, porque a gente não está ali fazendo favor nenhum, que é uma causa nossa também, que

estamos no mesmo barco. Só que não há muito tempo pra essa discussão durante a aula, pra essa conscientização do trabalho, dos assuntos, da discussão que no caso seriam polêmicos, que envolvem esse tipo de problemática, do ensino elitizado, o porque desse ensino ser elitizado, a gente não tem muito tempo pra isso. Mas o conteúdo, o conteúdo que é passado no período semanal de Cultura e Cidadania eles têm que aprender a discutir isso.

CAPÍTULO 4

A CARTA DE PRINCÍPIOS: O Projeto Político-Pedagógico do PVNC

“O sonho é fazer um curso de Letras. Gosto de ler e de escrever. Tenho até um livro de poesia. Quero me formar e acredito que com um diploma as coisas ficarão mais fáceis”.
(Declaração de um aluno do PVNC in Folha Dirigida, 17/23 de setembro de 2002).

Ao examinar a Carta de Princípios, procurou-se penetrar na organização do trabalho pedagógico do PVNC. A intenção foi interpretar o que foi apreendido nos Núcleos pela observação. O objeto observado foi o projeto político-pedagógico do PVNC. Buscou-se identificar que parâmetros definiam o trabalho pedagógico do projeto de educação popular. Tomou-se, como base, a Carta de Princípios, o documento oficial do PVNC. Embora cada Núcleo preserve a sua autonomia, esse documento é utilizado por todo PVNC. A Carta de Princípios estabelece um compromisso firmado entre os sujeitos do projeto. O documento aparenta não funcionar, no PVNC, como uma camisa de força ou como um ideário pedagógico, mas seu conteúdo possui alguns itens fundamentais, segundo as declarações dos Coordenadores e Professores, para o desenvolvimento do trabalho. Qual a importância da Carta de Princípios? Que interpretação os sujeitos fazem desse documento? Será a Carta de Princípios imprescindível para o funcionamento do projeto do PVNC? Esse documento é representativo do PVNC? Os Núcleos seguem os princípios determinados pela Carta?

Um coordenador esclarece como vê a Carta de Princípios:

[...] um coordenador deve continuar o que já vem sendo passado por outros coordenadores que já participaram do Pré mostrando todos os direitos e deveres de cada pessoa, como aluno e como coordenador [...] a gente segue a Carta de Princípios para que o movimento tenha identidade, que seja uma coisa bem mais organizada. O compromisso como coordenador é que se não tiver ninguém para ajudar, o Movimento não vai andar. Ele vai parar, vai ficar parado. E quando ele

estiver parado, sem ninguém para ajudar, várias esperanças que as pessoas depositam na gente, depositam nos professores que vêm dar aulas, vão se extinguir.

A Carta de Princípios foi elaborada durante as Assembléias do PVNC. O texto do documento foi votado em quatro Assembléias Gerais, de abril de 1998 a abril de 1999. A íntegra do documento foi definida na XX Assembléia do PVNC em abril de 1999.

A Carta traz o histórico do Movimento no Rio de Janeiro que surgiu com o primeiro Núcleo na Baixada Fluminense. Define que o PVNC fundamenta-se em princípios que *“apóiam-se no conceito de democracia, no conceito de educação como processo de formação de competência técnica e competência política, no ideal de acesso de todos a uma educação de qualidade, na possibilidade de construção de um projeto de educação fundado na igualdade, solidariedade e respeito e no conceito de democracia plena como sinônimo de democracia étnica, dentre outros”*.

Dos objetivos enunciados no projeto está o *“de criar condições para que estudantes discriminados, por etnia, gênero ou situação sócio-econômica concorram nos vestibulares das Universidades Públicas, em condições concretas de aprovação e inclusão no ensino superior”*. Além disso, o PVNC de acordo com o texto da Carta, tem como objetivo *“propor-se a realizar um trabalho de formação política que contribua para as discussões sobre relações étnicas, sobre as contradições e os conflitos da realidade social”*. O texto enuncia também que o projeto *“quer servir de espaço público para discussões políticas sobre justiça, democracia e educação, por meio da defesa da educação pública, gratuita e de qualidade que seja também pluriétnica e multicultural”*.

A Carta estabelece critérios para o funcionamento de cada Núcleo. Para funcionar cada núcleo deve ter, no mínimo, 80% dos professores recrutados e disponíveis para ministrar aulas das diferentes disciplinas, inclusive da disciplina Cultura e Cidadania que é obrigatória na grade curricular dos PVNC. Estabelece que professores e coordenadores voluntários estejam em acordo com os perfis traçados pelo Coletivo e que constam da Carta, assim como a Carta determina também o perfil dos alunos selecionados para freqüentar o curso.

Os núcleos para participar do PVNC necessitam formalizar seu pedido de inscrição, por meio de uma solicitação dirigida ao Conselho Geral requerendo o assentamento. Consta da Carta que o novo núcleo receberá um assentamento experimental, por um ano, e, a partir de um relatório de avaliação elaborado pela Assembléia Geral, em caso positivo, receberá o assentamento definitivo. Segundo o texto da Carta, *“o assentamento e a permanência do núcleo no PVNC dependerá do cumprimento de todos os itens da Carta de Princípios”*.

A Carta determina que a Assembléia Geral é o órgão máximo e soberano do PVNC. A Assembléia tem como função discutir e deliberar sobre os princípios, objetivos e regras propostas pelo Coletivo. A Assembléia é composta por todos os integrantes do PVNC que têm direito a voz e voto. A dinâmica da Assembléia Geral é definida por um regimento interno das Assembléias do PVNC e é coordenado pela Secretaria Geral. A Carta também prevê um Conselho Geral que constrói estratégias e táticas de operacionalização das propostas aprovadas na Assembléia Geral. A Assembléia Geral reúne-se todo primeiro domingo do mês e está aberta a todos os membros do PVNC.

À Secretaria Geral pertencem as funções administrativas. Além disso, a Secretaria deve representar o PVNC junto à Imprensa e às diversas Instituições Sociais, cuidar da parte financeira dos núcleos, coordenar as reuniões, documentar as atividades dos Núcleos, manter organizados os informes sobre o PVNC e executar as deliberações do Conselho Geral.

Está registrado na Carta de Princípios que o PVNC é auto-sustentável, não admitindo financiamento externo de qualquer espécie. Em obediência ao que consta na Carta, os núcleos devem contribuir com 10% da receita mensal para as atividades gerais do projeto. Essas contribuições devem ser recolhidas pela Tesouraria. Os núcleos, caso necessitem de recursos para suas despesas, podem organizar eventos para gerar fundos para suas atividades. Nesse caso, estarão isentos de repassar qualquer quantia para a Secretaria Geral. Nenhum membro do PVNC pode receber remuneração pelo trabalho realizado no projeto.

Constam também da Carta de Princípios os critérios sobre a obtenção de Bolsas de Estudo para alunos que sejam aprovados em Instituições Particulares.

A Carta de Princípios circula não só entre os Coordenadores e Professores, a ela têm acesso todos os alunos do Pré, no momento do seu ingresso no Curso. Procurou-se saber dos Coordenadores, dos Professores e dos Alunos qual o significado da Carta de Princípios na preparação dos candidatos para os exames vestibulares. Procurou-se saber, também, como os sujeitos interpretavam os princípios e os objetivos da Carta. Era relevante saber qual, na opinião deles, é a influência do documento na formação dos alunos, na prática dos professores e na ação dos coordenadores para poder reconhecê-la como o projeto político-pedagógico do Pré-Vestibular.

Um dos sujeitos, professor e coordenador, além de um dos fundadores do PVNC, fala da possibilidade do projeto produzir mobilização e organização de educadores e educandos para uma ação política e cultural relevante. O professor insiste na importância de um projeto político para o PVNC, um projeto político democrático, uma construção permanente “*que se alimenta do saber que o fundamenta e do fazer que, constantemente, se (re)constrói, das identidades e formulações autônomas dos próprios sujeitos da ação transformadora*” (NASCIMENTO, s/d).

O texto da Carta de Princípios, permanentemente, está sendo retomado para (re)discussão do seu conteúdo, no entanto Nascimento (s/d) observa:

Falando sobre o PVNC, na Carta de Princípios são proclamados princípios e objetivos que ainda não desencadearam um debate amplo e aprofundado. De uma forma geral, o coletivo de coordenadores/educadores/educandos do PVNC não desenvolve análises aprofundadas sobre o contexto e o campo no qual atua. Isso dificulta um pouco a construção de sentido e de políticas para o movimento.

Há que se concordar com Nascimento, com relação à maneira como os sujeitos lidam com a Carta de Princípios.

Foram coletados documentos, alguns produzidos no coletivo do PVNC no período de execução da pesquisa, que foram consultados e selecionados. Foram encontrados registros de diversos debates, em diferentes encontros, nos quais a preocupação se centrava na construção do projeto político-pedagógico. Os sujeitos do PVNC intencionalmente, ou por intuir a necessidade de traçar os seus procedimentos didático-pedagógicos para melhor aproveitamento do trabalho, exaustivamente discutem a questão. Nascimento, em matéria publicada no *site* AFIRMA, em 09/05/2003, declara que não há consenso em torno da Carta de Princípios, o Coletivo do PVNC reivindica dentre outras coisas: currículos e metodologias que incluam estudos sobre diversidade sociocultural, relações raciais e direitos humanos e estabelece algumas deliberações/propostas gerais tais como: realizar estudos afro-brasileiros nos Núcleos, realizar um curso de formação política; discutir um projeto para o PVNC; rediscutir a Carta de Princípios. Está reproduzida aqui a pauta da Assembléia de 14/07/2003, quando foram formados grupos de discussão para debater os seguintes temas: *leitura da Carta de Princípios e outros textos, para recuperação dos princípios, objetivos e posicionamentos político-pedagógicos e para compreensão das questões levantadas sobre a Carta; debate sobre as leituras, as propostas políticas, as práticas pedagógicas e a mobilização dos Núcleos para tais questões; elaboração de propostas de princípios e práticas concretas.* Essas propostas podem, inclusive, questionar ou apontar mudanças em itens da Carta de Princípios. Por exemplo, na Assembléia Geral de 23/06/2002, foi apresentada a sugestão de que cada Núcleo do PVNC elaborasse o seu próprio projeto político-pedagógico.

À medida que se tomava conhecimento do conteúdo da Carta percebia-se o seu caráter impositivo conflitando com a proposta de elaboração de um projeto político-pedagógico participativamente elaborado. Procurou-se, por meio das respostas retiradas dos questionários, saber dos professores qual a sua opinião sobre a Carta. As respostas que foram obtidas dão conta de que alguns professores não estão comprometidos com o documento. Dos 24 professores perguntados, 20,2% responderam que não conheciam a Carta e não se interessaram em conhecê-la e analisá-la antes de iniciar as suas atividades nos PVNC. Da tabela 16 constam as opiniões dos professores sobre a Carta.

Tabela 16 - O que a Carta de Princípios representa para os Professores Voluntários do PVNC

Opinião	Nº de respostas
Não conheço a Carta de Princípios	5
Um documento com regras básicas para todos os Núcleos	1
O perfil do projeto e do tipo de aluno que o Pré pretende atingir	1
Uma oportunidade de pessoas mostrarem solidariedade e colocarem em prática os seus conhecimentos	1
Ajudar com seriedade os alunos, fazer com que eles se tornem pessoas mais cultas, com uma nova mentalidade	1
Uma Carta que deve ser seguida e analisada por todos os participantes do projeto	1
Uma espécie de guia para quem está entrando no projeto e um documento importantíssimo para os Núcleos, pois, estabelece princípios e objetivos orientando a coordenação	1
É algo com muitos pontos positivos e outros que necessitam maior aprofundamento e questionamento	1
Trabalho anualmente a Carta de Princípios por acreditar que ela seja um marco deste Movimento Social	1
Um conjunto de normas que serve de base para que possamos desenvolver um trabalho de cunho político-social, visando fazer uma revolução passiva que nos coloque no poder	1
É o resultado de um grande debate que durou mais de dois anos. É uma grande vitória do Movimento	1
Um documento de base para unificar o movimento na medida que tem regras básicas que servem de modelo para todos os Núcleos	1
Transparência e organização	1
Um documento que dá a direção e a ideologia do Movimento. Essencial para que com renovação humana no PVNC, seus objetivos, métodos e bons resultados (em provas e consciência social) se mantenham	1
Importante	1
A diretriz que nos orienta e resguarda para não nos desviarmos dos objetivos, principalmente, nos momentos mais difíceis	1
A identidade do PVNC	1
Reconhecimento e compromisso	1
Regulamento geral que permite uma base de organização sem ferir a singularidade do Núcleo	1
Uma boa proposta, embora o caráter político do PVNC, em minha opinião, prejudique muito a tomada de decisões que favoreçam o aluno. No mais, é correta e se atem ao ideal de modificação social dos alunos	1
Total	24

Considerou-se interessante transcrever todas as respostas dos professores que emitiram suas opiniões sobre a Carta, por apresentarem-se bastante diversificadas. Quando perguntados sobre se consideravam sua prática inovadora 75% responderam afirmativamente, entretanto, dos 18 professores que responderam sim, quando solicitados a se posicionar, 34% não souberam definir o que seria a prática pedagógica inovadora do PVNC, mesmo que esta apareça explicitada na Carta de Princípios. Também não conseguiram definir em que aspectos as suas próprias práticas pedagógicas seriam inovadoras. Na tabela 17 foram registradas as

respostas da pergunta sobre como os 18 professores que responderam afirmativamente descreviam a sua prática inovadora.

Tabela 17 - Em que aspectos você considera inovadora a sua prática no PVNC

Aspectos da prática inovadora	Nº de respostas
Promover a integração dos alunos com os professores, a inclusão de conteúdos críticos no cotidiano dos estudantes, incentivo aos estudantes para participar de movimentos sociais	1
Dar aos alunos o direito de falar, questionar e colocar seus pontos de vista sobre aspectos essenciais, não só sentar e ouvir o professor, falar mais, participar	1
Voltar as aulas para as necessidades do grupo	1
Incentivar a criatividade, devido à liberdade que o professor possui na organização do currículo e na parte didática	1
Ajudar aos membros da sociedade, menos favorecidos, a diminuir a desigualdade social por meio de trabalho comunitário	1
Trabalhar, nas aulas, com o senso crítico, analítico e reflexivo dos alunos. Demonstrar a importância do Coletivo, da solidariedade entre os indivíduos	1
Reconhecer que num contexto em que as atitudes em prol do Coletivo são escassas, qualquer iniciativa torna-se inovadora	1
Oferecer a possibilidade de discutir com os alunos, questões polêmicas e sociais constantes no dia-a-dia	1
Usar prática conscientizadora dos alunos, debates de assuntos atuais para o despertar da consciência crítica	1
Dar possibilidade de cooperação entre alunos e professores	1
Desenvolver uma consciência comunitária	1
Não souberam responder	6
Total	18

Do mesmo modo, os 20 Coordenadores consultados sobre a Carta de Princípios, ofereceram respostas diferenciadas quanto ao significado da Carta de Princípios. A tabela 18 mostra a representação que os Coordenadores têm da Carta.

Tabela 18 - O que representa para os Coordenadores do PVNC a Carta de Princípios

Opinião	Nº de respostas
É a identidade do PVNC	4
São os princípios básicos da organização	4
Reivindicação social	2
A ideologia do PVNC	1
Participação e integração entre os Núcleos	1
São diretrizes	1
Teoria, pois, não se efetiva na prática	1
É o que rege os passos do projeto	1
Representa o Movimento	1
Representa a adoção de práticas positivas	1
Não responderam	3
Total	20

É interessante destacar que a maior incidência das respostas recai sobre o grupo de Coordenadores que vê a Carta como sendo o que identifica o Movimento e que ela traz os princípios que originaram a sua organização.

Nas entrevistas, feitas com professores e coordenadores, procurou-se saber qual a relação destes com a Carta de Princípios. O intuito era obter a informação de como se processava a construção do projeto político-pedagógico nos PVNC. Um professor de Matemática e Coordenador respondeu: “*Nunca li, cara. Eu[...] não sou muito ligado a essa parte. Eu sou ligado à sala de aula[...] eu sou coordenador. Não vou ser[...] eu não vou ser hipócrita e falar aqui que eu já li. Nunca li. Já teve perto de mim e eu nunca li*”. Por outro lado, uma professora de Matemática e Química respondeu sobre a Carta de Princípios o seguinte:

Li, mas tem um certo tempo. Antes de a gente entrar no projeto, a primeira coisa que a gente faz é saber o porquê do projeto, como surgiu, o histórico. Então nós temos que ler a Carta temos que saber exatamente o que estamos fazendo, o trabalho que se está fazendo. Vou confessar “pra” você que faz uns dois anos que eu li, então eu não lembro dos detalhes, mas eu tomei ciência de todas as cláusulas.

Esta professora declarou que sempre utilizou a Carta de Princípios para elaborar o seu planejamento, além de participar das aulas de Cultura e Cidadania. Foi perguntado a uma Coordenadora qual o seu compromisso com a Carta de Princípios, esta respondeu: “[...] *a gente tem que seguir a Carta de Princípios*” “[...] *mesmo tem muitas coisas que a gente não concorda[...], mas como nós fazemos parte do Movimento a gente tem que acatar [...] e dentro ela não fala que a gente tem que seguir à risca tudo que está escrito tem situações [...] Então [...]*” A outro entrevistado perguntou-se: “*você, sendo professor do PVNC, como vê a Carta de Princípios*”? Este respondeu:

Olha, é importante, é importante que o grupo tenha identidade, de identificação e que seja feito um trabalho de divulgação social para que as pessoas se sintam na vontade de vir aqui participar ativamente de toda essa [...] Então tudo que for feito em prol do grupo, tudo que for feito para fortalecer esse grupo é válido. Porque nossa proposta é uma proposta social, né. Não é uma proposta que visa radicalizar alguma coisa, um movimento contra. A nossa proposta é ajudar as pessoas a conseguir alguma coisa, a melhorar a auto-estima, ter uma visão diferente da sociedade, ter uma visão primeiro de si mesmo e depois da sociedade [...]

Uma professora de Biologia assim se expressou sobre a Carta de Princípios:

Olha, para ser sincera, eu não tive contato com essa Carta de Princípios. Estou começando a ter agora, mas por causa do meu curso de Mestrado. [...] como professora eu não tive contato com a Carta. [...] a gente não tem muito contato com a Carta de Princípios, com a ideologia do Pré-Vestibular, acho que muitos professores não têm, inclusive eu estou começando a ter agora.

As diferentes opiniões sobre a Carta de Princípios e sobre o projeto político-pedagógico do PVNC estão trazendo à luz uma fragilidade do Movimento Social. Parece que as discussões suscitadas pelo conteúdo da Carta e o desconhecimento, por parte de um grupo de sujeitos do PVNC, de suas diretrizes, demonstram que esses sujeitos, em constante mobilização, têm no debate sobre o projeto político-pedagógico, um espaço aberto para onde são carreados os seus esforços para a preparação dos estudantes para os exames vestibulares. Mas, se existe, o projeto político-pedagógico demonstra ser um projeto em lenta e permanente construção, e que se mostra preciso nos seus resultados. O PVNC tem levado às universidades, nos últimos 10 anos, um contingente significativo de estudantes segundo declarações dos dirigentes do projeto. Outrossim, essa constatação é pouco consistente, pois, não existem registros sobre o quantitativo de aprovação dos estudantes, pelo menos, até à época em que foi encerrada a coleta de dados para esta pesquisa.

Por se acreditar que existe uma provável explicação para as opiniões divergentes sobre a Carta de Princípios tomou-se em artigo publicado em 2002, um estudo de caso centrado no PVNC. Segundo este estudo, seria a adesão ao ritmo acelerado de preparação do pré-vestibular que levaria o PVNC a sentir dificuldade na realização de atividades e na discussão de temáticas que possam ir além do programa cobrado no vestibular, como sugere a Carta de Princípios do PVNC “[...] A disciplina Cultura e Cidadania tenta minimizar essa tensão constituindo-se como um espaço para se discutir questões gerais de cultura, política, saúde, educação etc” (CANDAUI, 2002, p.145). Entretanto, pode-se perceber que, as intervenções do Coletivo traduzem nos seus encontros sistemáticos, que se ressentem e apontam a necessidade da manutenção permanente de tais discussões, o que mostram os registros nos documentos produzidos pelo PVNC. O que leva a concluir que o projeto político-pedagógico, de alguma forma, está constantemente sendo alvo de debates. Por outro lado:

[...] a intenção do PVNC prevê uma formação crítica dos(as) jovens que passam pelos Núcleos e nas Assembléias do Movimento, nas discussões informais, nas aulas de Cultura e Cidadania, nas brincadeiras, na vigilância à linguagem “ politicamente correta”, na promoção da auto-estima racial etc. (CANDAU, 2002, p.147).

Candau (2002) mostra que o PVNC tem como preocupação estabelecer uma prática educacional que produza uma cultura e uma estrutura social que resultem no “empoderamento” daqueles estudantes oriundos dos setores sociais menos favorecidos e marginalizados. Além disso, o projeto já incorporou esta prática, mesmo que com menor intensidade por parte de alguns professores.

O que chama a atenção no estudo da Carta de Princípios é que mesmo que se admita que ela é questionada, ela é importante como o marco da construção do projeto político-pedagógico dos Pré. Se, se levar em conta que este é um projeto de cursos Pré-Vestibulares precisa-se ter clareza quanto às preocupações relacionadas com questões pedagógicas, pois estas ficam contidas no espaço-tempo dos prazos e datas dos exames pré-vestibulares. O diferencial entre o PVNC e outros cursos preparatórios é a intenção de manter constante reflexão, em cada Núcleo, sobre a relação cidadania/cultura de maneira tão própria e singular a ponto de muitos sujeitos identificarem a disciplina Cultura e Cidadania com o próprio PVNC.

O conteúdo da Carta de Princípios extrapola, em muito, o objetivo que rende maior apelo entre os estudantes: a aprovação no exame vestibular e o conseqüente ingresso na Universidade. Entretanto, até onde a análise conseguiu avançar, a Carta de Princípios não apresentou um alto grau de aceitação, talvez por não responder objetivamente ao que os estudantes desejam de imediato. Examinando-se a Carta como um texto, tem-se que considerar que, ao escrever um texto, há uma mensagem a ser comunicada e, pretende-se atingir um determinado público. Todavia, um mesmo texto pode ter diversas leituras, pois, deve-se levar em conta que o seu conteúdo pode direcionar o leitor a inferências e interpretações diversificadas. Estas ponderações sobre texto e leitura podem explicar as diferentes interpretações de Professores e Coordenadores sobre o conteúdo discursivo do documento produzido e adotado pelo PVNC.

Afinal de que lugar o discurso que compõe a Carta de Princípios foi enunciado? O documento foi elaborado no decorrer de sucessivas reuniões da Assembléia Geral e do Conselho Geral, assim sendo, de dentro do próprio PVNC. A finalidade era sistematizar as várias decisões tomadas pelo Coletivo, lembrando que o Coletivo é a representação integral dos sujeitos do PVNC com direito a voz e voto. Em resumo, o Coletivo visou: 1º) estabelecer princípios e objetivos a partir dos quais e pelos quais o PVNC está organizado; 2º) servir de orientação aos vários Núcleos que constituem o Movimento; 3º) funcionar como diretriz para os novos Núcleos; 4º) *utilizar a Carta de Princípios como elemento de atualização da memória dos Núcleos já integrados ao Movimento*. Tais deliberações foram assim aprovadas na Assembléia.

Comparando os resultados da leitura da Carta de Princípios, como discurso pedagógico, com o que pensam os sujeitos sobre ela, percebeu-se que entre alguns Coordenadores e Professores não há compatibilidade quanto ao significado do documento e o que ele representa para o PVNC. Tornou-se importante observar que talvez existam alguns aspectos da Carta passíveis de maior resistência à aceitação por parte dos sujeitos do PVNC e, portanto se necessite estabelecer, com clareza, uma relação entre o projeto e a ação (NASCIMENTO, s/d). Para o professor Antonio Dourado, um dos fundadores do PVNC “*O projeto político-pedagógico determina a ação e essa mesma ação retorna ao projeto político-pedagógico propondo a sua reelaboração. Quando o indivíduo age, esta ação acaba por determinar a reelaboração do projeto*”. (DOURADO, 1998 apud NASCIMENTO, s/d).

Dentro do próprio PVNC são desconstruídas e construídas as formas de enfrentamento das demandas dos sujeitos. A leitura, a não leitura ou a releitura trouxe formas diferenciadas de interpretação da proposta pedagógica nos diferentes Núcleos. Assim, para alguns dos sujeitos o importante é que os estudantes assimilem os conteúdos que serão cobrados nos exames vestibulares, em contraponto com a proposta da Carta de Princípios que reforça a idéia de uma prática educativa, inovadora e voltada para a militância, a ser levada a efeito em cada Núcleo e que ultrapassa a expectativa de aprovação apenas.

O entendimento da Carta de Princípios em relação aos objetivos pressupõe a *“realização de um trabalho de formação, desenvolvendo atividades que contribuam para a compreensão histórico-crítica da sociedade, das relações étnicas, das contradições e conflitos da realidade social”*. Os propósitos do PVNC são amplos e não demonstram apresentar nenhum compromisso com qualquer tendência pedagógica. *O centro do trabalho educativo deve ser necessariamente os sujeitos não dominantes (por etnia, por gênero, por classe social), além de enfatizar a produção histórica e cultural afro-brasileira*. Percebeu-se, no decorrer das conversas sobre a Carta de Princípios, que os estudantes têm convicção de que querem ser aprovados nos exames vestibulares e alcançar seu diploma enquanto que os objetivos explicitados na Carta pretendem ser mais abrangentes.

Concluindo, o que fica patente na relação dos sujeitos com a Carta de Princípios é que um embate político-ideológico permanece latente no interior do PVNC, mas, ao mesmo tempo, isto não impede as suas ações em direção às suas lutas coletivas. O exame da Carta de Princípios revelou que o grau de relevância do documento dentro do PVNC é questionável e remete a dúvidas quanto à sua consistência. Mas ao mesmo tempo, as lideranças, em nome de um projeto político-pedagógico a mantém como uma forma de unificação do Movimento Social de Educação Popular. Sugere-se que a Carta de Princípios possa ser alvo de um estudo à parte, que privilegie a análise do seu conteúdo.

CAPÍTULO 5

ALUNOS DO PVNC: a caminhada em busca da identidade social

“Sempre me perguntaram se estou fazendo Serviço Social ou Pedagogia, que eram os dois únicos cursos em que os negros conseguiam entrar. Quando digo que faço o curso de Jornalismo, as pessoas ficam de boca aberta”.
(Revista RAÇA BRASIL, Ano 7, nº 72).

O objetivo deste trabalho era conhecer um Projeto de Educação Popular, silencioso e pacífico, cujos sujeitos seguem, inexoravelmente, empreendendo sua caminhada em direção aos seus objetivos. Procurou-se, a maior parte do tempo, não interferir no processo do grupo e, ao mesmo tempo, ter a real clareza de que situações observadas necessitavam ser explicadas, sem se perder de vista que esta seria uma visão provisória, parcial e, provavelmente, teria alguns toques da versão pessoal da observadora.

Durante o período de observação, ouvir os alunos do PVNC trouxe a sensação de que cada um deles tinha alguma coisa a dizer sobre suas intenções de provocar mudanças, não só nas suas vidas, mas na vida de sua comunidade. Os sujeitos do Projeto pareciam formar um coro de vozes que desejava ser ouvido e cujos discursos deveriam ser levados em consideração, já que se queria saber o que era o PVNC no contexto dos Movimentos Sociais de Educação Popular voltados para as discussões sobre diversidade e desigualdade social.

O voluntariado e o não recebimento de financiamento externo aplicados nos Núcleos que aderiram ao Projeto, em alguns casos, provocaram o desligamento de alguns destes

Núcleos, por discordância quanto à proibição de repasse de fundos externos aos Núcleos. Se muitos dos sujeitos estão na condição de excluídos do mercado formal de trabalho a indagação a ser feita é: como esses sujeitos, sem condições aceitáveis de manter suas vidas, conseguem fazer funcionar o PVNC?

Nas visitas iniciais aos PVNC, a pesquisadora conheceu e se deixou conhecer pelos sujeitos que participam do projeto. As conversas foram amistosas, seguidas de convites para assistir às aulas de diferentes disciplinas e para a participação em algumas atividades. Quando se supôs que as relações entre pesquisadora e pesquisados já faziam parte da rotina, foi solicitado aos membros do PVNC, de todos os segmentos, que respondessem a um pequeno questionário contendo algumas questões sobre dados socioeconômicos e sobre o estar no PVNC. Houve um excelente retorno de questionários respondidos, o que ajudou muito na caracterização dos membros do projeto. Buscou-se fazer da escuta das suas falas e dos silêncios que as perpassaram, o jeito de saber, um pouco, sobre os sujeitos do PVNC. Pelas respostas obtidas foi possível abrir espaço para tecer algumas considerações pessoais sobre o PVNC. Pretendeu-se também, apreender nos conteúdos dos discursos contidos nas entrevistas feitas com os alunos suas percepções sobre o PVNC e como elaboravam o seu ingresso na Universidade. Desejou-se traçar, não uma descrição pessoal desses alunos, mas, quem eram esses alunos descritos por eles mesmos. Nesta parte do trabalho, houve a possibilidade de comparar o perfil dos alunos conforme definido na Carta de Princípios com os depoimentos colhidos nos Núcleos. Os desafios que eles enfrentavam e como eles contornavam as dificuldades pelas quais passavam durante o período de preparação para os exames vestibulares, foram também objeto de considerações.

Os 76 alunos que fizeram parte da população abordada na pesquisa tinham idade média de 24 anos. Dos alunos pesquisados, 47,3% residiam na comunidade onde se localizava o Pré, enquanto 51,3% não residiam na mesma comunidade. Segundo esses dados, o trabalho comunitário do PVNC não necessariamente atende apenas a uma comunidade circunscrita. A predominância dos alunos, que freqüentavam o PVNC, era do sexo feminino, as mulheres representavam 71% do total da população, dessas 43 mulheres estudantes do PVNC, 79,6% eram afrodescendentes. Este resultado, embora referente a uma parcela exígua da população do Rio de Janeiro, pode ajudar a entender o apoio do PVNC na instituição dos sistemas de cotas como ação afirmativa. Eles seriam os beneficiados pela legislação pertinente, desde o

ano 2000. Foi publicada no Jornal “O Globo” de 14 de maio de 2004, p. 12, matéria sobre cota de 50% em Universidades Federais: “*Está sendo enviado ao Congresso projeto de lei determinando a reserva de metade das vagas em faculdades e universidades federais a alunos que tenham cursado todo o ensino médio em escolas públicas. Este sistema inclui as vagas reservadas a negros e índios*”, é o Programa Universidade para todos. O perfil dos estudantes do PVNC é adequado aos objetivos desse Programa.

Dentre os pesquisados, o maior contingente está tentando o exame vestibular pela primeira vez, 63,1%. A tabela 19 mostra a freqüência de tentativas para o próximo exame vestibular.

Tabela 19 - Quantas vezes você já tentou o vestibular?

Freqüência das tentativas	Nº de estudantes	%
1ª	48	63,1%
2ª	12	15,8%
3ª	13	17,1%
4ª	3	4,0%
Mais de 4 vezes	-	-
Total	76	100%

Qual a qualidade desses três estudantes que vão, pela 4ª vez, disputar uma vaga na Universidade? Parece que a persistência. Um deles (24 anos), já tendo interrompido os estudos uma vez, escolheu Pedagogia como primeira opção porque pretende trabalhar com Orientação Educacional; o outro (36 anos), já tendo também interrompido os estudos uma vez, escolheu Informática como primeira opção porque já trabalha na área e o terceiro (24 anos) escolheu Matemática como primeira opção, porque gosta de realizar exercícios e quer ser professor, já interrompeu os estudos por duas vezes.

Os pais e mães dos alunos do PVNC têm baixa escolaridade, o seu grau de instrução quase se equipara. São somente três os pais de estudantes que possuem nível superior. A tabela 20 apresenta o grau de instrução dos pais dos estudantes por descendência.

Tabela 20 - Relação grau de instrução de pai e mãe dos estudantes do PVNC, por descendência

Grau de instrução	Afrodescendentes				Não-afrodescendentes			
	Pai		Mãe		Pai		Mãe	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Não sabe ler	7	12,0%	10	17,2%	-	-	-	-
1º Grau	36	62,0%	38	65,6%	11	61,1%	12	66,7%
2º Grau	9	15,6%	10	17,2%	4	22,2%	2	11,1%
Superior	3	5,2%	-	-	-	-	-	-
Outros	-	-	-	-	-	-	1	5,5%
Sem resposta	3	5,2%	-	-	3	16,7%	3	16,7%
Total	58	100%	58	100%	18	100%	18	100%

Visualizando os dados contidos na tabela 20 observou-se que tanto no grupo de afrodescendentes como no de não-afrodescendentes, nenhuma mãe chegou à Universidade.

O grupo de afrodescendentes apresentou concentração da escolaridade no 1º Grau, apresentando 7 pais e 10 mães analfabetos em 58 pesquisados; 3 pais possuíam curso superior e 8 mães tinham o 2º Grau completo. No grupo não-afrodescendente, a concentração do grau de instrução é, também, como no de afrodescendentes, no 1º Grau. No entanto, não aparecem, entre os sujeitos pesquisados, nenhum pai ou mãe analfabetos entre os não-afrodescendentes, sendo que 3 pais possuíam o 2º grau completo. Entretanto, entre os não-afrodescendentes pesquisados não aparecem pais com nível superior. Concluindo, os alunos dos PVNC envolvidos nesta pesquisa serão, em quase sua totalidade, a primeira geração de universitários daquelas famílias.

Como prática do PVNC, os cursos para os quais os alunos vão prestar exames são de livre escolha do candidato. No levantamento dos questionários aplicados foram citados 29 cursos. O curso mais indicado, como primeira opção, foi Serviço Social com 11,9% da preferência seguido de Engenharia com 8,9% e Administração com 7,4% das indicações. Em seguida, os cursos de Direito, Física, Enfermagem e História cada um deles com 5,9% de indicações. Os demais cursos tiveram a escolha dispersa em três ou menos indicações. Os Cursos estão citados na tabela 21, por quantidade de indicações.

Tabela 21 - Cursos citados como 1ª opção pelos candidatos do PVNC ao exame vestibular

Curso escolhido	Nº de indicações
Serviço Social	8
Engenharia	6
Administração	5
História	5
Enfermagem	4
Física	4
Direito	4
Educação Física	3
Informática	3
Matemática	3
Ciências Biológicas	2
Ciências Contábeis	2
Economia	2
Fisioterapia	2
Letras	2
Odontologia	2
Pedagogia	2
Psicologia	2
Química	2
Academia de Polícia Militar	1
Arquivologia	1
Biblioteconomia	1
Biologia	1
Composição de Interior	1
Comunicação Social	1
Educação Artística	1
Estatística	1
Medicina Veterinária	1
Sociologia	1
Não Responderam	2
Total	76

Na segunda opção, apareceram os cursos de Engenharia, Serviço Social e Matemática como os mais indicados com 6,5% das preferências, respectivamente. Na terceira opção, o curso de Engenharia se destacou com 7,8% das indicações. Na quarta opção, as escolhas diminuiram significativamente e foram bastante dispersas não trazendo dados relevantes para a investigação. Constatou-se que a preferência por Serviço Social foi uma constante na escolha dos pesquisados, aparece indicado na 1ª, 2ª, 3ª opções. Em seguida vem o curso de Engenharia que aparece com menos indicações, mas escolhido nas 4 opções oferecidas.

Ambos os cursos, Serviço Social e Engenharia são citados por vocação ou por conveniência do candidato. A tendência á constante indicação do curso de Serviço Social não era esperada. Se forem tomados, como termo de comparação, os dados coletados por Teixeira (2003, p.42) vê-se que

Se por algum critério metodológico, considerando-se que na universidade predominam alunos brancos, fôssemos escolher o curso “menos branco”, o eleito seria o curso de Serviço Social com 55,2% de alunos brancos. Com menos de 60% ainda teríamos bem votados os cursos de Ciências Sociais, Matemática e Arquivologia. Enquanto que o curso mais “clarinho” seria disparado Medicina com quase 90% de alunos brancos (88%). Na faixa ainda dos 80%, Odontologia (85,6%), Informática (83,3%), Engenharia e Psicologia com, 80,7% e, 80,6% respectivamente.

Dos 76 alunos respondentes, alguns justificaram que sua escolha era “por gosto”, porque se identificavam com a profissão ou porque já trabalhavam naquela área profissional. Como as escolhas foram espontâneas, foi indagado aos respondentes qual a razão de sua escolha para primeira opção. A tabela 22 apresenta os motivos da escolha do curso.

Tabela 22 - Razão da escolha do curso universitário pelos estudantes do PVNC

Motivos	Nº de estudantes	%
Eu gosto	30	39,5
Identifico-me	19	25,0
Trabalho na área	7	9,2
Pelo amplo mercado de trabalho	4	5,2
Por comodidade	3	3,9
Importância da profissão	2	2,7
Para ajudar os outros	2	2,7
Adoro animais	2	2,7
Quero ser professor	1	1,3
Preocupo-me com as questões humanas	1	1,3
Já cursei 2 anos	1	1,3
Falta coragem para cursar Medicina	1	1,3
Não responderam	3	3,9
Total	76	100%

Os estudantes do PVNC demonstraram não associar a escolha da profissão ao lugar social que ocupam. Nas escolhas, fatores como o gênero, a representação social do grupo, os estereótipos relacionados à carreira escolhida, a trajetória escolar, as ofertas educacionais na área escolhida, parecem ter pouco peso. As condições sócio culturais de suas famílias e,

conseqüentemente, suas são aparentemente superadas pela crença de que a escolha feita está apoiada em sua capacitação intelectual e em suas motivações pessoais. No entanto, do presente estudo ficou a indagação: embora as ações afirmativas estejam, notoriamente, atuando para tornar possível, viável e natural o ingresso e a permanência dos afrodescendentes nas Universidades, os resultados dão conta de que as escolhas pelos cursos parecem estar informadas ainda pelo sentimento de exclusão. Os dados apresentados anteriormente deixam claro que ainda há um extenso caminho a ser trilhado para garantir a presença proporcional dos estudantes afrodescendentes em todas as carreiras nas Universidades. Qual será o rumo das ações afirmativas para que realmente essa idéia de equidade na distribuição de oportunidades seja realidade? Será uma questão de tempo? Será uma questão de mudança de estratégias? Embora estes estudantes sejam considerados integrantes da “pequena elite” de jovens, segundo Maggie (2002) em projeto de pesquisa do CIEC sobre o Movimento do PVNC, o trabalhador-estudante traz consigo a bagagem de uma escolaridade anterior, insuficiente para ancorá-lo nas etapas posteriores de sua vida escolar. As ações afirmativas serão os mecanismos, mais disponíveis, que consolidarão as formas de retirar as barreiras que esses estudantes têm que transpor. O desafio permanece, ao mesmo tempo em que os estudantes dos PVNC continuam ingressando nas universidades, a preocupação é saber quantos conseguirão concluir seus cursos?

Mesmo com todas as dificuldades que terão que enfrentar, estes sujeitos querem ser universitários. Ao serem perguntados sobre o que representa para eles(as) ser universitário(a) revelam suas expectativas. A tabela 23 mostra a expectativa dos estudantes com relação à Universidade.

Tabela 23 - O que representa para os estudantes do PVNC ser universitário(a)

Ser universitário representa	Nº de respostas
Um grande sonho	10
Valorização no mercado de trabalho, realização pessoal	10
Vencer barreiras sócio-econômicas	9
Dar continuidade ao meu crescimento	5
Posso mudar a história, ser agente transformador da sociedade	4
Deixar de ser excluído	4
Uma vitória	3
Começo de uma vida melhor	3

Ascensão social	3
Garantir o direito de estudar	2
Dignidade, respeito e responsabilidade	2
Ser alguém na vida	2
Mudar a vida de toda família	2
Atingir os objetivos	2
Tudo	2
Ter direito de estudar	2
Responsabilidade e atitude	1
Descobertas e realização	1
Uma luta a ser vencida	1
Uma conquista	1
Ter melhores oportunidades	1
Cultura e independência financeira	1
Apenas ser universitário	1
Garantir meu direito de cidadão	1
Ter oportunidade de aprender	1
Não sabe	1
Sem resposta	1
Total	76

Por fim, concluindo a descrição do percurso que os sujeitos trilharam em direção à produção de uma nova identidade, observou-se que eles se basearam em parâmetros diferentes daqueles que até então a sociedade brasileira utilizava para qualificar as suas relações sociais-raciais. Foram tomadas as respostas das entrevistas concedidas por 7 estudantes de três PVNC que fizeram parte da pesquisa. Como estes estudantes vêm o seu ingresso no nível superior e a sua percepção das suas próprias experiências, a partir de seu próprio discurso. O acervo discursivo foi categorizado de acordo com o grupo de respostas obtidas. Nesta seção do trabalho, buscou-se categorizar o discurso dos alunos do PVNC: o que eles dizem de si mesmos e de suas coisas.

O significado do ingresso na universidade	<p>O discurso dos alunos do PVNC: o que eles dizem de si mesmos e de suas coisas</p> <p><i>“Eu desejo ir para a Universidade <u>para ter uma visão do que é</u>. Eu senti necessidade de <u>saber mais</u>. Ter <u>mais chance</u> Saber que eu vou aprender mais apesar de ter vindo de uma família de pessoas que não têm cultura”.</i></p> <p><i>“Eu acho que é uma <u>realização pessoal</u> que a gente consegue”.</i></p> <p><i>“É <u>um objetivo de todos os alunos que têm 2º grau</u>: tentar uma faculdade para, no futuro, <u>ter melhor estabilidade financeira</u>, montar uma família no futuro[...] hoje em dia tudo é concorrência, e quem tem só o segundo grau, ‘tá ruim’, tem que partir para uma faculdade mesmo”.</i></p> <p><i>“Eu descobri que essas coisas não são barreiras mais. Descobri que é só estudar, batalhar que a gente consegue atingir. <u>Eu tenho essa fome de conhecimento</u>. <u>Eu quero conhecer as coisas</u>, eu acho que o curso superior é ideal para isso”.</i></p> <p><i>“<u>Ascensão profissional</u>, quer dizer, <u>melhorar de vida</u>”.</i></p>
---	---

O ingresso na Universidade segundo, os alunos do PVNC, seja através das respostas ao questionário, seja nas respostas às entrevistas deixa patente que a meta é a mudança da sua vida pessoal, sua ascensão social. Uma aluna declara sobre sua condição de vida, seu cotidiano, seu dia-a-dia dentro do Núcleo do PVNC:

Para todo mundo que faz o PVNC a “barra” é muito grande. O maior obstáculo aqui “pra” gente é a fome. A gente sente muita fome, durante o período de aulas. Quando a gente vai comer, né, a gente faz um sanduíche. As aulas acontecem entre 8,00 h até as 15,30h, este tempo cobre o horário do almoço, a gente fica sem comer nada. Quando chega no último tempo, a gente já “ta” desesperado[...] “pelo amor de Deus, comida[...] arroz, feijão”. Aí a gente faz uma “vaquinha”, uma dá o pão, a outra compra a mortadela e, a gente vai assim[...] “Pra” poder segurar a “barra”[...]

Este relato ilustra uma das características marcantes desse projeto, o permanente exercício da solidariedade. A fala desta aluna traz uma questão para muitas reflexões. A carência dos sujeitos do projeto, para alguns, é extrema. Além disso, a carência parece atingir a esses sujeitos em todos os sentidos. Pode-se imaginar que a compensação do sacrifício a que se submetem vai ter que passar, primeiro, pelo atendimento das suas necessidades primárias até chegar ao reconhecimento social. Quando e como esses sujeitos estarão em condições de alcançar uma melhoria na vida? Como as ações afirmativas irão impulsioná-los para o grande passo que eles almejam poder dar? Verdadeiramente, qual é o

patamar, para eles, de uma vida melhor? Como iniciativas populares vão conseguir a participação política de sua base social, em grande parcela envolvida em situações de luta pela sobrevivência imediata? O discurso da estudante enfatizou o que a solidariedade representa para os sujeitos do PVNC.

Pelo modo como os estudantes se expressaram, o PVNC simboliza, para os sujeitos, o “passaporte” para uma nova forma de conduzir suas vidas. Os seus depoimentos ajudam a confirmar a importância das ações afirmativas como agentes de mudança na trajetória de vida das populações discriminadas.

O PVNC: a representatividade desse espaço de múltiplas relações	O discurso dos alunos do PVNC: o que eles dizem de si mesmos e de suas coisas
	<p><u>“No PVNC até a visão é diferente. Quando a gente tem aula de Cultura e Cidadania, a gente pára e pensa em coisas que a gente nunca pensou antes[...].”</u></p> <p><u>“A gente ‘tá’ aqui porque a gente quer. A gente não está sendo obrigada a estar aqui porque isso aqui é diferente [...] você está aprendendo, tendo experiências com outros colegas, tendo experiências com os professores que, na sua maioria, também estão estudando. <u>Aqui tudo faz a diferença</u>”.</u></p> <p><u>“Procurei o PVNC devido às minhas condições financeiras [...] <u>me indicaram esse curso em que eu também teria condições de concorrer com alguns feras de fora</u>”.</u></p> <p><u>“O PVNC faz diferença realmente. Ele faz uma diferença não só pelo aspecto didático, é a matéria que é dada. Aqui se forma um conjunto, um grupo em que as pessoas obtêm informações e <u>essas informações antes eu não tinha acesso</u> [...] antes eu não tinha aquela gama de conhecimentos. Eles te dão os caminhos para você conseguir esse benefício ao qual você tem direito. <u>No PVNC, mesmo que às vezes não tenha matéria, a gente se reúne para trocar experiências</u>. A gente não está atrás somente da parte do meu, do eu [...] <u>A gente quer que o grupo ascenda. Tem a solidariedade nesta troca</u>”.</u></p>

Observou-se que o ingresso no Pré-Vestibular é resultado de uma rede de solidariedade entre os membros das comunidades mais pobres. A comunicação boca a boca prevalece. Os alunos que foram contatados nos Núcleos, durante a pesquisa, sempre se referiram aos cartazes colocados na porta dos Núcleos, durante o período de matrículas, além do chamado de seus amigos para freqüentarem o PVNC.

<p>O recrutamento para o PVNC: uma rede de solidariedade</p>	<p>O discurso dos alunos do PVNC: o que eles dizem de si mesmos e de suas coisas</p> <p><i>“Quem me indicou o PVNC foi uma amiga minha que já fez parte do projeto, conseguiu passar para a PUC e foi me incentivando [...]”</i></p> <p><i>“Uma amiga me incentivou a estudar, ela fazia o curso Pré em outro local, eu vim para cá, pela localização[...]”</i></p> <p><i>“Eu vim através de uma amiga minha[...]”</i></p> <p><i>“Eu fiquei sabendo porque o pessoal comentou [...] eu passando aqui vi escrito um cartaz ‘Pré-Vestibular para Negros e Carentes’. Eu fiquei curioso, querendo fazer o curso. Aí eu terminei o 2º Grau e vim fazer a inscrição no Pré [...]”</i></p> <p><i>“Um amigo, aluno que fez o curso no ano passado. Esse ano ele está fazendo também porque ele não conseguiu passar no ano passado. Ele me indicou e eu vim através dele”.</i></p> <p><i>“Eu descobri que existia esse movimento, há uns dois anos atrás. Aí, quando eu fiquei sabendo que ia abrir um Núcleo aqui, vim para cá. Já tem um ano que a gente está aqui. Fui um dos primeiros alunos [...] o primeiro, né. Na madrugada eu já estava na porta para poder fazer a ficha de inscrição [...]”</i></p> <p><i>“Eu ouvi falar no PVNC e me interessei só pelo nome, né. Era um Pré-Vestibular para Negros e Carentes, aquilo já mexeu comigo [...]”</i></p> <p><i>“Foi através de uma amiga que trabalha na UERJ. Eu trabalhei na casa dela, então ela começou a me incentivar. Porque eu achava que a Universidade era só para ricos”.</i></p>
--	---

A possibilidade de fazer a inscrição para o Pré-Vestibular despertou a curiosidade daqueles que estavam interessados em dar prosseguimento a seus estudos e não possuíam renda para fazê-lo num curso pago. A gratuidade do PVNC, no entanto, precisa ser explicada. O PVNC mantém-se pelo sistema de cotização, ou seja, pela divisão das despesas com os alunos.

Pode-se observar durante este trabalho que a idéia de mobilidade social, pelo ingresso na Universidade, reflete uma visão ingênua do processo de ascensão social. As escolhas das

profissões se concentram naquelas de menor prestígio e mais baixos salários e a intenção de dar continuidade a trabalhos comunitários, na maior parte das vezes voluntários, demonstra que o limite das possibilidades de transformação social ainda não está devidamente dimensionado. A capacidade de mobilização desses estudantes para assumir politicamente o movimento de transformação da sociedade está apenas idealizada no projeto. Embora a Carta de Princípios reitere a necessidade de formar ativistas, tal disposição não parece estar fortemente presente nos projetos de futuro dos estudantes entrevistados.

O ingresso na Universidade e o projeto de futuro	<p>O discurso dos alunos do PVNC: o que eles dizem de si mesmos e de suas coisas</p> <p><u>“Após o curso universitário eu tenho vontade de fazer um projeto para crianças”.</u></p> <p><u>“Eu não queria deixar, por exemplo, coisas como o PVNC morrer. Eu queria dar continuidade a isso. Não só ao Pré-Vestibular, mas também ao Pré-Técnico. Tudo vem de uma base, eu não queria deixar isso morrer não. Quem sabe um dia dar aulas [...]”.</u></p> <p><u>“Eu quero trabalhar, porque eu quero fazer Direito e eu ainda não sei muito bem qual a área dentro do Direito que eu vou seguir”.</u></p> <p><u>“No momento eu ainda não pensei no meu futuro pós Faculdade, mas, se possível, ajudar o pessoal do PVNC”.</u></p> <p><u>“A carreira que eu pretendo seguir é justamente História ou Ciências Sociais. Voltada para o social. E dar aulas, é isso que mais me interessa. Vai depender do espaço que eu conseguir”.</u></p> <p><u>“Além da parte profissional, eu penso em colocar o que eu aprendi a serviço daquilo, devolver uma parte do que me foi dado. Primeiro é no Pré que a gente sempre volta” [...].</u></p> <p><u>“Eu pretendo fazer Pedagogia ou Biologia porque eu quero ser professora. Porque tem que haver pessoas que realmente queiram trabalhar nessa área do ensino. A educação está muito desvalorizada, as pessoas estão muito desinteressadas”.</u></p>
--	---

Um outro ponto a ser destacado, no discurso dos estudantes, está relacionado às questões raciais. Embora o tema vez ou outra perpassasse os discursos em projetos para o futuro, a luta anti-racismo se apresenta como não belicosa, e revertida na intenção de retorno ao PVNC, após o término da Universidade. A idéia que se conseguiu formar com relação a racialização no movimento torna-se explícita na fala do Professor Márcio Flávio. Durante o Seminário sobre a Pedagogia do PVNC, realizado no dia 16 de maio de 2004, publicado no Jornal Azânia, o professor destacou que os movimentos sociais utilizam diferentes metodologias nas suas práticas pedagógicas, salientando que a educação está na ordem do dia, devido às reivindicações dos movimentos sociais, pois a educação está ligada à cidadania.

Percebeu-se que não se configura como uma meta imediata, mas a ser alcançada no futuro, ou seja, esta geração de estudantes só incorporará as metas anti-racistas após ter conseguido se auto-afirmar como cidadão e como trabalhador.

<p>A responsabilidade pela inserção dos NOVOS universitários</p>	<p>O discurso dos alunos do PVNC: o que eles dizem de si mesmos e de suas coisas</p> <hr/> <p><u>“O principal responsável pelo meu ingresso na Universidade vais ser o PVNC. É porque aqui adquiri uma nova vida” [...].</u></p> <p><i>“Eu acho que é um conjunto. Assim: <u>É o Pré e a minha mãe.</u> Porque a gente tem um apoio aqui dentro e também tem que ter em casa”.</i></p> <p><u>Eu acho que eu vou ser a responsável.</u> Sabe por quê? Eu tenho a ajuda do Pré, que está sendo maravilhoso, eu não teria condições de chegar lá sem o Pré. A minha mãe é a maior incentivadora”.</p> <p><u>“Os professores do PVNC e também as Coordenadoras,</u> que me deram a oportunidade de estar aqui”.</p> <p><i>“Eu acho que vai ser somente <u>a mim mesmo.</u> A perseverança e a fé em Deus”.</i></p> <p><u>“Várias pessoas, amigos,</u> que estão me orientando”.</p>
--	---

Frequentar o PVNC é para os sujeitos como se estivessem mais próximos das portas da Universidade. O projeto, ao acolher aquelas pessoas que desejam cursar o nível superior, transmite a eles a confiança de que o seu esforço pessoal será recompensado com a aprovação no exame vestibular. Saber qual o papel do PVNC nos ingressos foi a intenção da pergunta e de alguma maneira pensou-se que a resposta poderia ser antecipada. Ao contrário, as respostas trouxeram como resultado a crença de que tanto o PVNC, quanto a família, quanto os amigos e o próprio esforço pessoal colaboram em igual medida para o sucesso dos estudantes no alcance do seu objetivo.

Ao mesmo tempo, o PVNC concentra estes sujeitos e acaba por determinar a atuação deles dentro e fora do PVNC. Ao entrevistar alguns sujeitos, ficou a impressão de que o PVNC tem, para cada um deles, um valor simbólico. A observação pôde trazer alguma clareza sobre a influência que o PVNC exerce sobre os candidatos que procuram os Núcleos, para

se prepararem para os exames. A disciplina Cultura e Cidadania é considerada, pela grande maioria dos sujeitos, como indispensável para a sua preparação. É interessante constatar que os depoimentos dos alunos demonstraram que, embora pelo projeto-político pedagógico os conteúdos da disciplina Cultura e Cidadania prevejam, em última instância, a formação de militância para as lutas populares, os estudantes declararam que tais conteúdos despertaram neles uma predisposição para a reflexão sobre sua própria existência e, em muitos deles a necessidade de buscar sua identidade social.

<p>Como são as aulas no PVNC? As aulas de Cultura e Cidadania, a disciplina indispensável do projeto</p>	<p>O discurso dos alunos do PVNC: o que eles dizem de si mesmos e de suas coisas</p>
	<p>“Na aula de Cultura e Cidadania [...] <u>A gente discute muita coisa</u> [...]”.</p> <p>“Gosto das aulas de Cultura e Cidadania. <u>São aulas que já me fizeram refletir muito sobre muitos temas</u>. É uma matéria muito interessante, que alguns cursos não têm, <u>acho que é próprio do PVNC</u>”.</p> <p>“Ah, essa aula é muito importante. <u>Eu acho que ela é o eixo aglutinador da matéria toda</u>. Mostra o lado bom e o lado ruim das coisas. O que a gente está sofrendo e por que a gente está sofrendo, né?”.</p> <p>“<u>A aula de Cultura e Cidadania além de ser informativa, ela faz a gente pensar melhor</u>, faz refletir até sobre isso tudo mesmo. [...] a gente não dava nem muita importância para certos temas que estavam sendo colocados e depois a gente passou a perceber como é que faz a diferença”.</p> <p>“<u>A disciplina Cultura e Cidadania ajuda muito, ela ensina a gente, esclarece sobre os direitos</u>, eu adorei essa aula, [...] <u>o governo deveria adotar nas escolas públicas</u> [...] Essa aula é indispensável [...]”.</p>

Pelo que foi dito no capítulo 1, o problema do preconceito racial está permanentemente presente nas relações sociais no Brasil sendo o problema da exclusão da população afrodescendente visto como inerente a essas relações. Os sujeitos do PVNC indicam que o preconceito racial existe e o combate ao preconceito deve se dar pela educação.

Se existe preconceito racial no Brasil como pode ser combatido?	O discurso dos alunos do PVNC: o que eles dizem de si mesmos e de suas coisas
	<p data-bbox="483 353 1449 421">“Eu acho que é <u>questão de cultura</u> [...] o preconceito é uma coisa que vem muito lá de trás. <u>O preconceito só pode ser resolvido com a educação.</u> [...]”.</p> <p data-bbox="483 450 1449 539">“Em todo lugar a gente discute sobre isso: que há sempre preconceito em todos os lugares que você vá. Tem preconceito seja racial, ou seja, lá o que for, <u>sempre há preconceito na sociedade brasileira</u> [...]”.</p> <p data-bbox="483 568 1449 658">“<u>Que existe preconceito racial no Brasil,</u>’ eu tenho certeza’ <u>para resolvê-lo é só os negros começarem a ter consciência, né, conquistarem mais espaços</u> [...] eu acho que a partir daí, a gente vai diminuir isso” [...].</p> <p data-bbox="483 687 1449 815">“<u>Existe preconceito racial no Brasil, velado, né.</u> Ele existe mascarado, né. [...] <u>para ser resolvido? [...] através da base educacional</u> [...] <u>existe muito preconceito</u>, eu mesma já fui vítima de preconceito [...] <u>uma das coisas que eu acho que acabaria com o preconceito é o esclarecimento</u> [...]”.</p>

Finalizando, o processo de ingresso no PVNC pode ser caracterizado como a parte inicial de um “rito de passagem” que se completa com a formatura, para aqueles que conseguem chegar até o final do curso escolhido e colar grau. O candidato, na inscrição para o Pré, após atender aos requisitos, já se sente direcionado para a universidade, para ele é apenas uma questão de tempo. Aqueles que conseguem permanecer no Pré até às provas do exame vestibular, se consideram mais aptos a enfrentar a luta por uma vaga em algum curso de graduação. Estes são os alunos dos PVNC considerados neste trabalho. A sua situação de vida descrita, até aqui, define o perfil dos “novos bacharéis”, assim denominados por Maggie (2000).

CAPÍTULO 6

COORDENADORES DO PVNC: compromisso, participação, voluntariado

[...] “por que, provavelmente a maioria não passa? Será que a deficiência deles? Será que são todos burros? Eu gosto sempre de provocar essa discussão porque as nossas explicações são sempre individuais, quase sempre a gente atribui, nossos fracassos e nossas vitórias à nossa burrice ou à nossa inteligência ou até à sorte”. (Trecho da entrevista com uma professora de Biologia e Mestranda em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, 2002).

Os Coordenadores dos PVNC são responsáveis pela articulação entre alunos e professores e respondem nas Assembléias Gerais pelo que acontece nos seus Núcleos. O contato com a Coordenação foi enriquecedor, à medida que os coordenadores são os articuladores políticos do projeto. De modo geral os Coordenadores revelaram a história da criação de cada Núcleo, o rumo que cada Núcleo foi tomando, a expectativa da Coordenação com relação ao engajamento dos alunos no projeto e na continuidade do trabalho comunitário. Os coordenadores aceitaram responder à pesquisa e houve um bom retorno das respostas, o que propiciou a caracterização do grupo além de terem, de bom grado, respondido às entrevistas que posteriormente foram feitas. Percebeu-se que os termos mais frequentes, implícita ou explicitamente, na fala dos Coordenadores foram: compromisso, participação, voluntariado. São os elos que os uniam ao projeto comunitário.

Vinte Coordenadores responderam aos questionários, a idade média dos respondentes é de 27 anos, a mais alta entre os sujeitos do PVNC; destes, 80% são do sexo feminino e 20% do sexo masculino. De acordo com as respostas, 70% dos Coordenadores se autodenominaram afrodescendentes, enquanto 25% declararam-se não-afrodescendentes e 5% preferiram não responder ao quesito. Esses Coordenadores foram solicitados a declarar a sua

renda familiar. A tabela 24 registra a situação dos Coordenadores de acordo com sua renda familiar.

Tabela 24 - Situação dos Coordenadores voluntários do PVNC de acordo com a renda familiar declarada

Renda familiar mensal declarada	Nº de Coordenadores
De 1 a 5 salários mínimos	14
De 6 a 10 salários mínimos	1
De 11 a 15 salários mínimos	5
Mais de 15 salários mínimos	-
Total	20

A concentração da renda mensal das famílias dos Coordenadores ficou entre R\$ 200,00 e R\$ 1000,00. Não sendo registrada nenhuma família afrodescendente ou não-afrodescendente que tivesse uma renda mensal de mais de 15 salários-mínimos.

Analisando a tabela 24 pode-se comprovar que a renda familiar dos Coordenadores estava situada na parte inferior da renda nacional.

A tabela 25 toma os Coordenadores por renda mensal e descendência. Ao comparar os dois grupos, percebeu-se, que a maior concentração de baixa renda mensal está no grupo dos Coordenadores Afrodescendentes.

Tabela 25 - Situação dos Coordenadores voluntários do PVNC de acordo com a renda familiar mensal, por descendência

Renda familiar mensal declarada	Afrodescendentes	Não-afrodescendentes
1 a 5 salários mínimos	11	2
6 a 10 salários mínimos	1	-
11 a 15 salários mínimos	2	3
Mais de 15 salários mínimos	-	-

Os 60% dos Coordenadores residiam, à época da pesquisa, na Comunidade do PVNC que coordenavam enquanto os demais residiam em outros locais. A maioria dos moradores das comunidades onde se encontravam os Núcleos era os Coordenadores, superando o total de alunos e professores. Os Coordenadores afrodescendentes formavam o maior contingente de residentes nas comunidades onde estavam implantados seus Núcleos, dando condição de se acreditar que eram os afrodescendentes, provavelmente, que em maior número habitavam as comunidades mais pobres.

A tabela 26 mostra a situação dos Coordenadores em relação ao local de moradia, separados por descendência. Esta tabela reproduz as respostas à pergunta: Você reside no mesmo bairro do PVNC?

Tabela 26 - Situação dos Coordenadores voluntários do PVNC de acordo com o local de moradia por descendência

Descendência	Residentes	Não-residentes
Afrodescendentes	9	5
Não-afrodescendentes	3	2
Não declarou descendência	-	1

Os coordenadores foram indagados se freqüentaram o PVNC como alunos e 14 deles, ou seja, 70% declararam afirmativamente, enquanto 6 coordenadores, 30%, não foram alunos do PVNC. A média de tempo de atuação no Núcleo como coordenador era de 3 anos aproximadamente; 7 coordenadores já haviam coordenado outros Núcleos durante aproximadamente 1 ano e 5 dos coordenadores pesquisados já haviam lecionado em algum PVNC por um período de, aproximadamente 1 ano, antes de assumirem a Coordenação.

O grupo de Coordenadores falou sobre a sua formação acadêmica. Deles 18 não eram graduados, apenas 2 coordenadores eram graduados: 1, não afrodescendente, em Ciências Sociais e 1, afrodescendente, em Química. Dos demais alguns estavam freqüentando algum

curso universitário, enquanto 30% dos Coordenadores não eram graduados, nem estavam freqüentando nenhum Curso Superior. A tabela 27 apresenta a situação dos Coordenadores por formação acadêmica e descendência.

Tabela 27 - Situação dos Coordenadores voluntários do PVNC por formação acadêmica e descendência

Situação	Afrodescendentes	Não-Afrodescendentes	Nº de Coordenadores	%
Graduados	1	1	2	10,5%
Cursando	9	3	12	63,2%
Não-graduados	4	1	5	26,3%
Total	14	5	19	100%

Foi solicitado aos 12 Coordenadores que estavam freqüentando algum curso universitário que declarassem quais eram esses cursos. A tabela 28 apresenta os cursos de graduação freqüentados pelos Coordenadores por descendência.

Tabela 28 - Cursos de Graduação freqüentados pelos Coordenadores voluntários do PVNC por descendência

Curso	Afrodescendentes	Não-afrodescendentes	Nº de Coordenadores
Serviço Social	3	–	3
Informática	1	–	1
Psicologia	1	–	1
Biblioteconomia	1	–	1
Ciências Sociais	–	1	1
História	1	–	1
Letras	–	1	1
Matemática	1	–	1
Física	1	–	1
Cenografia	–	1	1
Total	9	3	12

Dos Coordenadores que estavam se graduando, 25,3% cursavam Serviço Social o que já foi registrado, em outros momentos deste estudo, como o curso preferido da população pesquisada.

Até aqui foram caracterizados os Coordenadores do PVNC. São eles que participam das discussões dos temas que necessitam ser amadurecidos antes do Conselho Geral. O Conselho Geral se reúne para deliberar sobre calendários; planejamentos; instituir comissões temporárias para questões específicas; para troca de informações entre os Núcleos; prestação de contas dentre outros. Os Coordenadores produzem diferentes materiais que são levados para as reuniões e colaboram para que nelas sejam tomadas decisões para o funcionamento do Coletivo.

Uma Coordenadora respondeu sobre o seu compromisso com os princípios do PVNC:

[...] a gente tem que seguir a Carta de Princípios [...] mesmo tendo muitas coisas que a gente não concorda [...], mas como nós fazemos parte do Movimento a gente tem que acatar, né? [...] e dentro ela não fala que a gente tem que seguir à risca tudo o que está escrito na Carta de Princípios, tem situações e situações [...]

Um outro Coordenador respondeu à mesma pergunta da seguinte forma: [...] *“a gente segue a Carta para que o Movimento seja legítimo” [...]*.

A participação constante dos sujeitos do PVNC e, especificamente dos Coordenadores dos diversos Núcleos, parece fazer o PVNC funcionar em rede. Os sujeitos comunicam-se, auxiliam-se e buscam reforçar com suas ações a representação social positiva daqueles que integram o trabalho comunitário.

Os Coordenadores afirmaram que possuíam algumas convicções com relação ao que os alunos irão conseguir ao concluírem o curso superior. A tabela 29 registra as opiniões dos Coordenadores consultados. Foi solicitado aos Coordenadores que assinalassem uma das opções apresentadas em resposta à pergunta elaborada. O maior número de indicações, cerca de 25%, foi opinando que os estudantes conseguiriam *a inclusão social*.

Tabela 29 - Opinião dos Coordenadores voluntários do PVNC sobre o que os alunos irão conseguir ao concluírem o Curso Superior

Os alunos do PVNC ao concluírem o Curso Superior irão conseguir	Nº de indicações
Inclusão social	5
Consciência comunitária	4
Enriquecimento cultural	3
Realização pessoal	3
Diminuir a desigualdade sociocultural	3
Todas as opções	1
Sem resposta	1
Total	20

Para 90% dos Coordenadores, a prática docente é *inovadora* (Carta de Princípios, 1999), entretanto, quando lhes é pedido que definam em que aspectos ela é inovadora, 60% não souberam responder. A tabela 30 mostra a diversidade de respostas sobre o que seria a prática do PVNC.

Tabela 30 - O que os Coordenadores voluntários consideram como prática inovadora do PVNC

A prática é inovadora porque	Nº de indicações
Dá-se pelo tipo de aulas ministradas	1
Trabalha as dificuldades do aluno	1
É centrada na reflexão contínua	1
Foge ao conceito antigo de pré-vestibular	1
São ministradas as aulas de Cultura e Cidadania	1
Planejada para acontecer numa estrutura educacional diferente	1
Trabalha com a realidade do aluno	1
Sua base está na comunidade	1
Não responderam	12
Total	20

O termo “*prática inovadora*” parece ainda não ser um referencial para o trabalho conjunto dos Coordenadores e Professores do PVNC. Consultada a Carta de Princípios, verificou-se que o “*caráter inovador do projeto*” estaria refletido numa prática pedagógica do PVNC que resultaria do “*questionamento do sistema educacional vigente*” (Carta de Princípios, 1999). Definir o que é “*inovador*” no PVNC vai depender da visão dos sujeitos do projeto. Parece ser recorrente, nas reflexões dentro dos Núcleos visitados, a idéia de novas

práticas que, no entanto, não se encontram de forma explícita em nenhum manual pedagógico do projeto. Percebeu-se, pela fala dos sujeitos, que a proposta do PVNC está pautada na releitura de antigos manuais, com o enriquecimento de uma proposta política que ajudaria a reelaborar o fazer pedagógico, tornando-o inovador.

Uma Coordenadora opinou sobre a prática docente do PVNC: “*As aulas estão de acordo com o programa dos vários cursos vestibulares, mas, as aulas são abertas, preparam os alunos não apenas para ingressarem na Universidade, mas, para serem agentes da História, sobretudo as aulas de Cultura e Cidadania*”.

Para entender as ações da Coordenação nos Núcleos, foram entrevistados alguns Coordenadores. Eles declararam-se interessados no planejamento dos temas das aulas de Cultura e Cidadania. Eles encarregavam-se de estruturar o planejamento junto com os professores das diferentes disciplinas, além do professor da disciplina Cultura e Cidadania, os alunos e os palestrantes convidados. Pôde-se observar que nos Núcleos em que os Coordenadores preocupavam-se em colocar a disciplina em horários que eram adequados para os alunos, que discutiam com todos os sujeitos a temática das aulas, que pediam sugestões sobre os possíveis convidados, garantiam a participação da maioria dos estudantes e professores nas atividades de Cultura e Cidadania. Essa prática assegurava a participação de todos os sujeitos e garantia o caráter participativo do Movimento. Demonstrando a importância que os Coordenadores dão ao trabalho comunitário, uma Coordenadora revelou que:

[...] a gente costuma notar que o pessoal se une bem mais, por uma causa, que é passar no vestibular. Formam grupos de estudo, o círculo de amizades aumenta cada vez mais com o decorrer do ano. Quer dizer, a gente vira praticamente uma família, né? [...] A gente costuma todo fim de semana e feriados vir para cá. Quando a gente não vem fica sem saber o que fazer em casa.

O que representa para os sujeitos do PVNC ser/estar no PVNC? Aqui, dizem eles, o grupo de iguais funciona como ancoradouro, para as aflições, inseguranças, medos, o sentimento de pertença traz força, esperança e vontade de vencer os desafios. Esta vontade de “estar” aparece nos seus discursos fazendo com que a convivência naquele espaço físico

signifique ultrapassar uma etapa para a aquisição de uma nova condição pessoal e social. A atitude dos sujeitos indica que estar no PVNC, ser do PVNC, colaborar com o PVNC representa usufruir um espaço estimulante e acolhedor.

Na verdade, para que este trabalho pudesse ser desenvolvido, a ajuda dos Coordenadores foi fundamental. Os Núcleos dispunham de poucos registros, escassos dados estatísticos, raros arquivos contendo material relativo ao funcionamento do Núcleo. Foram os Coordenadores, com o mínimo de rituais burocráticos, mas com uma disponibilidade característica do voluntariado, que deram conta de revelar as peculiaridades de cada Núcleo. Para a manutenção dos Núcleos os Coordenadores, acompanham os alunos, os professores e ainda atendem às solicitações feitas ao Núcleo. A receptividade dos sujeitos os transformou nos disponíveis registros vivos do trabalho voluntário do PVNC.

Uma Coordenadora declarou:

[...] outro Pré-Vestibular que não seja comunitário, se a pessoa não pagar, automaticamente, é cortada e com a gente aqui, não tem isso. No nosso Pré-Vestibular comunitário, a gente tem muita preocupação com relação à cidadania [...], mas a conquista da cidadania é uma coisa muito difícil, não é uma coisa fácil.

Esta Coordenadora demonstrou a preocupação com o atingimento dos objetivos da proposta pedagógica e, compartilhou esta preocupação, durante a entrevista.

Para que o trabalho do Núcleo funcionasse, havia um revesamento entre os Coordenadores de forma a propiciar que todas as atividades se desenrolassem de forma adequada durante todo o período, desde aulas, palestras, eventos, grupos de estudos e outras. Em um dos Núcleos durante uma visita, num domingo ensolarado de dezembro, os alunos e coordenadores se dedicavam à aula de capoeira e dança afro no pátio da escola que abrigava o Núcleo. Pelo que se pôde perceber, o espaço do PVNC é apropriado por eles durante todo o tempo que dispõem para permanecerem juntos. Após estas atividades aconteceu um almoço comunitário do qual participaram alunos, coordenadores e professores que haviam ministrado aulas pela manhã, além dos que iriam ministrar as aulas da tarde. Os sujeitos transformaram o espaço cedido no espaço do Coletivo.

Os Coordenadores assumem para si, um papel importante:

[...] eu estou ajudando aqui na coordenação, na integração dos alunos com o professor e também incentivando, porque às vezes quando chega um aluno dizendo, ah, não vou conseguir passar, eu digo, não, você vai conseguir sim, se não conseguir agora, tenta o ano que vem.

Outro Coordenador afirmou:

Eu acho que o que influi aqui é o trabalho de melhorar a auto-estima das pessoas. Quando os alunos chegam aqui, já encontram os grupos de amigos formados, eles vêm de forma bem humilde, buscando realmente uma oportunidade. O trabalho do coordenador é fazer com que os alunos comecem a pensar na vida de uma forma diferente. Trabalhar, não somente, a parte didática, mas também trabalhar a auto-estima.

Uma Coordenadora revelou:

Nosso papel, enquanto coordenação, professores e até alunos é criar essa consciência crítica. Principalmente pela questão do nome: Pré-Vestibular para Negros e Carentes.

Outra Coordenadora revelou:

A gente tenta aplicar da melhor maneira possível, a ideologia do próprio projeto. A questão educacional e a questão da formação de novos agentes sociais são importantes serem trabalhadas com os alunos que estão inseridos no projeto do vestibular.

Pelos depoimentos acima se pôde entender que o trabalho do Coordenador não se limitava apenas a fazer com que o dia-a-dia do Núcleo fluísse sem atropelos, mas era também um trabalho de convencimento, dar ajuda àquelas pessoas que ao longo do caminho sentiam-se desencorajadas. Os Coordenadores ainda relatavam um outro problema que era a evasão inevitável, causada, na maior parte das vezes, pela própria condição de vida desses alunos. Muitas vezes o Coordenador funcionava como orientador daqueles que estavam sentindo-se mais frágeis. Servindo de exemplo, postando-se como modelo, auxiliava aos estudantes dando a eles confiança na sua capacidade de luta. Algumas vezes, durante as observações, testemunharam-se momentos de trocas e de estímulos entre os Coordenadores e os Alunos.

Por outro lado, embora admitissem que existe preconceito racial no Brasil, os Coordenadores, em sua maioria, nos seus fazeres deixavam um pouco frouxa a sua proposta de como lidar com o racismo, com a questão da carência, com a noção de negritude junto aos alunos do PVNC, no seu cotidiano. Talvez a discussão sobre negritude fosse ainda difícil de ser priorizada frente a tantas outras discussões a serem levadas a efeito na formação dos estudantes que buscavam o PVNC. A militância proposta neste projeto parece ser uma aquisição a ser concretizada em longo prazo.

O perfil dos coordenadores do PVNC remete aos termos compromisso, participação e voluntariado. Tais termos foram pinçados das respostas às entrevistas a que eles foram submetidos. Foram selecionados excertos dos discursos que reforçam o caráter simbólico do PVNC, no que diz respeito às ações dos sujeitos na tarefa de coordenação e, o seu significado no imaginário desses sujeitos. Eles asseguravam que, uma das qualidades do Coordenador era estar comprometido com o projeto.

O compromisso	<p>Os sujeitos/atores na tarefa de coordenação</p> <p>[...] “o pré-vestibular não é da coordenação [...] o pré-vestibular é da comunidade, há um compromisso do aluno com o pré-vestibular também” [...].</p> <p>[...] “o meu compromisso maior é ajudar na conscientização [...] a cada turma nova que vem para cá, eu costumo conversar com as pessoas [...] quando eu posso, eu venho durante a semana e ajudo no que dá” [...].</p> <p>[...] “o compromisso como coordenador é que se não tiver ninguém para ajudar, o movimento não vai andar [...] E enquanto ele estiver parado várias esperanças que as pessoas depositam na gente, depositam nos professores que vêm dar aulas vão se extinguir? O compromisso é esse”.</p> <p>“Os coordenadores precisam ter compromisso, os alunos precisam ter compromisso, os professores precisam ter compromisso [...] nosso compromisso, nosso perfil primordial é de ter compromisso com o projeto”.</p>
---------------	--

Os Coordenadores dedicavam-se aos seus Núcleos, embora não havendo nenhuma formalização para o exercício da Coordenação. Eram os próprios Coordenadores voluntários que assumiam, com seriedade e comprometimento, o projeto. O mais importante para eles era participar. Embora fosse atribuição dos Coordenadores cuidar dos aspectos pedagógicos do projeto, eles não atuavam como os Coordenadores tradicionais, ou seja, eles não interferiam

nas ações pedagógicas dos professores que lecionavam nos seus Núcleos uma vez que, não tinham a formação de Especialistas de Educação em Supervisão Escolar, o que lhes exigiria a Licenciatura Plena em Pedagogia.

<p>A participação</p>	<p>Os sujeitos/atores na tarefa de coordenação</p> <p>[...] “aqui no pré-vestibular tem uma cobrança, a gente faz com que cada um reflita sobre sua responsabilidade [...] as pessoas que entrarem no pré-vestibular virão <u>para somar e não para subtrair</u>”.</p> <p>[...] depois que as pessoas entram, eu tento criar amizade com os alunos, conversar com eles sempre estar falando de como é importante, que é legal tentar, um ajuda o outro [...] incentivando sempre a <u>participação</u> [...] dando apoio às outras coordenadoras [...].</p> <p>[...] se a gente realmente tem um sonho, a gente tem que lutar por ele [...] a gente trabalha nessa função de estar incentivando [...] <u>vem para cá sábado e domingo, o dia todo</u>. Você se integra, você se esforça, deixa de fazer as outras coisas, de passear, se divertir, namorar até “[...]”.</p> <p>[...] “Como cidadã e como coordenadora, além de estar aqui depositando um tempo nosso, após sermos aprovados no vestibular temos a obrigação, enquanto pessoa, enquanto membro que <u>participou</u> desse processo de <u>estar aqui contribuindo pelo menos com uma ou duas horas do seu tempo</u>” [...].</p> <p>[...] “às vezes torna-se difícil estar atuando, mas a <u>participação</u> é primordial, a relação, o contato entre os Movimentos Sociais são muito importantes”.</p> <p>[...] “quando falta um professor, <u>o aluno que sabe mais vai para o quadro e ajuda</u>, se dispõe” [...].</p> <p>[...] “na coordenação, eu <u>estou sempre procurando ajudar</u>. Espero daqui a algum tempo dar aula também, ajudar na função de professor” [...].</p> <p>[...] “com respeito à coordenação, eu <u>tento ajudar no que posso</u> [...]”.</p>
------------------------------	--

Concluindo, percebeu-se que era a disponibilidade dos Coordenadores em colaborar, que ajudava no funcionamento do projeto do PVNC. Além de facilitar o processo pedagógico, os Coordenadores otimizavam as relações entre os alunos e os professores, entre o Núcleo e a Comunidade e entre os diferentes Núcleos. Estas atividades davam aos Coordenadores intensa mobilidade dentro do projeto.

CAPÍTULO 7

PROFESSORES DO PVNC: da doação à militância

[...] “eu querendo chegar em casa para falar com minha mãe, falar com a família toda, falar com as minhas irmãs, com meus amigos. Quando eu desci do ônibus e cheguei na esquina da minha rua, eu fui gritando da esquina até à porta da minha casa [...] mãe eu entrei para a Universidade!” (Trecho da entrevista com uma coordenadora do PVNC, graduada em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2002).

Procurou-se focalizar aqui quem são os professores do PVNC. Nas conversas com eles, verificou-se que o maior parte dos docentes é atraído para o trabalho comunitário e chegam aos Núcleos pelo chamado de colegas de profissão ou foram despertados por faixas colocadas nas portas dos Núcleos principalmente na época de matrículas de novos alunos, que coincide com o preenchimento das vagas para docentes.

Diversas foram as abordagens para aproximação com os professores. Isto resultou na descoberta da variedade de disposições que levam os docentes voluntários a assumirem esse tipo de trabalho. Foi interessante descobrir que as motivações dos docentes vão da doação à militância, de uma forma peculiar. As intenções dos professores que foram contatados suscitaram algumas indagações sobre como se mantém a unidade interna dos Núcleos e sobre como os professores agem em relação às bases em que estão assentados os propósitos do projeto de educação popular. Foi instigante tentar compreender como os professores

interagem com os alunos. Como se dão as relações entre as culturas dos professores e a cultura dos alunos do PVNC. Como são e se são tratadas as questões sobre diversidade na sala de aula. Como no PVNC os sujeitos agem e interagem, ao mesmo tempo, movidos por objetivos claramente definidos.

A Carta de Princípios traça o perfil dos professores para o trabalho voluntário no movimento. Talvez aí esteja a chave para que, se diferenças sócio-culturais existam, sejam administradas. Procurou-se captar como os docentes posicionavam-se frente à suas disciplinas, como era feita a compatibilização dos objetivos dos alunos com os valores trazidos pelos conteúdos oferecidos a eles, em cada disciplina pelos professores voluntários. Como o imaginário dos docentes interpretava os alunos do PVNC, e de que maneira eles se dispunham ao trabalho voluntário.

Participaram da pesquisa 24 professores voluntários. A média de idade desses professores era de 25 anos, dos quais, 14 declararam-se afrodescendentes e 8 não-afrodescendentes. Eram do sexo masculino 59% dos docentes e 41% eram do sexo feminino.

Quanto à formação acadêmica dos respondentes conseguiram-se os seguintes resultados: 7 professores eram graduados enquanto 15 não eram graduados. A tabela 31 mostra a situação dos professores por formação acadêmica, gênero e descendência.

Tabela 31 - Situação dos professores voluntários do PVNC, de acordo com sua formação acadêmica, gênero e descendência

Afrodescendentes				Não-afrodescendentes				
Graduados		Não-graduados		Graduados		Não-graduados		
Masculino	3	Masculino	4	Masculino	1	Masculino	5	59,0%
Feminino	2	Feminino	5	Feminino	1	Feminino	1	41,0%
	5		9		2		6	100,0%

Em relação à renda familiar, 45,7% têm a renda familiar em torno de 1 a 5 salários mínimos e apenas 9,0% têm renda superior a 15 salários. A renda familiar mensal dos

docentes pesquisados é, de modo geral, baixa em relação a outras categorias profissionais, além do que os professores afrodescendentes sejam graduados ou não, têm a renda ainda mais baixa do que a dos não-afrodescendentes. A tabela 32 mostra a situação dos professores por renda familiar, descendência e formação acadêmica.

Tabela 32 - Situação dos professores voluntários do PVNC de acordo com sua renda familiar, por descendência e formação acadêmica

Renda familiar declarada	Afrodescendente		Não-afrodescendente		
	Graduados	Não-graduados	Graduados	Não-graduados	
1 a 5 salários mínimos	2	4		4	45,7%
6 a 10 salários mínimos	2	3	-	2	31,8%
11 a 15 salários mínimos	1	1	1	-	13,5%
Mais de 15 salários	1	-	1	-	9,0%
	6	8	2	6	100,0%

Apenas 2 professores voluntários que participaram da pesquisa, 1 afrodescendente e 1 não-afrodescendente, ambos não-residentes na comunidade onde se localizava o Núcleo ao qual prestavam serviço, foram localizados na faixa de renda de mais de 15 salários mínimos, ou seja, possuíam uma renda acima de R\$ 3 000,00 mensais.

Dos professores que lecionam nos Prés, 40,9% residem na mesma comunidade onde o Núcleo em que trabalham está localizado, enquanto 59,1% dos professores não residem na mesma comunidade onde lecionam. A tabela 33 traz a situação dos professores por local de moradia, descendência e renda familiar.

Tabela 33 - Situação dos professores voluntários do PVNC de acordo com o local de residência, renda mensal familiar e descendência

Renda familiar declarada	Afrodescendentes		Não-afrodescendentes		Total
	Residente	Não-residente	Residente	Não-residente	
1 a 5 salários mínimos	3	3	2	2	10
6 a 10 salários mínimos	2	3	1	1	7
11 a 15 salários mínimos	1	1	-	1	3
Mais de 15 salários mínimos	-	1	-	1	2
Total	6	8	3	5	22
%	27,3%	36,3%	13,6%	22,8%	100,0%

No grupo de professores voluntários que responderam aos questionários distribuídos o maior contingente era dos professores de História. A tabela 34 apresenta os professores por disciplina ministrada e descendência.

Tabela 34 - Situação dos professores voluntários do PVNC por descendência e disciplina lecionada

Disciplina lecionada	Afrodescendentes	Não-afrodescendentes	Total
História	5	1	6
Matemática	1	3	4
Física	2	-	2
Biologia	2	-	2
Química	2	-	2
Redação	2	-	2
Cultura e Cidadania	-	2	2
Espanhol	-	1	1
Geografia	1	-	1
Total	15	7	22

Procurou-se saber quais seriam as expectativas dos professores com relação ao futuro dos seus alunos após a ambicionada graduação. As respostas constam da tabela 35. Para 5 dos docentes, a expectativa é de que terão alcançado a sua realização pessoal. Quando esta mesma indagação foi feita aos alunos, 38,8% deles achavam que iriam mudar sua vida pessoal; 5 dos professores viam na graduação dos seus alunos um fator de diminuição da desigualdade sócio-cultural; enquanto 27,6% dos alunos achavam que ao se graduar poderiam auxiliar outras pessoas; 16,7% dos professores esperavam que a aprovação no exame vestibular propiciasse a inclusão social dos seus alunos e outros 16,7% acreditavam que eles iriam adquirir consciência comunitária. Solicitou-se que no questionário fosse assinalada uma única resposta para a pergunta: *“Para você, os alunos do PVNC ao concluírem o Curso Superior irão conseguir...”*. Foram oferecidas aos respondentes 9 opções.

Tabela 35 - Expectativa dos professores voluntários do PVNC sobre o que os alunos conseguirão ao concluir o Curso Superior

Os professores esperam que os alunos ao se graduarem consigam	Nº de indicações
Diminuir a desigualdade sócio-cultural	5
Realização pessoal	5
Consciência comunitária	4
Inclusão social	4
Ascensão profissional	2
Enriquecimento cultural	1
Todas as opções	2
Outra resposta	1
Total	24

Um professor respondeu da seguinte maneira a questão: *“Além de aumentarem a riqueza pessoal mostrarão, ou melhor, provarão a uma grande massa social, avessa, que também são capazes de vencer!”*

Quanto aos Coordenadores ao responderem a esse quesito, 25% indicaram que os alunos iriam conseguir a inclusão social; 20% acreditavam que iriam adquirir consciência comunitária; conseguiriam enriquecimento cultural, realização pessoal e diminuição da desigualdade sócio-cultural. Comparando as respostas dos sujeitos do PVNC a essa pergunta pode-se observar que para os Alunos, ingressar na Universidade significa *“mudar sua vida pessoal”*; para os Coordenadores significa a *“inclusão social”* e para os Professores *“diminuir a desigualdade social”* e *“realização pessoal”*. As expectativas dos Alunos e Professores se aproximam em termos percentuais de indicações, a *“realização pessoal”* aparece como a mais indicada. Para os Coordenadores a *“realização pessoal”* aparece em terceiro lugar.

Quando perguntado aos estudantes ao que eles atribuíam ser a causa de discriminação, 32,1% deles entendiam que seria pela sua aparência pessoal. Entre os Professores 62,5% afirmaram que seus alunos sofreram ou sofrem algum tipo de discriminação e, destes, 4 indicam que a discriminação é social e racial; 4 dos professores acreditam que seus alunos sofrem do sentimento de inferioridade, estes docentes acham que seus alunos crêem na sua própria falta de capacidade. A tabela 36 mostra a opinião dos professores sobre a discriminação sofrida pelos estudantes do PVNC.

Tabela 36 - Tipo de discriminação sofrida pelos estudantes de acordo com a opinião dos professores voluntários do PVNC

Tipo de discriminação	Nº de professores
São discriminados porque crêem na sua própria falta de capacidade	4
Social e racial	4
Por cursar um Pré-Vestibular Comunitário	2
Social e econômica	1
Social	1
Social, educacional e cultural	1
Sócio-econômica e racial	1
Sem resposta	1
Total	15

Tais resultados refletem que o que os professores pensam dos seus alunos não é o mesmo que seus alunos pensam de si mesmos. Para confirmar essa percepção, resolveu-se indagar aos professores qual a representação social que eles tinham dos seus alunos. Como resposta, 15 professores responderam que os estudantes do PVNC são alunos de escolaridade deficiente; 8 os caracterizaram como aqueles estudantes que interrompem freqüentemente seus estudos, talvez lhes falte persistência. Em proporção menor os professores disseram que podiam perceber que os alunos precisam melhorar sua autoconfiança; têm potencial e muita força de vontade; os estudantes acreditam que o PVNC é eficiente; são revolucionários ou necessitam de estímulos. A tabela 37 mostra como os professores caracterizam seus alunos. Esta pergunta apresentou opções de resposta para serem assinaladas pelos professores. Cada professor poderia marcar até duas das opções apresentadas. Também foram aproveitadas as respostas que não constavam das opções oferecidas.

Tabela 37 - A percepção dos professores voluntários sobre os alunos dos Núcleos do PVNC

Posso perceber que os alunos do PVNC	Nº de indicações
Possuem escolaridade deficiente	15
Já interromperam seus estudos, pelo menos, uma vez	8
Necessitam trabalhar porque são pobres	4
Vêm no professor um exemplo de vida	4
Precisam melhorar a autoconfiança	2
Têm potencial e força de vontade	1
Acreditam que o PVNC é eficiente	1
São revolucionários	1
Necessitam de estímulos	1
Acreditam no estudo como forma de crescimento	1
Total	37

Nessa questão duas opções não foram assinaladas por nenhum professor: “os alunos do PVNC são mais velhos que os de outros Pré-Vestibulares” e “os alunos do PVNC têm filhos o que interfere na sua aprendizagem”. Essas opções mostraram-se irrelevantes.

Numa conversa, uma professora explicou por que se dispôs a trabalhar num PVNC:

Através de um amigo meu de trabalho, que há muito tempo falava sobre a “causa” [...] disse que estava fundando um Cursinho Pré-Vestibular [...] estava precisando de professores, de pessoas como eu que tivessem nível superior, que dispusessem de tempo e, que se interessassem pela causa do Movimento Social. Eu simpatizei de cara e, assim que tive disponibilidade de tempo, engajei-me no projeto do Pré-Vestibular.

Outra professora respondeu assim:

Eu vim para cá por meio de um convite de um amigo meu, eu não sabia muito bem o que era o projeto. Soube que era o PVNC [...] aceitei como forma de aprender mais um pouco, ajudar aos alunos [...] e eu queria aprender a ter um método de dar aulas, pois, na Faculdade me cobram esta prática através de tarefas de avaliação.

Foram entrevistados 7 professores, a tabela 38 mostra a relação dos professores entrevistados por disciplina lecionada no Pré-Vestibular.

Tabela 38 - Docentes voluntários do PVNC entrevistados, por disciplina lecionada

Disciplina lecionada	Nº de docentes
Matemática	3
Química	2
Biologia	2
Redação	1
Total	8

O conteúdo discursivo de cada um deles ajudou a clarificar, mais um pouco, quem são os professores do projeto. As respostas indicaram que havia entre eles as mais diversas motivações para atuarem como voluntário. Na época em que colaboraram com essa pesquisa, os professores lecionavam em média há um ano e meio nos seus respectivos Núcleos. Um professor falou sobre o seu trabalho no PVNC: [...] “é um trabalho voluntário [...] e o

trabalho voluntário visa, primeiro, à auto-satisfação. A satisfação pessoal. E é bom porque você se dedica com mais prazer, mais vontade, é uma coisa que te dá prazer [...]”.

A Carta de Princípios traça o perfil dos professores voluntários que são aceitos para trabalhar no PVNC; considera importante e desejável que eles apresentem determinadas características tais como: *estarem conscientes do alcance político, social e educativo do projeto; que sejam altruístas e dotados de sentimento de solidariedade humana* entre outras características que façam desse professor o tipo ideal para desenvolver a consciência crítica dos alunos frente à realidade social, política, econômica e racial (Carta de Princípios, 1999), além de, logicamente, prepará-los adequadamente para os exames vestibulares. O que ficou patente no contato com os professores é que poucos foram os que se adequaram ao perfil traçado pela Carta de Princípios.

A seguir, são apresentados alguns excertos dos discursos dos professores do PVNC que concederam entrevista. Estes excertos foram agrupados de acordo com as questões discutidas neste trabalho. São as falas dos professores sobre o que os motivou a executar o trabalho voluntário no PVNC.

Motivação para o trabalho voluntário	O discurso dos professores do PVNC
	<p><i>“Eu estava passando na rua vi uma placa dizendo que precisava de professores para o Pré-Vestibular Comunitário, então eu vim e uma menina pegou o meu telefone, logo após me ligou dizendo que estava precisando mesmo, aí eu vim [...] ensinar a matéria para eles”.</i></p> <p><i>[...] “eu fiquei sabendo do projeto [...] me engajei no projeto [...] a gente se envolve neste trabalho para criar oportunidades para essas pessoas”.</i></p> <p><i>[...] “essa foi uma forma de aprendizagem para mim e ao mesmo tempo tentar ajudar a eles também” [...].</i></p> <p><i>[...] “o que me levou a trabalhar acho que foi a minha história de vida [...] eu sou uma pessoa de família pobre [...] depois de entrar na Universidade [...] pude perceber a exclusão a que está condenada parte da população brasileira” [...].</i></p> <p><i>[...] procurei um vestibular mais perto da minha casa [...] de cara amei o projeto [...] já comecei dando aula [...] a única maneira do negro e do pobre conseguirem alguma coisa é através do estudo [...] e para o pobre conseguir entrar numa Universidade Pública [...] tem que ‘tá’ passando pelo PVNC, que é um caminho “[...]”.</i></p> <p><i>[...] “segundo o PVNC [...] os alunos que entrarem como bolsistas [...] devem voltar com uma compensação à comunidade [...] então, a minha ação é social [...] era dar aula aqui” [...].</i></p> <p><i>[...] “você sabe que está operando numa causa justa, que você considera filantrópica, digamos assim [...] você está mostrando caminhos, você está dando oportunidades ‘pra’ pessoas que buscam, realmente, vencer na vida” [...].</i></p>

Este voluntariado tinha uma peculiaridade: alguns docentes eram da própria comunidade, outros vinham de outros lugares até bem distantes, outros às vezes vinham de regiões ocupadas por estratos sociais diferentes e, portanto, traziam vivências também diferentes. Alguns docentes são graduados, mas outros não o são e todos convergem em direção ao trabalho nos Núcleos do PVNC, atendendo a algum tipo de disposição interna que os impele ao voluntariado. Chama a atenção a variabilidade de motivos, explicitados pelos professores para o exercício de suas tarefas. A disponibilidade desses sujeitos vai da doação passando por outras instâncias até chegar à militância. Pelos discursos, percebeu-se que, para esses voluntários, a militância é uma forma de retorno para o movimento comunitário. Alguns consideram a filantropia uma alternativa de ajuda, outros se dispõem a ser voluntários pela vocação docente, outros tantos usam o trabalho voluntário como aprendizagem pessoal e ao mesmo tempo pensam em ajudar a outras pessoas. É interessante pensar em como os docentes do PVNC encontraram uma maneira de lidar com a diversidade e com a alteridade. Estes educadores possuem algo diferente dos demais educadores?

<p>O papel do professor do PVNC no processo de ingresso dos alunos na Universidade</p>	<p>O discurso dos professores do PVNC</p> <p>[...] “normalmente, <u>eu só dou a matéria</u> [...] eles têm facilidade, mas não têm muita base do colégio. Eles são de escola pública e não têm boa qualidade de ensino” [...].</p> <p>“Ser jovem, ser negra, estar no mercado de trabalho, <u>serve para eles como uma forma deles se verem também nestas condições</u>” [...].</p> <p>[...] “<u>pra tentar fazer eles pensarem</u>, tentar ver eles me responderem [...] propiciar o debate que a gente faz na sala” [...].</p> <p>“Porque eu tenho uma visão de que é importante <u>não só tá preparando eles para estarem no vestibular, mas estar abrindo a cabeça pra pensar outras coisas, pra questionar a própria escola pública, pra questionar porque eles não têm aquele conteúdo, pra questionar a própria existência de um Pré-Vestibular</u>” [...].</p> <p>[...] “do mesmo jeito que eu precisei de pessoas que estivessem dispostas a ajudar [...] que me fizeram estar lá, acreditar [...] <u>eu tenho obrigação, eu me sinto obrigado</u>, sabe, [...] a <u>dar continuidade a isso</u>” [...].</p> <p>[...] “aqui eu descobri uma nova forma de fazer política [...] uma política educacional, diferente do governo [...] com o objetivo que é aprovar a população carente para a universidade pública. Eu me sinto muito gratificado por isso, <u>de dar uma contribuição</u> para isso, porque eu fui beneficiado por isso” [...]</p> <p>“É <u>satisfação pessoal</u> [...] eu estava de certa forma condenado a ficar parado em casa, aí minha esposa veio para cá [...] e junto com ela eu vim [...] eu pensava que não ia muito além de algumas aulas [...], mas agora eu estou gostando[...]</p>
--	---

As respostas variaram significativamente. A disposição desses docentes, para desenvolver o projeto do PVNC, ora se aproxima, ora se afasta dos princípios e objetivos do projeto político-pedagógico. Como já foi dito anteriormente, a Carta de Princípios determina alguns princípios norteadores que são refutados ou ignorados por alguns professores. Do diálogo com um professor de Matemática sobre racismo contra negros no Brasil, obteve-se a seguinte declaração: “Na sua turma do Curso de Engenharia, quantos colegas negros freqüentam regularmente as aulas?”. O professor respondeu: “[...] na minha sala [...] deve ter uns três [...] são uns quarenta alunos ao todo”. A pergunta foi, então complementada; “Isso significa alguma coisa para você?” A resposta do professor. [...] Silêncio [...] Nova pergunta foi feita. “Matematicamente, isto significa alguma coisa para você?” A resposta foi [...] “tem pouco, né? Comparando o número de negros no Brasil!”.

Uma professora critica o currículo da escola oficial e comenta sobre uma aula de Ciências que ministrou no morro da Babilônia na Cidade do Rio de Janeiro:

Peguem os livros de história, história infantil. É a história contada pelo filho do fazendeiro. É a história da escravidão, só que contada pelo filho do fazendeiro. Eu falei, Meu Deus, como é que eu vou contar a história se não tem o ponto de vista dos negros aqui [...] não existe livro para estas crianças [...] Que história é essa que foi perdida? O currículo escolar tem que mudar [...] Eu acho que os movimentos sociais também têm papel importante nessa mudança cultural.

A Carta de Princípios (p.164) prevê também que os professores para trabalharem no PVNC tenham consciência do “*caráter inovador do projeto, como um questionamento ao sistema educacional vigente*”. Tomando o montante das entrevistas, apenas um professor declarou ter lido a Carta de Princípios. O que prova que a reflexão quanto ao seu conteúdo ainda não aconteceu integralmente, pelo menos, entre os docentes do projeto que participaram desta pesquisa.

<p>A relação entre a Carta de Princípios e a prática pedagógica</p>	<p>O discurso dos professores do PVNC</p> <hr/> <p>[...] “não, nunca li [...] <i>teve uma reunião em que eles falaram alguma coisa sobre o Curso [...], mas não me interessaram muito os fundamentos [...] o que me interessou mesmo foram os alunos que não têm condições para pagar um curso [...] aí eu vim dar aulas”</i> [...]</p> <p>[...] <i>“antes de a gente entrar no projeto, a primeira coisa que a gente faz é saber o porquê”.</i> <i>do projeto [...] então <u>nós temos que ler a Carta</u> porque <u>a gente não está ali fazendo favor nenhum, é uma causa nossa também, estamos no mesmo barco</u>”.[...]</i></p> <p>“não li a Carta de Princípios e nunca tive acesso ao documento [...] <i>eu cito algumas coisas e falo pra eles lerem, porque aqui, não dá para trabalhar tudo”</i> [...]</p> <p>“Nunca li a Carta de Princípios [...] <i>eu [...] não sou muito ligado a essa parte. Eu sou ligado à sala de aula [...] eu não vou ser hipócrita e falar aqui que eu já li [...] Nunca li. Já estive perto de mim e eu nunca li. Ela tem uma relação direta com uma Universidade Particular [...] o lugar do pobre e do negro é na Universidade Pública”</i> [...].</p> <p>“Não. Na verdade eu não tive contato com a Carta de Princípios [...] <u>porque eu não sabia que tinha alguma coisa relativa ao planejamento das minhas aulas</u>”.</p>
---	---

Um professor de Matemática declarou: “*Adoro o projeto, acredito nele, acho que é a única forma de se conseguir alguma coisa do pobre, do negro [...] se conseguir alguma coisa é através do ensino*”. Quanto ao projeto político-pedagógico contido na Carta de Princípios, ele acrescenta: “*Nunca li*”. A fala desse professor parece indicar que o seu trabalho no PVNC se dá em função do que ele percebe no interior do Núcleo e também pela sua convivência com

os alunos. Este professor refuta qualquer caráter político-ideológico na sua prática. Ele apenas pratica o voluntariado. Outro professor, este de Química, ao contrário, deseja ter acesso à Carta de Princípios. Ele diz:

Na verdade, eu nunca tive contato com a Carta de Princípios. Eu achei que lá constava só a estrutura e a coordenação.[...] é a informação sobre esses assuntos e, além disso, a consciência do que é esta instituição do PVNC. Eu espero que o aluno faça acontecer o que aconteceu comigo. Que ele queira estar aqui de novo, participar, se não for aprovado, que venha como aluno de novo, não desista disso aqui, porque nós precisamos de todos de volta, ou quem puder voltar ou quem puder vir se nunca veio, tanto como alunos como colaboradores.

Este professor demonstrou nas suas respostas, o quanto é importante para ele a sua militância e o incentivo dos demais, à militância.

Uma professora de Matemática e Química declarou sobre as aulas de Cultura e Cidadania:

[...] “durante a minha aula, quando havia necessidade de votar, de perguntar qual o tema que os alunos preferiam debater, a coordenação solicitava que liberássemos uma parte da aula para que o grupo escolhesse o tema para a aula de Cultura e Cidadania. Neste espaço todos, cooperativamente, discutiam anotavam e levavam para a Coordenação os temas para serem agendados. Acho de grande importância, é a alma do PVNC”.

Um professor de Redação considera as aulas de Cultura e Cidadania interessantes. “É mais interessante ainda você ver a ansiedade dos alunos, das pessoas que participam, em querer saber mais, porque existem direitos aí que a maioria das pessoas não conhece ou se conhece esses direitos não são, digamos assim, não são postos em prática”.

Participação nas aulas de Cultura e Cidadania	<p>O discurso dos professores do PVNC</p> <p><u>“não me interessei em saber quais os temas propostos nas aulas de Cultura e Cidadania [...] nunca planejei nada em função das aulas desta disciplina”</u> [...]</p> <p>[...] <u>“eu já assisti várias aulas de Cultura e Cidadania, participei de um debate [...] eram temas interessantes [...] que não servem apenas para os alunos, os professores têm que ter toda essa conscientização constante [...] já sugeri temas [...] A parte da Química e da Matemática não influencia tanto, mas os temas interferem positivamente, no trabalho”</u>.</p> <p><u>“Não participei de nenhuma aula de Cultura e Cidadania [...] não sei se tem a ver com as aulas que eles têm, mas hoje, na aula sobre reprodução, métodos anticoncepcionais, surgiram referências das aulas de Cultura e Cidadania [...]”</u>.</p> <p><u>“No Pré onde eu dei aulas durante dois anos [...] tinha aula de Cultura e Cidadania que era dada por uma única pessoa, uma pessoa de Direito [...] ela dava muita ênfase a essa questão do Direito, Leis etc. [...] eu via nas minhas aulas que muitas vezes aparecia essa questão, eu via a influência dessa matéria, da Cultura e Cidadania [...]”</u>.</p> <p><u>“As aulas de Cultura e Cidadania, eu acho que são fundamentais [...] Quer dizer, a aula de Matemática é importante? A aula de Português é importante? É. A de História é? A de Cultura e Cidadania também é. Eu vejo nesse sentido. Não vejo que a aula de Cidadania tem mais importância que a de Matemática. [...] Eu adoro os temas [...] nunca escolhi nenhum”</u> [...].</p> <p><u>“Já, eu sugeri temas para as Aulas de Cultura e Cidadania à Coordenação”</u> [...].</p>
---	---

Todos os professores entrevistados confirmam a existência de preconceito racial no Brasil. Procurou-se saber como eles sugeririam formas de erradicar tal preconceito. Nas suas falas ficou patente que somente a educação tem o poder de se transformar em um instrumento eficaz anti-racismo.

Uma professora afirma como o problema do racismo poderia ser resolvido:

“Olha, eu acho que isso é um trabalho de base. É tratando da criança, as idéias, as noções preconceituosas são passadas na primeira infância, muitas vezes. Então, a partir do momento que a criança sabe lidar e respeitar as diferenças, ela consegue crescer e tornar-se um adulto menos preconceituoso [...] os adultos educando as crianças sem preconceito, torna muito difícil que elas lá na frente venham a aceitar comportamentos preconceituosos”.

Se há preconceito racial no Brasil existe alguma maneira de acabar com este preconceito?	<p>O discurso dos professores do PVNC</p> <hr/> <p>[...] <u>“tem</u> preconceito [...] como acabar com o preconceito? [...] ah! [...] <u>não sei</u>”.</p> <p>“Sim. <u>Sempre houve preconceito</u>. Eu acho para terminar com o preconceito, é preciso um trabalho de base. <u>Seria dentro de casa. A educação familiar</u>. [...] seria a criação. Eu acho que é a maneira mais efetiva de erradicar o preconceito”.</p> <p>“Eu acho, não sei, posso estar completamente errada, <u>existem dois preconceitos: o branco com o preto mesmo e do preto com o preto</u>. [...] <u>Reeducar todo mundo, ter colégios dignos para todo mundo, tanto para ricos quanto para pobres</u> [...] O problema é a escola”.</p> <p>“Claro! Claro! <u>Há preconceito</u>. [...] como erradicar? <u>Eu só acredito mesmo na Educação. Eu acredito mesmo na mudança cultural</u>, o que eu chamo de mudança cultural não tem que passar só pela escola”.</p> <p>“<u>Eu acho que só tem, né?</u> Eu acho que <u>existe preconceito</u>. <u>Através disso aqui (o PVNC). Desse tipo de projeto</u>, através da consciência, né? Consciência. Do negro que se dá o valor, né. Eu acho que é através disso. <u>Da educação, do questionamento</u>. Acho que é por aí”.</p> <p>“<u>Claro que existe preconceito!</u> Não há dúvida! <u>Mudar só através das mudanças na consciência desde a infância</u>. A aula de Cultura e Cidadania mudará um pouco da cabeça de um grupo adolescente”.</p> <p>“<u>Existe preconceito sim, lógico!</u> [...] Então o trabalho, basicamente, é de <u>conscientização</u>, é uma coisa <u>que deve partir do núcleo da sociedade</u>, que é a família e, <u>dar continuidade na escola</u> [...] Mas a situação está evoluindo, e o que eu acho incrível é que os negros apesar deles terem chegado aqui na posição de escravos, eles estão vencendo”.</p>
--	--

Uma outra professora, ao responder sobre preconceito racial, oferece uma resposta que merece reflexão: [...] *tanto que tem um colega meu, de trabalho, que é negro e a gente sabe muito bem que ele [...] ele é muito inteligente, eu fico assim: você é muito inteligente, passa um pouquinho para mim* “? E continua opinando sobre o sistema de cotas para os negros:” *Eles estão lutando para isso, e eu acho que eles estão se menosprezando, estão se humilhando, se tem que reservar vaga pra mim, é porque não tenho capacidade de lutar com o branco Eu acho que é errado.* Perguntada sobre os alunos do PVNC aos quais ela ministra aulas, em sua maior parte negros, solicitou-se a opinião dela sobre se, sem o sistema de cotas, qual seria a probabilidade de ingressarem todos numa Universidade Pública. A professora respondeu: “*Só se fizerem muito*” [...].

Ao término do exame do material produzido na pesquisa com os professores do PVNC, surgiram duas situações problemáticas. Primeiro, face à dificuldade de agendar entrevistas com os professores, o número de entrevistados revelou-se pouco significativo. Entretanto, qualitativamente, as respostas dos professores sobre o PVNC foram satisfatórias.

Segundo, como esses professores são voluntários, a sua permanência nos Núcleos pode variar em duração. Este fato, certamente, dificulta aos coordenadores, que lidam diretamente com os professores, terem um registro sempre atualizado do quantitativo de docentes que participam dos seus Núcleos, até porque alguns professores atuam em mais de um Núcleo ou colaboram como convidados ou em períodos alternados. A possibilidade de se definir, nesta pesquisa, uma amostra dos sujeitos dos PVNC é remota, pois, para efetivar esse levantamento, vários seriam os obstáculos a serem transpostos. Por outro lado, o registro do quantitativo de Núcleos do PVNC revela variações nos Núcleos em funcionamento, de um ano letivo para o seguinte. Admite-se que somente um censo, traria dados mais aproximados sobre os sujeitos do PVNC. Outrossim, os professores que se dispuseram a auxiliar neste trabalho disponibilizaram dados que podem ser considerados relevantes para a discussão proposta. Como as falas dos docentes trouxeram algumas inquietações, produziram mais perguntas que respostas que se pretende em continuidade a este trabalho elucidar.

O PVNC, como movimento social de Educação Popular destaca e enfatiza o voluntariado como tarefa importante e desejável. Segundo Landim e Scalon (2000), o debate sobre “*trabalho voluntário*” e “*doação individual*” surge de forma inédita no final dos anos 90. O voluntariado é inclusive objeto de regulação oficial.⁵

Tomando os resultados obtidos com o grupo do PVNC, percebeu-se que, numericamente, a diferença entre os docentes graduados e os não-graduados ou em fase de graduação é pequena. Os resultados convergem quanto ao grau de instrução. Dentre os que fazem trabalho voluntário, prevalecem os que têm o 2º Grau completo (LANDIM e SCALON, 2000).

Após contato com alguns professores e coordenadores voluntários percebeu-se que “[...] o perfil dos voluntários é o do brasileiro médio, do **cidadão comum**⁶. Pessoas de diversas idades, renda, níveis educacionais e religiões se oferecem para doar seu tempo, nenhuma dessas variáveis demonstra ser significativa na diferença entre pessoas que fazem trabalho voluntário” (Ibid, p. 60).

⁵ A Lei do Voluntariado de 18 de fevereiro de 1998 define o serviço voluntário no Brasil.

⁶ Grifo meu.

Na tabela 39 está discriminado o total de professores, por disciplina lecionada no PVNC e que participaram dessa pesquisa. Esta informação pode auxiliar os Coordenadores no momento de selecionar os docentes para seus Núcleos⁷.

Tabela 39 - Total de docentes voluntários do PVNC que participaram da pesquisa, por disciplina

Disciplina lecionada	Nº de docentes
Matemática	7
História	6
Biologia	4
Química	4
Redação	3
Cultura e Cidadania	2
Física	2
Geografia	1
Espanhol	1
Total	30

⁷ Constatou-se o fato de não constar da população de docentes, professores de Língua Portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A UNIVERSIDADE NÃO É MAIS A MESMA

“E quando a alteridade é jogada sobre nós na forma de algo _ que não é exatamente como deveria ser, nós intuitivamente a rejeitamos, porque ela ameaça a ordem estabelecida” (MOSCOVICI).

No início deste trabalho sobre o PVNC, havia uma pergunta a ser respondida: O que seriam os Pré-Vestibulares para Negros e Carentes? No decorrer do trabalho, constatou-se que o PVNC representa para os sujeitos o meio de concretizar seus projetos futuros. Lá, no interior de cada Núcleo, estão depositados os sonhos e a esperança de uma vida melhor. O PVNC pretende ser um movimento social criado para o enfrentamento dos problemas, reais e imediatos de uma minoria étnica, em busca da sua ascensão social. Como tantos outros Movimentos de Educação Popular dos anos 90 não busca apenas alfabetizar os jovens e adultos, mas também quer ampliar as suas demandas em busca dos novos postos, numa nova sociedade. O ideal da escolarização, conceito socialmente construído, é para os sujeitos do projeto comunitário aquilo que o sistema meritocrático tem por obrigação lhes oferecer. No PVNC, a intenção da construção coletiva das identidades e o envolvimento individual de cada sujeito atribuem ao projeto sentidos múltiplos: espaço de convivência, instância de participação e solidariedade; lugar no qual os saberes que circulam serão fundamentais para a aquisição do pleno direito à cidadania; espaço em que os sujeitos irão perceber a sua dimensão política de homem e como as soluções coletivas minimizam alguns dos seus problemas; lugar no qual todos desejam conseguir adquirir o direito à sua realização pessoal;

espaço que gera nos sujeitos o sentimento de pertencimento. Assim os sujeitos percebem o PVNC.

O projeto surgiu no momento em que discussões sobre exclusão e inclusão social tornavam-se mais evidentes e os debates tornavam-se incômodos, pois expunham a disputa por bens sociais, principalmente a Educação. O espectro da desigualdade social, gradativamente ampliado, atingiu duramente os grupos minoritários, pois lhes era negado os direitos plenos de cidadania. As minorias, no Brasil, descobriram nas redes movimentalistas a forma de pleitear a sua inclusão social. Assim, no bojo da politização das reivindicações, os sujeitos do PVNC, organizados em sua luta anti-racismo pelo ingresso de negros e carentes nas Universidades, empreenderam uma nova forma de agir para alcançar as suas metas. O PVNC inaugurou o lugar no qual jovens e adultos aprendem a defender-se do preconceito étnico/racial, a partir da aquisição de uma identidade e da elevação de sua auto-estima, refutando a condição de inferioridade dos negros e pobres. Os estudantes do PVNC querem fazer parte do contingente dos novos universitários. Além disso, o PVNC objetiva por meio da participação ativa dos sujeitos, fazer com que estes tenham sobre si mesmos uma representação positiva, que os ajude a se sentirem preparados para ingressar na Universidade e lá permanecer. Aliás, além das investigações sobre o ingresso, a questão da permanência de representantes de grupos minoritários nas Universidades mostra-se como outro ponto de interesse para novos estudos. Tal discussão vai dar seguimento a este trabalho, como uma forma de saber um pouco mais sobre ações afirmativas no Brasil, bem como servir de ajuda na ampliação do entendimento do conceito de identidade social e cultural.

O PVNC se predispõe, de forma bastante intensa, a participar de todas as iniciativas da sociedade civil que estejam voltadas para a diminuição das injustiças sociais. O projeto vem, desde sua criação, empenhando-se em formar lideranças dispostas a ajudar a eliminar os preconceitos sociais.

O principal desafio dos Pré-Vestibulares Populares é a construção de um movimento homogêneo e o Coletivo está-se mobilizando para programar Encontros Nacionais com o objetivo de buscar esta unidade. A falta de unidade dentro do PVNC tem causado problemas internos, tais como a ausência de consenso com relação à Carta de Princípios. Este dado foi captado, nesta pesquisa, pelas respostas aos questionários, pelas informações coletadas através

da entrevistas e durante os diversos encontros com os sujeitos do PVNC. As discordâncias estavam presentes em algumas das opiniões dos coordenadores e professores.

A exteriorização das ações do PVNC está fazendo emergir uma proposta de formação de uma Rede Nacional cuja principal ferramenta será a INTERNET. Durante o II Encontro Nacional de Cursos Pré-Vestibulares Populares foram constituídas Reuniões de Grupos de Trabalho e Plenária, com o objetivo de produzir propostas globais para a organização da Rede Nacional de Pré-Vestibulares Populares. Esta rede já estava, experimentalmente, interligada no eixo Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Procurou-se saber com mais detalhes como a proposta da Rede Nacional se efetivaria. Teve-se acesso a um documento de convocação para a III Reunião de Cursos Pré-Vestibulares Populares, marcada para o dia 28 de janeiro de 2005. Um dos itens sugeridos para constar da pauta continha a retomada da articulação dos Cursos Pré-Vestibulares Populares:

Em 2002, aconteceu o II Encontro Nacional de Pré-Vestibulares Populares. Questões sobre Educação Brasileira, Desigualdades Sociais e Educacionais, Políticas de Ação Afirmativa, Propostas de Políticas Públicas e Propostas Pedagógicas e de Ações Políticas para os Pré-Vestibulares estiveram na pauta do Encontro. E, diante dos desafios, da necessidade de conhecimento da realidade nacional e da necessidade de fortalecimento do Movimento dos Cursos Pré-Vestibulares o II Encontro propôs a constituição de uma REDE DE PRÉ-VESTIBULARES POPULARES, que ainda não foi consolidada, mas que se apresenta como uma necessidade para o fortalecimento da luta do Movimento dos Cursos Pré-Vestibulares Populares pela democratização da educação.

O objetivo da atividade era articular os cursos pré-vestibulares populares para a discussão da proposta de organização do III Encontro Nacional e sobre a Rede de Pré-Vestibulares Populares, Reforma Universitária, Políticas de Ação Afirmativa e Educação. Parece que o PVNC, assim como outros movimentos populares passaram por transformações adotando a atitude recente de reconhecimento da importância das articulações, intercâmbios e formações de redes, temáticas e organizacionais (network organizations). O projeto popular está seguindo a tendência dos movimentos sociais contemporâneos de construção de formas alternativas de conviver, buscando a possibilidade de união e articulação de sujeitos para a formação de redes de movimentos (SCHERER-WARREN, 1996). Até onde se pôde avançar com este trabalho, o PVNC ainda não havia formalizado a proposta da Rede Nacional dos Pré-Vestibulares Populares, mas continua trabalhando nesse sentido.

O Pré-Vestibular Popular Apoio Mútuo elaborou um documento que esclarece a necessidade de se construir uma Rede Nacional de Prés:

Precisamos construir uma Rede de relações, comunicação, e práticas coletivas que permita criar as bases necessárias de um movimento social organizado. Entendemos que: primeiro os Pré-Vestibulares envolvem estudantes universitários, estudantes secundaristas e jovens adultos (trabalhadores). Nesse sentido os Pré-Vestibulares fazem uma ponte entre a Universidade e amplas camadas da população, ponte esta que nunca existiu. Os Pré-Vestibulares neste sentido devem fazer uma política de ocupação do “latifúndio” das Universidades (fazendo com que elas se abram definitivamente) e o estabelecimento de “Links” com a população de jovens e adultos das classes populares. Neste sentido é preciso ter um projeto de luta pela democratização da gestão e do acesso às Universidades; segundo para isso é preciso criar espaços de discussão e articulação coletivas. Seria importante então criar uma Rede que inicialmente articularia informalmente os diferentes Núcleos de Pré-Vestibulares e, que teria como centro nervoso um Fórum e um Comitê de Comunicações. A Rede receberia a adesão dos Pré-Vestibulares que se interessassem pelas suas discussões e ações, e se responsabilizaria por mantê-los em contato constante e sempre informados das atividades dos outros.

Contudo as conseqüências da exteriorização das ações do PVNC já surtiram alguns efeitos: resultaram na redução das taxas cobradas nas inscrições para os exames vestibulares das Universidades Públicas; na presença constante de membros do projeto, pressionando as Universidades Públicas para a reserva de vagas para negros e carentes e alunos das escolas públicas, trazendo a público uma crescente demanda das populações discriminadas pelo ensino superior; na mobilização constante para influenciar nas políticas públicas sobre educação pública, gratuita e de qualidade para as populações excluídas; na descoberta de uma outra face da população de periferia, quando os jovens e adultos do PVNC são aprovados nos exames demonstram que podem ser reconhecidos por suas capacidades intelectuais. A insistência do ingresso e da presença dos negros e carentes nas universidades provocou reações da sociedade e iniciou a polarização da discussão sobre os efeitos das políticas afirmativas. Presenciou-se, nesses tempos, o temor de que as novas aquisições para o ensino superior pudessem vir a desarrumar os lugares marcados de poder e prestígio social, lugares que no Brasil sempre foram racializados e elitizados e, inexoravelmente, a Universidade iria deixar de ser a mesma.

O PVNC, no contexto dos Pré-Vestibulares Populares, apresenta uma diversidade organizacional e propostas políticas, segundo os sujeitos, na perspectiva de desenvolver um trabalho de conscientização e formação de militância para as lutas populares por democracia e justiça social em conjunto com outros movimentos sociais ou isoladamente. O PVNC

manteve-se ativo durante as diversas manifestações favoráveis ao sistema de cotas adotado pela UERJ e UENF durante o processo dos exames vestibulares de 2003. Representantes do PVNC integraram a comissão instalada em 2002 pela reitora Nilcéa Freire para criar o Programa de Apoio ao Estudante na UERJ. Nos debates, estiveram em pauta a implementação de políticas de garantia à permanência dos alunos oriundos das políticas de cotas na Universidade. A ampliação de Bolsas de Estudo e distribuição de tickets-refeição e vales-transporte constaram das pautas de discussão entre a Universidade e todos aqueles interessados em apoiar os estudantes ingressados pelo sistema de cotas, incluindo-se aí uma representação do PVNC.

A forma como o PVNC vem conduzindo o seu projeto de inclusão e de realização dos estudantes menos privilegiados produziu, dentro das Universidades Públicas e Particulares, estímulos a novos estudos na área das relações étnico/raciais. Isto vem acarretando novas abordagens sobre o tema e a produção de projetos de pesquisas sobre a condição das minorias.

A desigualdade social provocada por vários fatores estende-se por todos os setores da sociedade. Nos últimos anos, a própria formação de educadores tem sido questionada. As diretrizes emanadas dos PCN esbarraram com uma real dificuldade da escola, em todos os níveis, de lidar com a diversidade do povo brasileiro e trabalhar, a partir de formas diferenciadas de tratamento, com identidades diferenciadas. Foram os Movimentos de Educação Popular os acionadores de uma nova maneira de fazer educação, partindo dos domínios dos saberes populares, até atingir os domínios dos saberes das elites. Conhecer o PVNC é compreender o papel dos Movimentos Populares de Educação nos dias de hoje.

Resumindo, a proposta do PVNC trouxe importantes contribuições para o debate anti-racismo. O PVNC, para isso, mobilizou o coletivo num movimento de pressão para que um maior número de ações afirmativas venham a ser levadas a efeito. Paralelamente a este fato, o PVNC incentiva, internamente, os seus Núcleos a aprimorar os seus projetos políticos pedagógicos. De acordo com alguns depoimentos dos sujeitos, que participaram da pesquisa, a meta deste projeto é que ele tenha um período de vida determinado. É o ideal das lideranças alcançar os objetivos propostos, num dado período de tempo, ou seja, o Projeto PVNC não pretende se eternizar como proposta, mas alargar um caminho para aqueles que o precederem.

Tornou-se uma preocupação os dados levantados por este estudo com relação às escolhas dos alunos do Prés sobre que cursos superiores deveriam frequentar. Os dados coletados deixaram muito claro que, mesmo quando as escolhas são livres, isentas de qualquer pressão, elas aparecem hierarquizadas e reforçam as posições estratificadas na sociedade brasileira. Não foi possível apreender, nesta pesquisa, o motivo pelo qual esse fenômeno ocorre. O que se obteve nos resultados fez pensar que, além de alcançar uma posição de maior prestígio na sociedade, fica faltando para a inclusão social um aval que a torne definitiva. Alguns afrodescendentes afirmam que, quando colocados em situações de disputa, faz-se necessário que busquem a sua própria superação. *“Na ocasião em que eu estava prestando exame admissional para uma multinacional da área de petroquímica, a enfermeira que executava o meu exame de saúde perguntou-me se a empresa que estava me contratando era um restaurante”*. Este é o depoimento de uma Engenheira Química, mulher, negra e que estava sendo contratada para coordenar a área de Projetos de uma Empresa de Petróleo.

Observou-se que o PVNC, assim como outros movimentos de educação popular devem inserir nas suas agendas para discussões com o coletivo quais são os critérios de escolha utilizados pelos vestibulandos, quando da inscrição para os exames vestibulares. Há que se investigar se existirão, nas Universidades, cursos mais nobres e cursos mais populares que, por motivos comprovadamente consistentes, ratifiquem as posições sociais já determinadas em função da condição social/racial. Esse determinismo terá peso suficiente para ser confirmado teoricamente?

Nos resultados finais deste estudo pode-se enunciar a adoção das políticas de ação afirmativa como uma das ferramentas mais utilizadas na tentativa de eliminar as relações racistas no Brasil. Embora as críticas pela adoção dessas políticas sejam freqüentes e bastante pesadas, têm sido, nestes últimos tempos, a forma mais eficiente de operar mudanças significativas nas relações étnico/raciais. Contudo, alguns grupos confundem o montante das ações afirmativas com a política de cotas, embora essa seja apenas uma das possíveis políticas de ação afirmativa.

As propostas do PVNC querem provar que as minorias, ao se organizarem, podem modificar o curso de sua história e da história do seu tempo, corroborando a tendência dos novos movimentos sociais. Uma prova dessas mudanças está nas Universidades que

gradativamente estão introduzindo políticas afirmativas, para atender à demanda desses grupos minoritários em luta contra as injustiças sociais traduzidas aqui, pela dificuldade de ingresso nas Universidades Públicas.

Nos relatos colhidos, foram tomadas informações sobre o PVNC, o seu surgimento, seu crescimento e a sua atual notoriedade, como se expandiu, ganhou espaço na mídia e invadiu os “*campii*”. Constatou-se que os dados oficiais, mais atualizados estão levando em conta, com maior exatidão de detalhes, a questão da desigualdade étnico/racial no país, pressionados pelas idéias de combate ao racismo e pelos estudos mais recentes sobre o tema.

Hoje, uma nova temática de discussão está fazendo parte da agenda do Poder Público, é a reparação do preconceito e da discriminação que se converteu em propostas tais como: o sistema de cotas nas Universidades para candidatos negros e de escolas públicas; o financiamento do MEC para os pré-vestibulares para negros; o encontro em Brasília sobre Políticas Afirmativas; o Programa Ação Afirmativa Bolsas-Prêmio de Vocação para a Diplomacia para Afrodescendentes; a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficial e particular, dentre outras iniciativas.

Além disso, o interesse da Universidade sobre os resultados positivos do trabalho do PVNC traduz-se em vários projetos de pesquisa que estão em andamento na Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio); no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ (IFCS); no Centro de Estudos Afro-Brasileiros, o AFRO (UCAM); no Concurso do Negro, ANPed (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação); no Programa Políticas da Cor do LPPS–(UERJ); Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade Brasileira, PENESB – (UFF); no Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (IUPERJ), demonstrando que o PVNC está no centro dos debates sobre Racismo e Educação e isto pode significar um reposicionamento das discussões e atitudes sobre o Racismo no Brasil dentro e fora das Universidades.

Finalizando, espera-se ter conseguido, ao longo deste trabalho ajudar a ampliar a visibilidade do PVNC como uma proposta de Educação Popular. Foram utilizados os pontos de vista dos seus sujeitos para descrevê-lo. O estudo desenvolvido sobre o PVNC buscou o

entendimento das relações étnico/raciais, em tempos de globalização, quando a busca das minorias por sua identidade sócio-cultural tornou-se fundamental.

Nesse momento em que as relações étnico-raciais configuram-se concretamente dentro da Universidade, em todos os seus espaços, esse fato está deixando transparecer as características que tornam claras as diferenças e produzem um novo tratamento para a diversidade. A Universidade, atualmente, está procurando rever suas posições, teoricamente elaboradas em outro momento histórico. O momento atual da Universidade é um momento de novas aprendizagens em que docentes e discentes, numa vivência mais próxima das minorias, até então sub-representadas no espaço acadêmico, estão experimentando uma outra forma de conviver com a diversidade e com as situações singulares que ela pode produzir. Sentir como verdadeiramente estas relações se dão ou como elas podem se dar ou como elas devem se dar é o desafio de uma nova Universidade, que vai lentamente ficando um pouco mais parecida com a totalidade da população brasileira. Talvez seja este o momento de se afirmar que a Universidade não é mais a mesma. Discussões sobre inclusão e exclusão social, sobre representações sociais, sobre estudos culturais, sobre identidade cultural, sobre multiculturalismo, sobre qualidade de ensino, sobre a influência de variáveis sócio-econômicas na educabilidade da população já estão incluídas nas discussões dentro das Universidades brasileiras hoje, demonstrando estar havendo uma visível mudança nessas Instituições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPLE, Michael W. **Conhecimento Oficial: a educação democrática numa era conservadora.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

AZEVEDO, Eliane. **Raça: conceito e preconceito.** São Paulo: Ática, 1990.

BACHETTO, João Galvão. **Cursinhos Pré-Vestibulares Alternativos no Município de São Paulo (1991-2000): a luta pela igualdade no acesso ao ensino superior.** Dissertação apresentada em janeiro de 2003 para a obtenção de grau de Mestre em Educação à USP.

BARCELOS, Luiz Cláudio. **Raça e Realização Educacional no Brasil. Tese de Mestrado em Sociologia - Instituto Universitário Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.**

BRANDÃO, Carlos R. **Da Educação Fundamental ao Fundamental da Educação in Concepções e experiências de Educação Popular. Cadernos CEDES. Ano I, nº1, São Paulo: Cortez Editora, 1986.**

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Cotidiano Escolar e Cultura(s) encontros e desencontros. Apresentado na XXII Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, set. 1999.**

_____. **Sociedade, Cotidiano Escolar e Cultura(s): uma aproximação in Educação & Sociedade: revista quadrimestral de Ciência da Educação/ Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES), nº 79, Campinas. 125 – 161, 2002.**

_____ e ANHORN, Carmen Teresa Gabriel_ PUC-Rio. **A questão didática e a perspectiva multicultural: uma articulação necessária.** Apresentado na XXIII Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, set. 2000.

D'ADESKY, Jaques. **Pluralismo étnico e multiculturalismo, racismos e anti-racismos no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.**

DOIMO, Ana Maria. **Movimento Social Urbano, Igreja e Participação Popular.** Vozes, Petrópolis: 1984.

_____. **A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação no Brasil pós 70. Rio de Janeiro: Relume-Dumara; ANPOCS, 1995.**

FARIA, Ana Lúcia G. de. Ideologia no livro didático. 13 ed. São Paulo: Cortez, 200. (Coleção Nossa Época; v 37).

FREIRE, Gilberto. Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 19 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

FURLANI, Lúcia Maria Teixeira. A claridade da noite: os alunos do ensino superior noturno. São Paulo: Cortez, 1998.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos.** 2 ed. São Paulo : Loyola, 2000.

_____. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor.** São Paulo: Cortez, 1999a. (Coleção questões de nossa época; v.71).

_____. **Movimentos Sociais e Educação.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999b. (Questões da nossa época).

GOMES, Ilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo.** In Educação e Pesquisa, São Paulo, V.29, nº1, 204 p., jan/jun, 2003.

GOMES, Joaquim Barbosa. **O debate constitucional sobre as ações afirmativas.** In Ações Afirmativas: políticas públicas contra as desigualdades raciais. SANTOS, Renato Emerson e LOBATO, Fátima (orgs). Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GRIN, Mônica. O Desafio Multiculturalista no Brasil: A Economia Política das Percepções Raciais. **Tese (Doutorado em Ciências Humanas: Ciência Política) Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2001.**

HASENBALG, Carlos A. (et alii). **Racismo: perspectivas para um estudo contextualizado da sociedade brasileira.** Niterói: EDUFF, 1998.

_____. O contexto das desigualdades raciais in SOUZA, Jessé (org) [et alii]. **Multiculturalismo e Racismo. Uma comparação Brasil-Estados Unidos.** Paralelo 15, p. 63 – 68, 1997.

_____; SILVA, Nelson do Valle; LIMA, Márcia. **Cor e estratificação social.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1999.

HERINGER, Rosana. **Ações Afirmativas e Combate às desigualdades Raciais no Brasil: o desafio da prática.** 2002. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Ouro Preto, Minas Gerais, 2002.

ITANI, Alice. Vivendo o preconceito em sala de aula in AQUINO, Groppa. **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1998.

LANDIM, Leilah (org.) **Ações em sociedade: militância, caridade, assistência etc.** Rio de Janeiro: NAU, 1998.

LANDIM, Leilah e SCALON, Maria Celi. **Doações e Trabalho Voluntário no Brasil: uma pesquisa.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

LEHER, Roberto. Tempo, autonomia, sociedade civil e esfera pública: uma introdução ao debate a propósito dos “novos” movimentos sociais na educação in GENTILI, Pablo; FRIGOTTO, Gaudêncio (orgs). A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho. São Paulo: Cortez; [Buenos Aires, Argentina]: CLACSO, 2001.

LOPES, Jobson. **Negritude, Subjetividades e Políticas Públicas.** Núcleo do PVNC MetrÓpole, Xerocopiado, s/d.

MAGGIE, Yvonne. Os novos bacharéis: a experiência do Pré-Vestibular para negros e carentes **in Novos Estudos CEBRAP, nº 59, março, p. 193 – 202, 2001.**

_____. Quando um jovem carente no meio dos tiros... **in Insight – Inteligência. Rio de Janeiro, nº 9/Edição Especial, p. 78 –86, nov 1999/abr 2000.**

_____. [et alii] Movimento de pré-vestibulares para negros e carentes. **CIEC/Pesquisas (coordenação Interdisciplinar de Estudos Culturais), 2002.**

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MOURA, Clovis. **História do Negro Brasileiro.** São Paulo: Ática, 1989.

_____. **Sociologia do Negro Brasileiro. São Paulo: Ática, 1988.**

MUNANGA, Kabengele. Mestiçagem e identidade afro-brasileira in OLIVEIRA, Iolanda de (coord.) [et alii]. Relações raciais e educação: alguns determinantes. **Niterói: Intertexto, p. 9 – 20, 1999. (Cadernos PENESB, 1).**

NASCIMENTO, Alexandre. Movimentos Sociais, Educação e Cidadania: um estudo sobre os Cursos Pré-Vestibulares Populares. **Dissertação apresentada em março de 1999 à UERJ como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em Educação.**

_____. Uma reflexão sobre projeto político. **Núcleo do PVNC Jardim MetrÓpole, xerocopiado, s/d.**

NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. As Belas Mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos. **4 ed. rev. e recomposta. São Paulo: Moraes, 1981. (Coleção educação universitária).**

OLIVEIRA, Iolanda e Silva; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e (orgs.). Identidade Negra: pesquisas sobre o negro e a educação no Brasil. **II Concurso Negro e Educação. São Paulo: ANPEd; Ação Educativa, 2003.**

OLIVEIRA, Elizabeth Serra. Diferentes sujeitos e novas abordagens da Educação Popular Urbana. **Dissertação apresentada em setembro de 2001 à UFF como requisito para obtenção do Grau de Mestre em Educação.**

PEREIRA, João Baptista Borges. O negro e a identidade racial brasileira. **In Racismo no Brasil. São Paulo: Peirópolis; ABONG, 2002, p. 65 – 72.**

Pré-Vestibular Popular Apoio Mútuo. Pré-Vestibulares Populares: onde estamos e onde queremos chegar? (s/d)

PVNC – Pré-Vestibulares para Negros e Carentes. Carta de Princípios. **Assembléia Geral, 1999, 12 p.**

RANDALL, Nancy. Racial and Ethnic Identity. **Northwestern University, October, 2001. Xerocopiado.**

ROSEMBERG, Fúlvia. Raça e desigualdade no Brasil in **GROPPA, Aquino Júlio.** Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas. **São Paulo: Summus, p. 73 – 92, 1998.**

_____. **Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura** in Educação e Pesquisa, São Paulo, vol.29, nº 1, p. 125 – 146, jan/jun, 2003.

SADER, Eder. Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-1980. **Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.**

SCHERER-WAREN, Ilse. **Movimentos sociais: um ensaio de interpretação sociológica.** Florianópolis: UFSC, 1983. (Cadernos de ciências sociais; v. 4 ; n. 1)

_____. **Redes de Movimentos Sociais. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.**

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. **Belo Horizonte: Autêntica, 1999.**

SILVA, Nelson do Valle; HASENBALG, Carlos. Tendências da desigualdade Educacional no Brasil. **Dados, 2000, vol. 43, nº 3, p.423 – 445.**

_____. Expansão Escolar e Estratificação Educacional no Brasil in **Origens e Destinos: desigualdades sociais ao longo da vida**. HASENBALG, Carlos e SILVA, Nelson do Valle (orgs). Rio de Janeiro: TOP BOOKS Editora, 2003.

SILVA, Ana Célia da. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático**. Salvador: EDUFBA, 2001.

SILVA, Maria Aparecida da. **Ações Afirmativas para o povo negro no Brasil**. In Racismo no Brasil. São Paulo: Peirópolis; ABONG, 2002, p. 105 – 121.

SILVÉRIO, Valter Roberto. **Sons negros com ruídos brancos**. In Racismo no Brasil. São Paulo: Peirópolis; ABONG, 2002, p. 89 – 104.

SPOSITO, Marília Pontes (coord.) [et alii] **O trabalhador-estudante: um perfil do aluno do curso superior noturno**. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

_____. **Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação**. Apresentado na XXII Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, set, 1999. Revista Brasileira de Educação, jan / fev / mar / abr, 2000, nº 13, p. 73 – 94. ANPEd.

_____. **O povo vai à escola: a luta popular pela expansão do ensino público em São Paulo**. São Paulo: Edições Loyola, 1984.

TEIXEIRA, Moema De Poli. Negros na Universidade: identidade e trajetória de ascensão social no Rio de Janeiro. **Rio de Janeiro: Pallas, 2003**.

VALE, Ana Maria do. Educação Popular na Escola Pública. **2 ed. São Paulo: Cortez, 1996**. (Coleção Questões da Nossa Época; v.8).

APÊNDICES

Apêndice A - Modelos dos questionários aplicados no PVNC: Cidade de Deus, Nilópolis, Tijuca e Xerém no período de 2001/2002

Apêndice B - Roteiro das entrevistas das quais participaram os sujeitos dos PVNC: Cidade de Deus, Tijuca e Xerém no período de 2001/2002.

APÊNDICE A

Modelos dos questionários aplicados no PVNC: Cidade de Deus, Nilópolis,
Tijuca e Xerém no período de 2001/2002.

PRÉ-VESTIBULAR PARA NEGROS E CARENTES

ALUNO/A

QUESTIONÁRIO

- 1 . Idade _____ anos (em 31/12/2001)
- 2 . Sexo: () Masculino () Feminino
- 3 . Você está trabalhando? () Sim () Não
- 4 . Trabalha quantas horas por dia?
() menos de 8 horas
() 8 horas
() mais de 8 horas
- 5 . Indique, com um X, o seu salário mensal atual:
() menos de 1 salário mínimo
() 1 salário mínimo
() 2 a 5 salários mínimos
() mais de 5 salários mínimos
- 6 . Você reside no mesmo bairro do PVNC? () Sim () Não
- 7 . Você cursou o 1º Grau na Escola () Pública () Particular
- 8 . Você cursou o 2º Grau na Escola () Pública () Particular
- 9 . Seu 2º Grau foi () Regular () Profissionalizante Qual? _____
- 10 . Indique, com um X, o grau de instrução do seu pai:
() não sabe ler () 1º Grau () 2º Grau () Superior () Outro
Qual? _____
- 11 . Indique, com um X, o grau de instrução da sua mãe:
() não sabe ler () 1º Grau () 2º Grau () Superior () Outro
Qual? _____
- 12 . Indique, com um X, apenas uma resposta:
() Você é responsável pelo seu próprio sustento
() Você ajuda nas despesas da casa
() Você é o(a) responsável pelas despesas da casa
() Você depende da ajuda de sua família ou de outras pessoas para se sustentar

- 13 . Indique, com um X, a sua renda familiar:
 menos de 1 salário mínimo
 1 salário mínimo
 2 a 5 salários mínimos
 6 a 10 salários mínimos
 mais de 10 salários mínimos
- 14 . Quantas vezes você tentou o vestibular? Indique com um X:
 é a 1ª vez 1 vez 2 vezes 3 vezes 4 vezes ou mais
- 15 . Que curso você escolheu, em primeiro lugar, para prestar exame vestibular/2001?
1ª _____
Por que? _____
- 16 . Quais as suas outras opções?
2ª _____ 3ª _____ 4ª _____
- 17 . Você já interrompeu seus estudos? Sim Não
- 18 . Em caso afirmativo, quantas vezes? 1 vez 2 vezes 3 ou mais
- 19 . O que você deseja alcançar com o curso superior? Marque com um X, apenas uma resposta:
 melhorias no trabalho atual
 poder ajudar outras pessoas
 mudar a sua vida pessoal
 ser valorizado socialmente
 outra resposta. Qual? _____
- 20 . Indique, com um X, apenas uma resposta. Estudar e trabalhar ao mesmo tempo é
 poder garantir a continuação dos estudos
 sofrer muito cansaço físico e mental
 não ter tempo para a família
 ter constantes problemas no trabalho
 ter dificuldades para estudar a matéria
 possível se outras pessoas (família, amigos) ajudarem
 outra resposta. Qual? _____
- 21 . Você já sofreu algum tipo de discriminação? Sim Não
- 22 . Em caso afirmativo, relate: _____

- 23 . Indique, com um X, a disciplina que você considera mais importante no PVNC:
 Português Matemática Física Química Biologia
 Cultura e Cidadania Redação História Geografia
- 24 . As aulas de Cultura e Cidadania modificaram a sua maneira de agir e pensar?
 Sim Não

25 . Em caso afirmativo, como e porque? _____

26 . Ser universitário para você representa _____

27 . Você é afrodescendente? () Sim () Não

PRÉ-VESTIBULAR PARA NEGROS E CARENTES

COORDENADOR/A

QUESTIONÁRIO

- 1 . Idade: _____ anos (em 31/12/2001)

- 2 . Sexo: () Masculino () Feminino

- 3 . Assinale com um X em quanto a sua renda familiar pode ser estimada:
() 1 a 5 salários mínimos
() 6 a 10 salários mínimos
() 11 a 15 salários mínimos
() mais de 15 salários mínimos

- 4 . Você reside no mesmo bairro do PVNC? () Sim () Não

- 5 . Você é graduado? () Sim () Não

- 6 . Em caso positivo, indique qual o curso em que se graduou: _____.

- 7 . Em caso negativo, indique se você estiver freqüentando, o curso e o período: _____.

- 8 . Você freqüentou este PVNC como aluno? () Sim () Não

- 9 . Há quanto tempo você vem atuando na Coordenação do PVNC? _____anos

- 10 . Já coordenou outro Núcleo do PVNC? () Sim () Não

- 11 . Em caso afirmativo, quanto tempo? _____ anos

- 12 . Já lecionou em algum Núcleo do PVNC? () Sim () Não

- 13 . Em caso afirmativo, quanto tempo? _____ anos

14 . O que representa para você a Carta de Princípios do PVNC?

15 . Assinale uma única resposta com um X. Para você, os alunos do PVNC ao concluírem o curso superior irão conseguir

- retorno econômico
- ascensão social
- enriquecimento cultural
- realização pessoal
- consciência comunitária
- diminuir a desigualdade sócio-cultural
- inclusão social
- outra resposta. Qual? _____

16 . Você considera a prática docente do PVNC inovadora? Sim Não

17 . Em caso positivo, em que aspectos? _____

18 . No seu entender, os temas abordados nas aulas de Cultura e Cidadania

- provocam posicionamentos políticos contra o racismo
- aprofundam a discussão sobre relações étnicas
- privilegiam o ato de ouvir e aceitar o que não pode ser modificado
- conferem ao PVNC características de Movimento Social
- identificam o PVNC com o conceito de Ação Afirmativa
- ajudam na formação de opiniões sobre assuntos atuais e polêmicos
- trazem à luz informações sobre multiplicidade de culturas e diversidade étnica
- outra resposta. Qual? _____

19 . Você é afrodescendente? Sim Não

PRÉ-VESTIBULAR PARA NEGROS E CARENTES

PROFESSOR/A

QUESTIONÁRIO

- 1 . Idade: _____ anos (em 31/12/2001)
- 2 . Sexo: () Masculino () Feminino
- 3 . Assinale com um X em quanto a sua renda familiar pode ser estimada.
() 1 a 5 salários mínimos
() 6 a 10 salários mínimos
() 11 a 15 salários mínimos
() mais de 15 salários mínimos
- 4 . Você reside no mesmo bairro do Núcleo do PVNC? () Sim () Não
- 5 . Que disciplina você leciona no PVNC? _____
- 6 . Você é graduado? () Sim () Não
- 7 . Em caso positivo, em que curso você se graduou? _____
- 8 . Em caso negativo, indique o curso e o período que você está frequentando atualmente.
Curso: _____ Período: _____
- 9 . Há quanto tempo você leciona neste PVNC? _____ anos (em 31/12/2001)
- 10 . Você já lecionou em outro PVNC? () Sim () Não Quanto tempo? _____ anos
- 11 . O que representa, para você, a Carta de Princípios do PVNC? _____

- 12 . Assinale uma única resposta com um X. Para você, os alunos do PVNC ao concluírem o curso superior irão conseguir.
() retorno econômico
() ascensão social
() ascensão profissional
() enriquecimento cultural
() realização pessoal
() consciência comunitária
() diminuir a desigualdade sócio-cultural
() inclusão social
() outra resposta. Qual? _____
- 13 . Você considera a sua prática no PVNC inovadora? () Sim () Não

14 . No caso afirmativo, em que aspectos? _____

15 . Você acha que os alunos do PVNC sofrem algum tipo de discriminação?
 Sim Não

16 . Em caso afirmativo, explicita o tipo de discriminação. _____

17 . Você participa ou participou das aulas de Cultura e Cidadania? Sim Não

18 . No seu entender, os temas abordados nas aulas de Cultura e Cidadania
 provocam posicionamentos políticos contra o racismo
 aprofundam a discussão sobre relações étnicas
 privilegiam o ato de ouvir e aceitar o que não pode ser modificado
 conferem ao PVNC características de Movimento Social
 ajudam na formação de opinião sobre assuntos atuais e polêmicos
 trazem à luz informações sobre multiplicidade de culturas e diversidade étnica
 outra resposta. Qual? _____

19 . Assinale com um X até duas respostas. Posso perceber que os alunos do PVNC
 possuem escolaridade deficiente
 necessitam trabalhar porque são pobres
 são mais velhos que os de outros pré-vestibulares
 têm filhos que interferem na sua aprendizagem
 já interromperam sua escolaridade pelo menos uma vez
 vêm no professor um exemplo de vida
 outra resposta. Qual? _____

20 . Você é afrodescendente? Sim Não

APÊNDICE B

Roteiro das entrevistas das quais participaram os sujeitos/atores dos PVNC:

Cidade de Deus, Tijuca e Xerém no período de 2001/2002.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

ALUNOS

- 1 . Por que você deseja ir para a universidade?
- 2 . Por que você procurou este curso pré-vestibular?
- 3 . Através de que/quem você soube deste curso?
- 4 . Qual o seu projeto para quando terminar o curso?
- 5 . Quem, você acha, será o maior responsável pelo seu ingresso na universidade?
- 6 . Como são as aulas do curso? Atendem às suas expectativas? São difíceis? Você acompanha bem?
- 7 . Existe alguma aula que você considera indispensável? Qual? Por que?
- 8 . Como são as aulas de Cultura e Cidadania? Descreva. Como você se sente em relação aos temas abordados nestas aulas?
- 9 . Existe preconceito racial no Brasil? Como ele pode ser combatido?

ROTEIRO DE ENTREVISTA

COORDENADORES

- 1 . Como surgiu este Núcleo do PVNC?
- 2 . Em que difere a proposta política-pedagógica do PVNC da proposta pedagógica de outros pré-vestibulares?
- 3 . Qual o seu compromisso, como coordenador, com a Carta de Princípios do PVNC?
- 4 . Existe alguma relação entre o PVNC e a Igreja?
- 5 . Os Movimentos Negros têm alguma articulação com o PVNC?
- 6 . Existe preconceito racial no Brasil? Como ele pode ser combatido?

ROTEIRO DE ENTREVISTA

PROFESSORES

- 1 . Por que você se dispôs a trabalhar num PVNC?
- 2 . Qual é, no seu ponto de vista, o seu papel no processo de ingresso dos alunos do PVNC na universidade?
- 3 . Como você avalia a Carta de Princípios do PVNC? Você a segue, integralmente, no planejamento do conteúdo das suas aulas?
- 4 . Você sente que as aulas de Cultura e Cidadania ajudam nas suas aulas? Como? Por que? Você participa dessas aulas: eventualmente, freqüentemente? Você sugeriu algum tema para debate nessas aulas? Quantas vezes?
- 5 . Existe preconceito racial no Brasil? Como ele pode ser combatido?

ANEXOS

Anexo A - Carta de Princípios do PVNC aprovada na Assembléia Geral em 18 de abril de 1999.

Anexo B - Relação Nominal dos Entrevistados dos PVNC.

Anexo C - Transcrição, na íntegra, dos discursos dos sujeitos/atores entrevistados no PVNC por Núcleos no período de 2001/2002. (Em volume separado do corpo do texto)

Anexo D - Documentos recolhidos e selecionados dentre os produzidos sobre ação afirmativa, no Brasil, no âmbito da educação.

Anexo E - Documentos recolhidos e selecionados dentre os produzidos no PVNC e produzidos sobre o PVNC, no período 1999/2004.

Anexo F - Relação dos Pré-Vestibulares para Negros e Carentes do Estado do Rio de Janeiro divulgada no ano de 1999.

Anexo G - Relação dos Pré-Vestibulares para Negros e Carentes do Estado do Rio de Janeiro divulgada no ano de 2002.

ANEXO A

Carta de Princípios do PVNC aprovada na Assembléia Geral de 18 de abril de
1999

Pré-vestibular para Negros e Carentes – Carta de Princípios

APRESENTAÇÃO

Esta CARTA DE PRINCÍPIOS tem por finalidade sistematizar as várias decisões tomadas pelo coletivo do Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC), em reuniões da Assembléia Geral e do Conselho Geral. Visa, principalmente, estabelecer os princípios e os objetivos a partir dos quais e pelos quais o PVNC está organizado, bem como servir de orientação aos vários núcleos que constituem o movimento como diretriz para os novos núcleos e elemento de atualização da memória dos núcleos já integrados ao movimento.

Por PRINCÍPIOS entendemos idéias, formulações, conceitos, convicções, opções políticas e regras que devem presidir o trabalho e as práticas do PVNC, bem como presidir as relações que se estabelecem entre os núcleos e com outras instituições sociais. Trata-se, então, da nossa visão de mundo, nossas concepções gerais sobre o ser humano, sobre a sociedade e sobre a educação. São diretrizes fundamentais para o projeto político-pedagógico do PVNC.

O PRÉ-VESTIBULAR PARA NEGROS E CARENTES

O Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC) é um movimento de educação popular, laico e apartidário, que atua no campo da educação através da capacitação para o vestibular, de estudante economicamente desfavorecidos em geral e negros(as) em particular.

Com o ensino pré-vestibular e outras ações, o PVNC que ser, em caráter geral um Movimento de luta contra qualquer forma de racismo e exclusão e, em caráter específico, uma frente de denúncia, questionamento e luta pela melhoria e democratização da educação, através da defesa do Ensino Público gratuito e de qualidade em seus níveis fundamental, médio e superior, nos âmbitos municipal, estadual e federal.

HISTÓRICO DO PRÉ-VESTIBULAR PARA NEGROS E CARENTES

O Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC), surgiu na Baixada Fluminense em 1993, em função do descontentamento de educadores com a finalidade de acesso ao ensino superior, principalmente dos estudantes de grupos populares e discriminados. O PVNC também surgiu visando a articulação de setores excluídos da sociedade para uma luta mais ampla pela democratização da educação e contra a discriminação racial.

O primeiro núcleo do pré-vestibular para negros foi concebido e organizado por David Raimundo dos Santos, Alexandre do Nascimento, Antônio Dourado e Luciano de Santana Dias, que articularam os professores.

Conseguiram 2 salas de aula no Colégio Fluminense, com isso, possibilitaram em 05 de junho de 1993, a fundação do Curso Pré-vestibular para Negros e Carentes na igreja da Matriz de São João de Meriti. Esse grupo assumiu a coordenação do curso e a primeira equipe de professores era formada por Amilton Zama Reis (História), Silvio (Geografia), Luiz Henrique, o “Zé da UERJ” (Biologia), Herme (Física), Alan (Química), José Roberto (Matemática), Kátia (Redação), Ana Maria (Português), Amauri (Inglês).

A idéia de organização de um Curso Pré-Vestibular para estudantes negros nasceu a partir das reflexões da Pastoral do Negro, em São Paulo entre 1989 e 1992.

Nesse período e como resultado concreto dessas reflexões a PUC-SP, através do Cardeal Arcebispo Dom Evaristo Arns, concedeu 200 bolsas para estudantes participantes de Movimentos Negros e Populares.

Em 1992 surgiu na Bahia uma experiência concreta, a *Cooperativa Steve Biko*, um curso Pré-Vestibular que tem como objetivo de apoiar a juventude negra da periferia de Salvador, colaborando para entrada de jovens na Universidade. No Rio de Janeiro, também em 1992, surgiu o curso *Mangueira Vestibulares*, um curso comunitário destinado aos estudantes da comunidade do Morro da Mangueira.

Anteriormente, em 1986, foi criado o curso Pré-Vestibular da Associação dos Funcionários da UFRJ (ASSUFFFRJ, atual SINTUFRJ), outra importante experiência destinada a preparar trabalhadores para o vestibular.

Essas experiências (A cooperativa Steve Biko, o curso para os trabalhadores da UFRJ e o Mangueira Vestibulares) contribuíram muito nas reflexões para a criação do PVNC.

A partir dessas idéias, motivados pelas 200 bolsas de estudo concedidas pela PUC_SP e pelas experiências da Bahia e do Rio de Janeiro, iniciaram-se, no final de 1992, na Igreja da Matriz de São João de Meriti – RJ, as discussões e articulações para a organização de um curso na Baixada Fluminense, para capacitar estudantes para o Vestibular da PUC-SP e das universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro.

O grupo que iniciou a organização do curso estabeleceu contatos com professores e com escolas para solicitar cessão de sala para a realização das aulas, realizaram o trabalho de divulgação e reuniões com os primeiros alunos interessados. A partir desses contatos a estrutura do curso foi definida e em 05 de junho de 1993 realizou-se a aula inaugural. A esse curso foi dado o nome de *Pré-Vestibular para Negros e Carentes*.

A proposta inicial baseou-se em duas constatações: em primeiro lugar, a péssima qualidade do ensino de 2º Grau na Baixada Fluminense, que praticamente elimina as possibilidades de acesso do estudante da região que é constituída em sua maioria por uma população economicamente desfavorecida e negra ao ensino superior. E, em segundo, o baixo percentual de estudantes negros nas universidades (menos de 2% dos estudantes, em 1993).

Para o primeiro curso foram feitas cerca de 200 inscrições. Dos inscritos, 100 alunos começaram a estudar em duas turmas. Muitos alunos evadiram e outros entraram durante o período de realização do curso (junho a novembro). O curso encerrou suas atividades em novembro, com 50 alunos. Desses alunos, 14% foram aprovados (uma aluna para a UFF-Niterói, um aluno para a UFF-Baixada, uma aluna para a UERJ, quatro alunos para a PUC-RJ).

Ainda em 1993, a coordenação do curso conseguiu isenções de taxa de vestibular na UERJ e na UFRJ e bolsas de estudo para estudantes aprovados para a PUC.

A partir de 1994, com o sucesso e repercussão do trabalho realizado em 1993 outros grupos (entidades populares, entidades do Movimento Negro, igrejas, educadores) organizavam novos núcleos do curso *Pré-Vestibular para Negros e Carentes*. Vale lembrar que 1994 foi o ano fundamental para o PVNC. Foi um ano de crescimento, de adesão de novos grupos, de novos núcleos, de muitas articulações, debates, conflitos e criação de novos espaços de debates e de deliberações coletivas: A Assembléia Geral, as equipes de reflexão racial e pedagógica, jornal, as aulas de Cultura e Cidadania. E 1993 foi lançada a semente, mas 1994 foi o ano em que o PVNC começou a se construir como Movimento Social de Educação Popular.

PRINCÍPIOS DO PRÉ-VESTIBULAR PARA NEGROS E CARENTES

O Pré-Vestibular para Negros e Carentes fundamenta-se nos seguintes princípios:

1. No conceito de democracia como forma de relacionamento social que incorpore a igualdade de oportunidades, garantia de vida digna (trabalho com salário justo, cuidados com a saúde, educação, previdência, moradia, terra, acesso à produção cultural), participação nas deliberações políticas, liberdade de expressão e respeito às diferenças e diversidade étnico-culturais. Cabe ressaltar que, para o PVNC, a democracia, para ser plena, deve ser também uma *democracia étnica*;
2. No conceito Ação Afirmativa como ação coletiva de afirmação de identidade e luta por relações econômicas, políticas, sociais e culturais democráticas. Trata-se de uma concepção

de Ação Afirmativa que vai além da instituição de políticas públicas direcionadas a um determinado grupo social;

3. No conceito de Educação como processo de formação de competência política, no sentido da autonomia e da emancipação humana;

4. Na idéia de que o acesso de todos a uma educação de qualidade é a principal forma de socialização do conhecimento e indispensável à construção de uma sociedade democrática, sendo, portanto um dos canais de inclusão social, de formação de cidadania e de alargamento de oportunidades para a população pobre e discriminada;

5. Na crença de que a educação, como prática de formação e emancipação humana, tem um papel importante na superação do racismo, da discriminação de gênero, da discriminação cultural e, de forma geral, das desigualdades sociais;

6. Na possibilidade de construção de um projeto de educação fundado na igualdade, na solidariedade e no respeito aos seres humanos, que deve necessariamente colocar no centro das suas preocupações os sujeitos não dominantes (por etnia, por gênero, por classe social) e valorizar a produção histórica e cultural afro-brasileira;

7. Na convicção de que a democratização da educação somente pode se concretizar na esfera pública, ou seja, através de um Sistema Público de Educação que possa garantir o acesso de todos ao conhecimento. Assim, é a Universidade e a Escola Pública, gratuitas e de qualidade, a opção política de educação do Pré-Vestibular para Negros e Carentes.

OBJETIVOS DO PRÉ-VESTIBULAR PARA NEGROS E CARENTES

São objetivos do Pré-Vestibular para Negros e Carentes:

8. Criar condições para que os estudantes discriminados, por etnia, gênero ou situação socioeconômica, concorram nos vestibulares das Universidades Públicas, em condições de aprovação e inclusão no ensino superior;

9. Realizar um trabalho de formação política, desenvolvendo atividades que contribuam para a compreensão histórico-crítica da sociedade, das relações étnicas, das contradições e conflitos da realidade social;

10. Servir de espaço público de elaboração de propostas e discussão política sobre justiça, democracia e educação;

11. Lutar contra qualquer tipo de discriminação, na sociedade e na educação;

12. Lutar pela democratização da educação, através da defesa da educação pública de qualidade, que seja também pluriétnica e multicultural;

NÚCLEOS

13. O PVNC é composto por Núcleos. Os Núcleos são os vários cursos que constituem o PVNC. Para integrar o PVNC o Núcleo de atender a alguns critérios:

14. Ter uma coordenação composta por professores, alunos e pessoas da comunidade local. A coordenação do Núcleo tem um papel fundamental para o seu funcionamento. Suas principais funções são: Recolher e administrar os recursos financeiros, apoiar os professores e administrar o material didático-pedagógico, articular alunos e professores corretamente informados sobre vestibulares, eventos importantes, atividades e articulações do PVNC, organizar e incentivar as aulas de Cultura e Cidadania;

15. Ter, pelo menos, 80% dos professores desenvolvendo o trabalho;

16. Ministras aulas de CULTURA E CIDADANIA, com a mesma carga horária das outras disciplinas;

17. Comprovar que adota o método de auto-sustentação através da cotização, ou seja, divisão das despesas com os alunos. Esta cotização deve variar entre 5 a 10% do salário mínimo. Caso existam no Núcleo alunos com dificuldades de contribuir com esse valor, a coordenação do Núcleo tem autonomia para solucionar a questão;

18. Os professores e coordenadores devem ser voluntários e estarem de acordo com os perfis dos Professores e Papel da Coordenação estabelecidos por esta Carta de Princípios; e os alunos selecionados segundo os Critérios de Seleção de Alunos, também estabelecidos por esta Carta;

19. A Coordenação deve escrever uma carta dirigida ao CONSELHO GERAL solicitando ASSENTAMENTO no PVNC, na qual deverá também constar os nomes de dois CONSELHEIROS e dois SUPLENTES, que podem ser alunos, professores ou coordenadores;

20. Cabe ao conselho Geral o assentamento do novo Núcleo em caráter experimental o Núcleo terá os mesmos direitos e deveres que os já integrados ao PVNC;

21. O assentamento definitivo do novo Núcleo será decidido após o período experimental, a partir de relatório de avaliação do Núcleo apresentado pela Secretaria Geral;

22. Os Núcleos integrados (provisória ou definitivamente) ao PVNC devem contribuir mensalmente com **10% de sua receita mensal em contribuições dos alunos**. Essa contribuição deve ser efetuada à Equipe de Tesouraria da Secretaria Geral no dia da reunião mensal do Conselho Geral ou através de comprovante de depósito na conta corrente do PVNC, cuja cópia do comprovante deve ser entregue à tesouraria também no dia da reunião do Conselho Geral;

23. O Núcleo que estiver em débito por dois meses ou mais com o PVNC perde temporariamente o direito a voto na Assembléia Geral e no Conselho Geral, bem como o direito de participar de bolsas e isenções de taxas em Universidades Públicas e bolsas de estudo em Universidades Particulares. Esses direitos são imediatamente readquiridos após o pagamento do débito ou negociação com a Secretaria Geral. Em caso de negociação esta deverá ser aprovada pelo Conselho Geral;

24. Perdem o direito de participação nas isenções de taxas e bolsas de estudo conquistadas pelo PVNC, os Núcleos que, na reunião de novembro do Conselho Geral, estiverem abaixo dos índices mínimos de participação nas discussões e decisões do movimento, ou seja,

- a) 60% de participação nas reuniões do Conselho Geral (presença em 7 reuniões);
- b) 70% de participação nas reuniões da Assembléia Geral (presença em 2 reuniões);
- c) 70% de participação nos Seminários de Formação (presença em 2 seminários);

25. O Assentamento e a Permanência do Núcleo no PVNC dependerá do cumprimento de todos os itens desta Carta de Princípios;

ASSEMBLÉIA GERAL

26. a Assembléia Geral é o órgão máximo e soberano de decisão;

27. A Assembléia Geral tem como função discutir e deliberar sobre Princípios, Objetivos, Regras e Propostas Globais;

28. A Assembléia Geral é composta por todos os integrantes do PVNC, os quais têm direito a voz e voto, desde que estejam em dia com as suas obrigações. Cabe à Secretaria Geral informar quais os Núcleos que estão habilitados a votar;

29. A Assembléia Geral se reunirá ordinariamente 3 vezes por ano;

30. A primeira reunião do Conselho Geral de cada ano deverá definir as datas das Assembléias, os locais de realização e todo o planejamento;

31. A primeira reunião do Conselho Geral ficará a cargo da SECRETARIA GERAL. Em caso de não haver nenhum membro da Secretaria Geral presente, deverá ser composta uma mesa, coordenada pela Coordenação do Núcleo onde se realizará a Assembléia Geral;

32. Toda a dinâmica da Assembléia Geral é regida pelo Regimento Interno das Assembléias do PVNC;

CONSELHO GERAL

33. O Conselho Geral é composto por 2 Conselheiros de cada Núcleo ou, na ausência destes, por 2 Suplentes, com direito a voz e voto, e se reúne com os objetivos de construir estratégias

e táticas de operacionalização das propostas aprovadas pela Assembléia Geral, elaborar o calendário e planejamento anual do PVNC, elaborar comissões temporárias para questões específicas, possibilitar a troca de informações entre os Núcleos e solicitar prestação de contas à Secretaria Geral, às equipes permanentes e comissões temporárias;

34. O Conselho Geral reúne-se todo primeiro domingo de cada mês, sempre em um dos Núcleos do PVNC;

35. Com o objetivo de descentralizar as atividades do PVNC, as reuniões do Conselho Geral serão realizadas durante quatro meses em um mesmo Núcleo. A cada quatro meses o local muda-se o Núcleo. Ao longo do ano três Núcleos devem sediar as reuniões do Conselho Geral. Devem ser escolhidos na reunião de dezembro ao ano anterior;

36. As reuniões do Conselho Geral serão abertas a qualquer membro do PVNC com direito a voz e voto. Somente têm direito a voz e voto os dois conselheiros de cada Núcleo os seus suplentes, nunca ultrapassando 2(dois) votos por Núcleo;

37. O Conselho Geral não pode mudar nenhuma decisão tomada pela Assembléia Geral;

38. A pré-pauta de cada reunião da Assembléia Geral será definida pelo Conselho Geral na reunião que a antecede, permitindo assim que os pontos de pauta sejam discutidos e amadurecidos anteriormente por cada Núcleo. A pré-pauta só poderá ser alterada pela Assembléia Geral se estiverem 50% mais 1 dos Núcleos do PVNC presentes;

39. O Conselho Geral em sua reunião de novembro deverá fornecer a todas as comissões de contato com Universidades Públicas e Particulares, a relação dos Núcleos que atenderam ao nível mínimo de participação estabelecidos nesta Carta de Princípios;

40. Cabe ao Conselho Geral, através da equipe de Reflexão Pedagógica ou de uma comissão especial constituída para este fim, a organização dos Seminários de Formação do PVNC, que são eventos realizados com a finalidade qualificar coordenadores, professores e alunos, através do estudo e o aprofundamento sobre Educação. Questões Raciais e temas emergentes. Os temas serão definidos pelo Conselho Geral;

41. Os seminários devem ser realizados 3 vezes ao ano, sempre em um dos Núcleos do PVNC. O Núcleo em que será realizado o seminário deve assumir a infra-estrutura do mesmo, com apoio financeiro da Secretaria Geral para almoço etc;

42. Os Núcleos devem informar ao Conselho Geral, antecipadamente, o número de pessoas que participarão do seminário, a fim de se evitar problemas de super lotação e falta de alimentação;

43. As equipes do PVNC são abertas à participação de qualquer membro e devem prestar contas de suas atividades ao Conselho Geral. São elas:

- a) Equipe de Reflexão Racial, cujas funções são desenvolver reflexões e análises sobre relações raciais e cultura afro-brasileira, desenvolver debates nos Núcleos sobre o tema, realizar atividades de formação de coordenadores e professores e organizar junto com a equipe pedagógica, os seminários do PVNC;
 - b) Equipe de Reflexão Pedagógica, cujas funções são desenvolver reflexões e análises sobre Educação e Pedagogia, desenvolver debates nos Núcleos e realizar atividades de formação de coordenadores e professores, organizar junto com a equipe de reflexão racial, os seminários do PVNC;
 - c) Equipe de Cultura e Cidadania, cuja função é aprofundar, planejar e elaborar propostas para as aulas de Cultura e Cidadania, dentro dos princípios e objetivos do PVNC;
 - d) Equipe de Assessoria de Imprensa, cuja função é assessorar a Secretaria Geral articulando contatos com a Imprensa;
 - e) Equipe do Jornal Azânia, cuja função é produzir o jornal do PVNC com a imparcialidade necessária a fim de contemplar as diversas opiniões e visões presentes no PVNC;
 - f) Comissões de negociação com Universidades Públicas e Particulares, com função de estabelecer contatos, manter e aprofundar relações sobre isenções de taxas e bolsas de estudo para os(as) alunos(as) do PVNC;
44. As equipes de reflexão racial, de reflexão pedagógica e de cultura e cidadania podem atuar em conjunto. Tanto no estabelecimento de um grupo de discussões e estudos, como na organização de atividades para o PVNC;

SECRETARIA GERAL

45. A Secretaria Geral tem como funções:

- a) Representar o PVNC junto à imprensa e as instituições sociais;
- b) Recolher, Administrar e Prestar Contas mensalmente dos recursos oriundos das contribuições financeiras dos Núcleos;
- c) Coordenar as reuniões do Conselho Geral e da Assembléia Geral;
- d) Conhecer e manter documentada a realidade de cada um dos Núcleos do PVNC;
- e) Manter os Núcleos informados sobre todas as atividades e articulações do PVNC;
- f) Manter organizadas todas as informações sobre o PVNC (atas, balanços financeiros, reportagens, fotografias, textos e documentos em geral) em local que Coordenadores, Professores e Alunos do PVNC possam ter fácil acesso;
- g) Executar as deliberações do Conselho Geral;

46. A Secretaria Geral é subdividida em regionais e composta por 11 membros, sendo 3 Secretários Gerais, 2 Tesoureiros e 6 Secretários Regionais;

47. Em caso de desistência, 3 faltas consecutivas ou 5 faltas alternadas sem justificativa, de qualquer membro da Secretaria Geral, este deve ser substituído imediatamente pelo Conselho Geral;

FINANÇAS

48. O PVNC é auto-sustentável. Não é admitido o recebimento de financiamento externo;

49. Os (as) alunos(as) devem contribuir mensalmente aos Núcleos, com uma taxa de 5 e 10% do salário mínimo vigente no País;

50. Os Núcleos devem contribuir com 10% da receita mensal para as atividades gerais do PVNC (Assembléias, Seminários, Jornal, Conselho etc), desde que a tesouraria esteja em dia com a prestação de contas, que deve ser mensal. Caso contrário, os Núcleos podem suspender as contribuições sem prejuízos à sua participação no PVNC. As contribuições devem ser imediatamente retomadas (inclusive as atrasadas) após a prestação de contas;

51. As contribuições dos Núcleos devem ser recolhidas pela tesouraria;

52. Os Núcleos podem organizar festas e eventos para fundos para suas atividades, que estão isentos do repasse à Secretaria Geral;

53. O Núcleo que estiver em débito com o PVNC perderá temporariamente o direito a voto na Assembléia Geral e no Conselho Geral, bem como o direito de participar de bolsas e isenções de taxas em Universidades Públicas e bolsas de estudo em Universidades Particulares. Esses direitos são imediatamente readquiridos após o pagamento do débito ou negociação com a Secretaria Geral. Em caso de negociação, esta deverá ser aprovada pelo Conselho Geral;

54. Em hipótese alguma, será concedida anistia aos Núcleos em débitos;

55. Nenhum membro do PVNC pode receber remuneração pelo trabalho realizado no Movimento;

CRITÉRIOS DE SELEÇÃO E PERFIL DE ALUNOS

56. A seleção de alunos é feita em cada Núcleo ou reunindo um grupo de Núcleos da região;

57. O aluno deve receber da coordenação do Núcleo um texto apresentando o histórico, as propostas do projeto, a importância da participação no movimento, a importância de encontros de CULTURA E CIDADANIA como um dos pilares do trabalho, as assembléias, os seminários, os conselhos, a secretaria, as equipes, o jornal etc;

58. Após a leitura do texto e concordando com o mesmo, deverá receber o formulário de Pedido de Inscrição e preenchê-lo. No mesmo, além do nome completo, endereço, escola de origem, deve ter questões com o objetivo de aferir a sua realidade socioeconômica. Outro bloco deverá colher informações sobre a percepção que o candidato tem dos problemas sociais e raciais.

59. Após preencher o formulário de pedido de inscrição o mesmo é convidado a uma entrevista individual para averiguação dos dados.

60. Só deverão ser classificados os alunos que comprovadamente são carentes, de qualquer etnia, idade e sexo. Entretanto, a coordenação deverá estar atenta para averiguar no pré-vestibular candidatos provindos das etnias historicamente oprimidas (prioritariamente os(as) candidatos(as) negros(as) na mesma proporção na sociedade brasileira;

61. Em caso de existir mais candidatos do que vagas, deverão seguir os seguintes critérios:

a) Carentes – Famílias com até 2 salários mínimos *Per capitã* os pertencentes a famílias que pagam aluguel, que possuem pessoas doentes ou idosas, filhos de pais separados e moradores de periferias. Devem ser realizadas visitas familiares para comprovação de carência;

b) Negros preferencialmente. Por ser a questão das relações desiguais entre negros e brancos a razão do movimento e de nossas lutas, sobretudo pelo alto índice de descendentes de africanos entre as camadas mais pobres e excluídas, consequência do preconceito e da discriminação que são vítimas no trabalho, no acesso à educação, nos cuidados com a saúde, no campo histórico-cultural etc;

c) Oriundos de escolas públicas preferencialmente;

d) Com o 2º Grau completo, ou esteja em vias de conclusão;

e) Cursando o 2º Grau em escolas particulares com bolsa;

f) Oriundos de Movimentos Populares. Aqueles que tenham alguma inserção nas lutas sociais, como Comunidades Eclesiais de base, Sindicatos, Associações de Classe, Entidades Filantrópicas, culturais, partidárias ou religiosas. Este critério deve ser utilizado para casos de empate;

PERFIL DE PROFESSORES

62. Sem perder de vista que o trabalho voluntário se reveste de transcendental grandeza, que dignifica quem o pratica. É importante e desejável que os professores com atuação em sala de aula possuam as seguintes características:

a) Mostrem-se conscientes do alcance público, social e educativo do movimento “Pré-Vestibular para Negros e Carentes”;

- b) Sejam altruístas e dotados de elevado sentimento de solidariedade humana;
- c) Reconheçam a importância de não conservarem qualquer preconceito racial, de gênero, político, ideológico e religioso, comprometendo-se a respeitar e tratar a todos de forma igual;
- d) Disponham-se a praticar e incentivar os alunos a prática da SOLIDARIEDADE ATIVA;
- e) Possuam sólido conhecimento das disciplinas que se disponham a ministrar, mesmo não sendo academicamente formados;
- f) Busquem desenvolver a consciência crítica dos alunos frente a realidade social, política, econômica e racial;
- g) Sejam receptivos às instruções que lhes forem passadas pela coordenação de seu Núcleo e, em caso de dúvidas, consultar e dialogar com esta;
- h) Saibam que se fizerem pelo aluno qualquer coisa que este possa fazer, sua ajuda se transformará num ato paternalista, pois induzirá o “beneficiado” à indolência, autodepreciação e dependência;
- i) Valorizem o ato de ouvir e aceitar, de forma a envolver os alunos num relacionamento franco e confiante;
- j) Que faça uso de diferentes métodos e seja consciente das limitações dos alunos;
- k) Tenham consciência do caráter inovador do projeto, como um questionamento ao sistema educacional vigente;

CRITÉRIOS PARA OBTENÇÃO DE BOLSAS

- 63. o Núcleo deve cumprir os níveis de presença em reuniões do Conselho Geral, Assembléia Geral e Seminários estabelecidos por esta Carta de Princípios, bem como estar em dia com a contribuição financeira;
- 64. O(a) aluno(a) deve estar em dia com a contribuição financeira, com a documentação atualizada e ter participação ativa no Núcleo, no decorrer do ano;
- 65. Cabe à coordenação do Núcleo o cumprimento desses critérios e informar os alunos em condições de receberem bolsas ao Conselho Geral;
- 66. Terá direito a uma bolsa em Universidade Particular, o(a) aluno(a) que prestou vestibular para uma Universidade Pública e não foi classificado(a);

CULTURA E CIDADANIA

O trabalho político-pedagógico do PVNC não deve ser uma mera extensão do automatismo da Educação. A coordenação, alunos e professores devem fazer do PVNC um espaço alternativo para se discutir e aprofundar as grandes questões que angustiam a sociedade,

priorizando a questão das relações étnicas. Para isto foi criada a matéria CULTURA E CIDADANIA.

Os debates de CULTURA E CIDADANIA devem se desenvolver sobre questões como: Racismo, Discriminação, Preconceito, Gênero, Cultura, Ideologia, Cidadania, Democracia, Políticas Públicas, Violência, Direitos Constitucionais, Cíveis e Trabalhistas, Movimentos Sociais, Conjuntura Política e Econômica, Neoliberalismo, Globalização ou temas sugeridos no interior do Núcleo através de um planejamento participativo, tendo a mesma carga horária semanal das outras disciplinas. Sua construção pedagógica é diferente das demais disciplinas, pois é aberta para que o conjunto construa uma visão de si, dos outros e da sociedade, numa dinâmica que engloba: Palestras, Debates, Análises de Filmes, Músicas e Textos, Peças Teatrais, Dinâmica de Grupos etc. Esta matéria não deve ter um único professor, devendo ser desenvolvida pela coordenação do Núcleo através de convites a pessoas especializadas nos vários assuntos específicos.

O objetivo da matéria CULTURA E CIDADANIA é realizar um amplo debate social-histórico, no sentido de potencializar as ações político-culturais dos educandos e educadores do PVNC, a partir de valores humanitários e socialistas (solidariedade, igualdade e respeito aos seres humanos) e na perspectiva de desenvolver um trabalho de conscientização e formação de militância para as lutas populares por democracia e justiça social.

ANEXO B

Relação Nominal dos Entrevistados dos PVNC

Alunos

Alexiana

Ivone

José Antonio

Marileide

Rosangela

Sérgio

Thaigon

Professores

Aline

Ana Paula

Carlos

Carolina

Gustavo

Michel

Rubens

Coordenadores

Ana Paula

Ana Paula

Cilene

Nilton

Rutineide

Sarah

ANEXO C

Transcrição, na íntegra, dos discursos dos sujeitos/atores entrevistados no PVNC

* As transcrições estão em volume separado.

ANEXO D

Documentos recolhidos e selecionados dentre os produzidos sobre ação afirmativa, no Brasil, no âmbito da educação

1. Lei nº 5465, de 03 de julho de 1968. Dispõe sobre o preenchimento de vagas nos estabelecimentos de ensino agrícola.
2. Lei 7423, de 17 de dezembro de 1985. Revoga a lei nº 5465 de 03 de julho de 1968, que dispõe sobre o preenchimento de vagas nos estabelecimentos de ensino agrícola, bem como sua legislação complementar.
3. “UERJ isentará 10 mil alunos carentes”, matéria publicada no jornal “O Dia Educação”, terça-feira, dia 25 de maio de 1999, p.09.
4. “Igualdade só para inglês ver”, matéria publicada no jornal “O Dia Educação”, na terça-feira, dia 21 de setembro de 1999, p.6/7.
5. Lei 3524 de 28 de dezembro de 2000. Dispõe sobre os critérios de seleção e admissão de estudantes da Rede Pública Estadual de Ensino em Universidades Públicas Estaduais e dá outras providências [Texto de Lei revogado].
6. “Universidade você pode chegar lá”, matéria de Immaculada Lopez, publicada na Revista RAÇA BRASIL, ano 5, nº 49, setembro de 2000, p.92.
7. “Universidades formam só 2,2% de negros no Brasil, matéria de Miriam Leitão, jornalista, publicada no jornal “O Globo, o país”, domingo, 26 de agosto de 2001, p. 3 a 5 e Elio Gaspari, p.12.
8. Lei nº 3708, de 09 de novembro de 2001. Institui a cota de até 40% para as populações negras e pardas no acesso à Universidade de Estado do Rio de Janeiro e à Universidade Estadual do Norte Fluminense, e dá outras providências.
9. Fórum Social do Rio de Janeiro “Por um outro Brasil” (World Social) levado a efeito na Universidade Cândido Mendes no período de 26 a 28 de outubro de 2001. Oficina: Movimento Pré-Vestibular para Negros e Carentes. Tema: Educação Democrática. Proponentes: Conselho de Pré-Vestibulares para Negros e Carentes. Data: 27 de outubro de 2001.
10. “Cotas para negros será ampliada” matéria de Jailton de Carvalho, Brasília, publicada no jornal “O Globo, o país”, domingo, 09 de dezembro de 2001, 3ª edição, p. 03.
11. Seminário “Universidade e desigualdades raciais” realizado no Rio de Janeiro em 24 de junho de 2002 na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Transcrição de algumas falas da Mesa Redonda integrada pela professora Yvonne Maggie do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS), Frei Davi Raimundo dos Santos da Ong EDUCAFRO e Felipe Maia da União Nacional dos Estudantes (UNE).

12. “Os negros e a política de cotas”, artigo de Luiz Felipe de Alencastro, historiador e professor titular da Universidade de Paris, publicada na Revista VEJA – Ponto de Vista, em 27 de fevereiro de 2002, p.14.
13. “Programa Diversidade na Universidade” do Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica segundo a lei 10558 de 13 de novembro de 2002.
14. Programa de Ação Afirmativa do Instituto Rio Branco: “Bolsa-Prêmio de Vocação para a Diplomacia” do Ministério das Relações Exteriores, Brasil, estabelecido em maio de 2002, por convênio entre os Ministérios da Ciência e Tecnologia, da Cultura, da Educação e do Trabalho, as fundações CNPq e Palmares e as Secretarias: Nacional de Direitos Humanos e Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, conta também com o apoio da Aliança Francesa, da Cultura Inglesa e do Centro de Seleção de Promoção de Eventos (Cespe), da Universidade de Brasília (UnB).
15. Programa “Internacional de Bolsas de Pós-Graduação da Fundação Ford” (IFP – International Fellowships Program). O Programa prioriza candidatos/as provenientes de segmentos sociais que, sistematicamente, têm tido acesso restrito ao ensino superior, 2002.
16. Síntese da III Reunião do Programa “Educação para a População Negra” que ocorreu em 10 de outubro de 2002, no Conselho Nacional de Educação (CNE).
17. Seminário “Racismo e Construção da Identidade Racial” promovido pelo Centro de Estudos Afro-Brasileiros no dia 12 de dezembro de 2002.
18. III Fórum “Iniciativas Negras – Trocando Experiências” promovido pelo Centro de Estudos Afro-Brasileiros realizado no Rio de Janeiro, de 7 a 18 de outubro de 2002.
19. “Corte de verbas causa tumulto na UERJ”, matéria publicada na Folha Dirigida – Educação, datada de 27 de junho de 2002, p. 09, sobre UERJ – cotas, vagas e cortes.
20. Debate sobre “O sistema de cotas no Rio de Janeiro” publicado na Folha de São Paulo, 5ª feira, 23 de maio de 2002, com opiniões contra e a favor da política de cotas.
21. “Cotas: ter ou não ter? Eis a questão”. Matéria publicada na Revista RAÇA BRASIL, ano 6, nº 61, edição bimestral, s/d.
22. Cartas dos leitores sobre “Políticas de Cotas” publicadas no megazine@globocom.br, Magazine – Mundão, do jornal “o Globo” na 3ª feira, 23 de julho de 2002.
23. “Desiguais na Universidade”, matéria de Andréia Antunes, entrevistando a Doutora em Antropologia Social do Museu Nacional Yvonne Maggie, publicada na Folha Dirigida – Educação, de 17 a 23 de setembro de 2002, p. 16.
24. “Direito de todas”, artigo de Pablo Gentili, Doutor em Educação, pesquisador do Programa de Políticas Públicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), publicado no Jornal da Cidadania, publicação do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), ano 8, nº 110, mar/abr de 2002, p. 15.

25. “Reserva de vagas da UERJ tem 44% de eliminados” matéria de Ediane Merola e Ruben Berta publicada no jornal “O Globo” – Rio, sábado, 28 de setembro de 2002, p. 27.
26. Lei nº 10639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no Currículo Oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira, e dá outras providências”.
27. Cartas dos leitores sobre “Políticas de Cotas” publicadas no jornal “O Globo”, domingo, 23 de fevereiro de 2003, p. 06.
28. “Feriu a autonomia universitária”, entrevista da reitora da UERJ, Professora Nilcéa Freire a Ediane Merola, jornalista, publicada no jornal “O Globo” de 23 de fevereiro de 2003.
29. Cartas dos Leitores sobre “Políticas de Cotas” publicadas no jornal “O Globo”, 4ª feira, 26 de fevereiro de 2003, p. 06.
30. “Cotas: 1 ano depois”, matéria publicada na Revista RAÇA BRASIL, ano 7, nº 72, edição bimestral, fev/mar de 2003.
31. “Educação para Negros e Carentes” matéria veiculada no site AFIRMA <http://www.afirma.inf.br/educacaoparanegros.htm>, no dia 09 de maio de 2003.
32. Ofício endereçado ao PVNC, datado de 24 de junho de 2003 enviado pela Organização Hélio Alonso de Educação e Cultura (OHAEC), mantenedora das Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA), disponibilizando bolsas de estudo integrais para o primeiro vestibular do 2º semestre de 2003 para os Cursos de Comunicação Social e Turismo.
33. “Há luz no fim do túnel da crise universitária” de Fernando Dantas publicado no jornal “O Estado de São Paulo”, domingo, 31 de agosto de 2003.
34. “Retrato falado do Brasil”, artigo de Sergio Abranches, cientista político, publicado na Revista VEJA, Em foco, em 19 de novembro de 2003, p. 27.
35. “A verdade de cada um” de Miriam Leitão, jornalista, publicada em 11 de dezembro de 2003 no jornal “O Globo Opinião”, 1ª edição, Primeiro Caderno, p. 07.
36. Cartas dos Leitores sobre “Reservas de Vagas” publicadas no jornal “O Globo”, sábado, 13 de dezembro de 2003, p.06.
37. “Mérito e Cor” de Renato Emerson dos Santos, professor da UERJ, publicado no jornal “O Globo” em 20 de maio de 2004.
38. “Lula quer cota de 50% em Universidades Federais”, matéria de Cristiane Jungblut, publicada no jornal “O Globo, o País”, 6ª feira, 14 de maio de 2004, p. 12.
39. “Projeto reduz vagas para carentes” matéria de Demetrio Weber, publicada no jornal “O Globo, o País”, 4ª feira, 11 de agosto de 2004, 2ª edição, p. 13.

40. “Eu joga a toalha” artigo de Azuete Fogaça, professora da Universidade Federal de Juiz de Fora e do Mestrado em Educação da Universidade Estácio de Sá do Rio de Janeiro, publicado no jornal “O Globo, Opinião”, em 11 de agosto de 2004, 4ª feira, p. 07.

41. Cartas dos Leitores em resposta ao artigo “Eu joga a toalha” da professora Azuete Fogaça, publicada no jornal “O Globo”, 6ª feira, 13 de agosto de 2004, p. 06.

42. Cartas dos Leitores sobre “Racismo” publicadas no jornal “O Globo”, 3ª feira, 17 de agosto de 2004.

43. “O Brasil é cego para as diferenças raciais” entrevista de Kimberlé Crenshaw sobre Ações Afirmativas à jornalista Letícia Helena publicada no jornal “O Globo, o País”, 3ª feira, 7 de setembro de 2004, p. 13.

44. “Universidade Brasileira, Território dos Brancos”, um estudo da UERJ com base no Censo, prova que só 1 entre 50 negros adultos consegue concluir o curso superior, matéria de Fernando da Escossia, publicada no jornal “O Globo”, 2ª edição, domingo, 24 de outubro de 2004.

ANEXO E

Documentos recolhidos e seleccionados dentre os produzidos no PVNC e produzidos sobre o PVNC no período de 1999/2004

1. Calendário das atividades ordinárias do conjunto do PVNC aprovado em reunião do Conselho Geral de 12 de dezembro de 1999.
2. Informativo PVNC nº 06 produzido pela Secretaria Executiva datado de 23 de fevereiro de 2000.
3. Manual B a Ba do Blá Blá Blá da XX Assembléia do PVNC em abril de 2000. Este manual tem a intenção de informar sobre alguns termos e assuntos que acontecem no plenário. O manual é dirigido a quem nunca esteve presente em um evento do PVNC (Assembléia, Conselho e Seminário).
4. Programação do 1º Congresso de Pré-Vestibulares Comunitários da Zona Sul (1º COPRECOS). Tema: “Educação para Todos: Desafios e Perspectivas no Rio de Janeiro”, março de 2002.
5. Registro da Reunião do Conselho dos PVNC realizada em Saracuruna, no PVNC Castro Alves em 05 de maio de 2002.
6. Registro da Assembléia Geral do PVNC realizada em Caxias, na Faculdade Unigranrio (AFF) em 23 de junho 2002.
7. Programação do II Encontro Nacional de Cursos Pré-Vestibulares Populares sobre o tema “Do direito à Universidade à universalização dos direitos” realizado de 30 de agosto a 02 de setembro de 2002, organizado pelo Fórum de Pré-Vestibulares Populares do Estado do Rio de Janeiro com o apoio do PVNC dentre outros.
8. Programação de julho a dezembro de 2002 no Museu da República sob o tema “O trabalho da Multidão: império, biopoder e resistência”, coordenada pelo Labtec/EPPG/UFRJ, Museu da República, Programa IDEA/ECO/UFRJ com parceria do PVNC dentre outros.
9. Convocação feita em 05 de dezembro de 2002, para Seminário de apresentação da Proposta da Comissão de Apoio ao Estudante. A comissão foi constituída para formular propostas de “medidas de permanência” para estudantes de baixa renda, a partir das leis de cotas de 40% para negros e 50% para escolas públicas.
10. Convocação para Encontro de Pré-Vestibulares Populares para avaliação, reflexão e formulação de propostas e articulações a ser realizado no dia 14 de dezembro de 2002, na UERJ. Estão convocados coordenadores educadores, educandos e colaboradores dos Pré-Vestibulares Populares.
11. “Esforço Compensado”, matéria de Edu Casaes, da Rocinha e Vilma Homero da Redação, publicada em 12 de março de 2003 sobre Políticas Afirmativas e PVNC.
12. “PVNC: 10 anos de existência e resistência”, artigo de Alexandre do Nascimento para o Informativo “PVNC – 10 anos”, 6ª feira, 06 de junho de 2003.
13. Registro da 2ª Assembléia de 2003 realizada no dia 14 de julho de 2003, em Petrópolis.

14. Calendário do PVNC para o ano de 2003, prevendo as Assembléias Gerais e as Reuniões do Conselho.

15. “Aula Inaugural do Pré-Vestibular para Negros e Carentes na UERJ reúne quase 700 pessoas”. Comunicado da Equipe PPCor em 28 de abril de 2004 sobre a aula inaugural promovida pelo PVNC e pelo Programa Políticas da Cor no Auditório 11 da UERJ.

16. Exemplar do Jornal Azânia, informativo do Movimento de Pré-Vestibulares para Negros e Carentes, número 2, ano 11, julho de 2004.

ANEXO F

Relação dos PVNC do Estado do Rio de Janeiro divulgada no ano de 1999

Nome	Endereço	Bairro/Município
Núcleo Tijuca	Rua São Francisco Xavier, 95	Tijuca
Núcleo Complexo do Alemão	Travessa Chiapas, s/n	Jardim Guadalajara/Bonssucesso
Núcleo Pavuna	Pça Nossa Senhora das Dores, s/n	Pavuna
Núcleo Columbia	Rua Fausto de Castro, s/n	Parque Columbia
Núcleo Anchieta	Rua General Augusto Sisson, s/n	Anchieta
Núcleo N. S. de Nazaré	Pça Nossa Senhora de Nazaré, s/n	Anchieta
Núcleo Anil	Av. do Canal do Anil, s/n	Anil
Núcleo Cidade de Deus	Rua Edgar Werneck, 550	Cidade de Deus
Núcleo Taquara	Estrada do Rio Grande, 3840	Taquara
Núcleo Praça Seca	Rua Barão, 585	Jacarepaguá
Núcleo Realengo	Rua Princesa Leopoldina, s/n	Realengo
Núcleo Paróquia B. Pastor e N.S. de Fátima	Rua Vitor Alves, 404	Campo Grande
Núcleo Paciência	Rua Romeu Cocco, 228	Conjunto Cesarinho/Paciência
Núcleo Cesarão	Rua 12, 58 casa 1	Santa Cruz
Núcleo Paróquia N.S. da Conceição	Pça Dom Romualdo, 11	Santa Cruz
Núcleo Austin	Estrada José Luiz da Silva, 740	Austin/Nova Iguaçu
Núcleo Bairro da Luz	Rua Joaquim Cardoso de Matos, 440	Bairro da Luz/Nova Iguaçu
Núcleo Cabuçu	Av. Abílio Augusto Távora, 5950	Cabuçu/Nova Iguaçu
Núcleo Edson Passos	Av. Castelo Branco, 322	Edson Passos/Nova Iguaçu
Núcleo Vila Operária	Rua Machado Coelho, s/n	Vila Operária/Nova Iguaçu
Núcleo Sagrada Família	Raimundo Brito Oliveira, 216	Posse/Nova Iguaçu
Núcleo Catedral Nova Iguaçu	Av. Marechal Floriano Peixoto, 2262	Centro/Nova Iguaçu

Núcleo Rosa dos Ventos	Estrada da Palhada, 3555	Rosa dos Ventos/Nova Iguaçu
Núcleo CAC-São João de Meriti	Rua da Prata, 797	Coelho da Rocha/São João de Meriti
Núcleo Coelho da Rocha	Rua Matriz, 3600	Coelho da Rocha/São João de Meriti
Núcleo Éden	Pça Aldo Albuquerque, s/n	Éden/São João de Meriti
Núcleo Vila Rosali	Avenida Fluminense, s/n	Vila Rosali/São João de Meriti
Núcleo Metodista São João de Meriti	Rua Matriz, 687	São João de Meriti
Núcleo Matriz	Rua Cel. Henrique da Fonseca, s/n	Centro/São João de Meriti
Núcleo São João de Meriti	Av. Comendador Teles, s/n	Vilar dos Teles/São João de Meriti
Núcleo Comunidade São José	Rua Cristóvão Berberéia, 312	Engenheiro Belford/São João de Meriti
Núcleo Henfil, Chico e Betinho	Avenida Getúlio Vargas, s/n	Vila São José/São João de Meriti
Núcleo Metrópole	Avenida do Comércio, s/n	Metrópole/Belford Roxo
Núcleo Nossa Senhora da Conceição	Rua Padre José Beste, 701	Centro/Belford Roxo
Núcleo Pastoral da Juventude	Avenida Presidente Kennedy, 1861	Centro/Duque de Caxias
Núcleo Cora Coralina	Avenida Presidente Kennedy, Km 12	Cidade dos Meninos/Duque de Caxias
Núcleo Nova Campina	Avenida A, s/n	Nova Campina/Duque de Caxias
Núcleo AFE-UNIGRANRIO	Rua José de Souza Erdi, 160	25 de Agosto/Duque de Caxias
Núcleo Engenho do Porto	Rua Risoleta Caetano, 236	Engenheiro Portela/Duque de Caxias
Núcleo Pilar	Avenida Nossa Senhora do Pilar, 300	Pilar/Duque de Caxias
Núcleo FEUDUC	Avenida Presidente Kennedy, 9422	São Bento/Duque de Caxias
Núcleo André Rebouças	Avenida Presidente Kennedy, s/n	São Bento/Duque de Caxias
Núcleo Saracuruna	Rua XV de Novembro, s/n	Saracuruna/Duque de Caxias
Núcleo Niterói	Rua Dr. Celestino, 74	Centro/Niterói
Núcleo Petrópolis	Rua General Marciano Magalhães, 251a	Morin/Petrópolis

ANEXO G

Relação dos PVNC do Estado do Rio de Janeiro divulgada no ano de 2002

Nome	Endereço	Bairro/Município
Núcleo ABM	Rua Luis Alves Cavalcante, 25	Vilar dos Teles/São João de Meriti
Núcleo Anil	Estrada Engenho D'Água, s/n	Jacarepaguá/Rio de Janeiro
Núcleo Bairro da Luz	Rua Joaquim Cardoso de Matos, 440	Bairro da Luz/Nova Iguaçu
Núcleo Cabuçu	Estrada de Madureira, 5958	Jardim Laranjeiras/ Nova Iguaçu
Núcleo Castro Alves	Rua Coronel Carlos Mattos, 22	Saracuruna/Duque de Caxias
Núcleo Catedral Santo Antônio	Avenida Marechal Floriano Peixoto, 2262	Centro/Nova Iguaçu
Núcleo Cesarinho	Rua Romeu Cocco, 288	Paciência/Rio de Janeiro
Núcleo Cidade de Deus	Rua Edgar Werneck, s/n	Cidade de Deus/Rio de Janeiro
Núcleo Consciência, União e Cidadania	Rua Barão, 585	Praça Seca/Rio de Janeiro
Núcleo Cora Coralina	Avenida Presidente Vargas, Km 13	Cidade dos Meninos /Duque de Caxias
Núcleo Dandara	Rua Desembargador Lima Castro,n/n	Fonseca/Niterói
Núcleo Édem	Praça Alda de Albuquerque,s/n	Édem/São João de Meriti
Núcleo Edson Passos	Rua Paraná, 175	Centro/Mesquita
Núcleo Em Busca do Trote	Rua Sueli, s/n	Parque São José/Belford Roxo
Núcleo Engenho do Porto	Rua Risoleta Caetano,232	EngenheiroPortela/Duque de Caxias
Núcleo FEUDUC	Avenida Presidente Kennedy, 9422	São Bento/Duque de Caxias
Núcleo Ganga Zumba	Rua Interlagos, 99	Praça Seca/Rio de Janeiro
Núcleo Jacarezinho	Rua Darcy Vargas, 12	Jacarezinho/Rio de Janeiro
Núcleo José Bonifácio	Rua Juparaná	Parque José Bonifácio/ São João de Meriti
Núcleo Marinheiro João Cândido	Avenida Automóvel Clube, s/n	Centro/São João de Meriti
Núcleo MetrÓpole	Avenida do Comércio, s/n	Jardim MetrÓpole/ São João de Meriti
Núcleo Nilópolis	Avenida Getulio Vargas, 555	Nilópolis/Nilópoils

Núcleo Nossa Senhora de Fátima	Rua Barros Peixoto, 466	Banco de Areia/Mesquita
Núcleo Nossa Vitória	Avenida Miguel Couto, s/n	Covanca/Duque de Caxias
Núcleo Paciência	Estrada dos Vieiras, 90	Paciência/Rio de Janeiro
Núcleo Petrópolis	Rua Frei Luís, 62	Montecaseros/Bingen/Petrópolis
Núcleo Piabetá	Rua Brasil, s/n	Piabetá/Magé
Núcleo Pilar	Rua Corintias, s/n	Pilar/Duque de Caxias
Núcleo Posse	Av. Henrique Duque Estrada Méier, s/n	Posse/Nova Iguaçu
Núcleo Rio das Pedras	Rua Bougainville, s/n	Floresta/Rio das Pedras/Rio de Janeiro
Núcleo Santa Cruz da Serra	Rua Alagoas, 12	Santa Cruz da Serra/Duque de Caxias
Núcleo São Mateus	Rua Hermont, 107	São Mateus/São João de Meriti
Núcleo Solano Trindade	Rua Odessa, 456	Jardim Primavera/Duque de Caxias
Núcleo Tijuca	Rua São Francisco Xavier, 95	Tijuca/Rio de Janeiro
Núcleo Vila Operária	Rua Machado Coelho, 410	Vila Operária/Nova Iguaçu
Núcleo Vila Tiradentes	Rua Laura Arruda, s/n	Vila Tiradentes/São João de Meriti
Núcleo Xerém	Rua Benjamin Dumontes, 3	Vila Santa Alice/Duque de Caxias